



série
ENVOLVENTE
livro 4.5

um romance de
JUJU FIGUEIREDO



série
ENVOLVENTE
livro 4.5

COM BUS TAO

um romance de
J U J U F I G U E I R E D O

COPYRIGHT 2020 © JUJU FIGUEIREDO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
CRIADO NO BRASIL.
CAPA: WILL NASCIMENTO
REVISÃO: HELLEN CAROLINE
DIAGRAMAÇÃO DIGITAL: JUJU FIGUEIREDO

**ESTÁ É UMA OBRA DE FICÇÃO. SEU INTUITO É ENTRETER PESSOAS
NOMES, PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS DESCRITOS
SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DA AUTORA. QUALQUER
SEMELHANÇA COM NOMES, DATAS E ACONTECIMENTOS É MERA
COINCIDÊNCIA.**

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. SÃO PROIBIDOS O ARMAZENAMENTO
E/OU A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESSA OBRA, ATRÁVEZ
DE QUAISQUER, MEIOS — TANGÍVEL OU INTANGÍVEL — SEM O
CONSENTIMENTO ESCRITO DA AUTORA.**

**CRIADO NO BRASIL. A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS É CRIME
ESTABELECIDO NA LEI Nº 9.610/98 E PUNIDO PELO ARTIGO 184 DO
CÓDIGO PENAL.**

Sumário

[Nota da autora](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo Um](#)

[Prólogo Dois](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Geórgia](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 2](#)

[Geórgia](#)

[Pierre](#)

[Capítulo 3](#)

[Geórgia](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 4](#)

[Geórgia](#)

[Capítulo 5](#)

[Pierre](#)

[Geórgia](#)

[Capítulo 6](#)

[Geórgia](#)

[Pierre](#)

[Ariane](#)

[Capítulo 7](#)

[Ariane](#)

[Pierre](#)

[Capítulo 8](#)

[Geórgia](#)

[Samuel](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 9](#)

[Pierre](#)

[Capítulo 10](#)

[Geórgia](#)

[Pierre](#)

[Capítulo 11](#)

[Ariane](#)

[Capítulo 12](#)

[Pierre](#)

[Geórgia](#)

[Capítulo 13](#)

[Ariane](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 14](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 15](#)

[Geórgia](#)

[Capítulo 16](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 17](#)

[Ariane](#)

[Capítulo 18](#)

[Pierre](#)

[Capítulo 19](#)

[Geórgia](#)

[Capítulo 20](#)

[Samuel](#)

[Geórgia](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 21](#)

[Pierre](#)

[Ariane](#)

[Capítulo 22](#)

[Geórgia](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 23](#)

[Ariane](#)

[Capítulo 24](#)

[Geórgia](#)

[Samuel](#)

[Geórgia](#)

[Capítulo 25](#)

[Ariane](#)

[Pierre](#)

[Geórgia](#)

[Epílogo](#)

[Ariane](#)

[Geórgia](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras da autora](#)



NOTA DA AUTORA

Olá amores, tudo bem?

Este livro não estava no planejamento da série Envolvente, mas ao finalizar o livro 4 da série, Meu Policial Envolvente, alguns personagens precisavam de um desfecho mais adequado, sem pontas abertas.

Assim nasceu Combustão, livro 4.5 da Série Envolvente.

Para a leitura deste livro recomenda-se a leitura do livro 4 da série Envolvente, pois a partir da segunda parte as cenas são entrelaçadas a este livro.

Espero que gostem e se apaixonem mais um pouco por quatro pessoas que tiveram seus destinos cruzados.



SINOPSE

Quatro pessoas completamente diferentes.

Quatro destinos traçados por escolhas.

Geórgia cresceu jurando vingança aos assassinos de seus pais e irmão, se tornar agente especial foi apenas um ponta pé para algo muito maior.

Ariane teve sua vida marcada no momento em que sua mãe morreu, fazendo-a tomar decisões que marcariam sua vida para sempre.

Pierre escolheu cumprir uma promessa feita em um leito de morte, o que ele não sabia é que essa promessa custaria sua liberdade.

Samuel precisava tomar as rédeas de sua vida, já estava conformado com o destino traçado para ele, mas não contava que o jogo fosse virar, e apenas uma escolha tinha que ser feita para que ele fosse liberto.

Amores não correspondidos, inseguranças, medo.

Dois casais tentando descobrir como sobreviver em meio a mentiras e segredos.

Dois casais descobrindo que entre o amor e ódio existe uma linha tênue, mas o que eles não sabiam era que essa linha podia entrar em Combustão.



PLAYLIST SPOTIFY

Os capítulos possuem um trecho de músicas ouvidas durante o período de escrita, todas juntas em uma playlist no spotify

[https://open.spotify.com/playlist/22Asq4jOdiJH49r1NTV2iQ?
si=kROjUX7QSvGC2Fz5A_4ibg](https://open.spotify.com/playlist/22Asq4jOdiJH49r1NTV2iQ?si=kROjUX7QSvGC2Fz5A_4ibg)



EPÍGRAFE

*Ninguém vê, ninguém sabe
Nós somos um segredo, não podemos ser expostos
É como isso é, é como isso será
Longe dos outros, perto um do outro
Uncover – Zara Larson*

PRÓLOGO UM

Samuel

*Amar pode machucar
Amar pode machucar às vezes
Mas é a única coisa que eu conheço
Quando fica difícil
Você sabe, às vezes pode ficar difícil
É a única coisa que nos faz sentir vivos
Photograph – Ed Sheeran*

São Paulo – Brasil

Algumas coisas em nossas vidas não podem ser explicadas, muito menos questionadas. Temos muitos defeitos e um deles é julgar as pessoas sem conhecer o seu lado da história, agimos com raiva e acabamos magoando quem amamos.

O ser humano tem por dom dizer exatamente o que não deve em

momentos errados. É sempre assim, em filmes e livros, não importa o que você queira que aconteça, quando menos esperamos estamos agindo da maneira errada.

Não pense que comigo foi diferente, que não agi por impulso ou que não tenha magoado as pessoas a minha volta, pois eu fiz isso. Talvez por medo ou insegurança, ou simplesmente porque estava casando de sofrer, mas eu fiz.

Se me arrependo? Todos os dias.

Faria diferente? Possivelmente não, às vezes temos que levar quedas de lugares altos ou simplesmente quebrar a cara inúmeras vezes antes de nos darmos conta do erro que cometemos.

A verdade é que sempre iremos cometer erros, julgar, nos deixar levar por picuinhas e pensar que temos razão em tudo, cabe a nós mesmos tentarmos enxergar a verdade por cima do nosso ego e do orgulho, para podermos fazer a escolha certa.

— Amor, ainda está acordado? — Tirei os olhos da tela do notebook e olhei para cima, minha esposa estava usando apenas uma camisola, os olhos pequenos tentavam me enxergar apenas com a luz do pequeno abajur acesso ao lado da minha mesa.

— Estava terminando um relatório — falei ao tirar os óculos, cocei os olhos e me espreguicei.

— São 3 da manhã, Samuel, vamos dormir?

— Pode ir deitando, querida, vou passar apenas no quarto da Alice e sigo para o nosso.

— Tá bom.

Arrodeou a mesa e beijou minha testa.

— Te amo.

— Também te amo, querida.

Pude observar a sombra de um sorriso em seus lábios, então ela se afastou e me deixou sozinho. A porta se fechou e voltei a olhar o notebook. Minimizei o documento e abri o e-mail que haviam me mandado mais cedo, fiz o download do anexo e sorri ao ver que era um convite para um batizado. No corpo do e-mail havia apenas uma pequena mensagem.

“Gostaríamos que viessem para o batizado da Lauren. Sabemos que é difícil, mas se puderem ficaríamos imensamente felizes.

A&P”

Eles sabiam que era impossível que fôssemos, mas mesmo assim nos mandaram o convite.

O que eu disse mais cedo sobre escolha certa? Ah, sim, que temos que saber todos os lados antes de julgar. Eu descobri todos os lados da minha história, descobri mais do que queria e fui obrigado a fazer uma escolha.

Respirei fundo e desliguei o notebook, apaguei o abajur aceso e fechei

o escritório. Subi para o quarto da Alice e abri a porta. Minha pequena tinha dois anos e eu me perguntava se eu merecia tamanho presente em minha vida. Com todo o cuidado eu a cobri e beijei sua testa, observando em seguida seus traços delicados. Alice havia puxado várias características da mãe, uma delas era a personalidade explosiva, coisa que tentávamos controlar a todo custo.

Deixei seu quarto e fui para o meu, já desabotoando a camisa no caminho. Fechei a porta e fui para o banheiro, precisava de um banho.

Quando me deitei, não peguei no sono imediatamente, fiquei observando minha esposa dormir serenamente. Se as pessoas soubessem como foi o início do nosso relacionamento, jamais diriam que formávamos aqueles casais de capa de revista, estávamos bem longe disso. Nossa história era conturbada, tomamos decisões erradas e falamos coisas que nos magoaram, mas ali estávamos nós. Discutíamos todos os dias, coisas bobas, como esquecer a toalha molhada em cima da cama, quando me esquecia que tinha que buscar a Alice na creche, quando eu passava tempo demais na delegacia.

O Cotidiano.

Éramos opostos.

Brigávamos e nos amávamos na mesma medida.

Bastava apenas um toque para que entrássemos em combustão,

soltando faíscas por todos os lados. Uma verdadeira explosão. Mas eu gostava disso, não tínhamos uma vida monótona. Na verdade, desde que começamos nossas vidas juntos nada era monótono.

A nossa história? Bem, nossa história não é tão longa, mas teve lágrimas, dor, saudade, medo, insegurança, mortes, drama e muito mais coisas que eu seria incapaz de enumerar agora.

Geórgia suspirou ao meu lado e virou o corpo para mim, seu rosto estava sereno, sem preocupações e sem dúvidas. Sorri e fechei os olhos, me lembrando exatamente como tudo começou.

PRÓLOGO DOIS

Ariane

*Porque, querido, tudo que você é
É tudo que eu preciso
Você é tudo para mim
Querido, cada parte
É quem você deveria ser
Porque você foi feito pra mim
E você é tudo que eu preciso
Everything I Need – Skylar Grey*

MOSCOU – RÚSSIA

Abri os olhos lentamente, meu olhar parando imediatamente no berço ao meu lado. Lauren já havia acordado e estava brincando com alguns dedos na boca, balbuciando palavras incompreensíveis. Ela olhava para o móvel pendurado no berço.

Me sentei e suspirei, passando as mãos nos cabelos curtos. Levantei e

fui direto para o banheiro, tomei um banho rápido, escovei os dentes e voltei para dar de *mamá* para minha princesa. Me sentei na poltrona e esperei a pequena pegar o seio direito, quando ela começou a mamar e me olhar enquanto fazia isso, sorri.

Em toda a minha vida eu nunca me imaginei sendo mãe. Se passaram várias situações na minha mente sobre o que eu poderia querer no futuro, mas em nenhum momento a maternidade passou pela minha cabeça. Eu não sabia se seria uma boa mãe, eu era totalmente o oposto do que uma mãe deveria ser, não tinha paciência com crianças, muito menos afinidade com elas.

Mas bastou saber que eu carregava uma nova vida dentro de mim que um instinto materno se apoderou de mim como se eu tivesse com ele por toda a minha vida.

Eu daria a vida pela minha filha, faria tudo por ela. Porque ser mãe ia além do ato de carregar um filho por nove meses, era amar além do que se julga possível, era proteger, era ficar horas e horas apenas olhando para ela, sem saber o que fazer com todo aquele sentimento que parecia querer transbordar do meu peito.

Após Lauren ficar satisfeita, ela pegou no sono novamente. Acomodei seu corpinho no berço e beijei sua testa. Saí do quarto, indo para a cozinha para preparar o café.

Coloquei a água no fogo e peguei meu celular, queria ter notícias do

meu marido, ele estava de plantão e até agora não tinha dado notícias.

Eram 6 da manhã e eu telefonei para ele. Chamou, chamou e chamou. Quando pensei que fosse cair na caixa postal, ouvi sua voz grave do outro lado da linha.

— *Meu amor, bom dia, está tudo bem? A Lauren está bem?* — Sorri.

A cada dia que passava, mais apaixonada eu ficava.

— Bom dia, amor. Eu estou bem, a Lauren também. Como você está?

— *Cansado. Quero apenas dormir quando chegar em casa.*

— Algum caso especial? — perguntei, preparando o café para coar.

— *Nada em especial, apenas ficar aqui durante a noite. Estou com saudades de vocês duas.*

— Também estamos com saudades — falei e me encostei no balcão.

— *E a Lauren?*

— Dormindo. Já mamou e voltou a dormir, agora só acorda mais tarde.

— *Tem uma semana que enviei um e-mail para o Samuel convidando-os para o batizado dela. Até agora não obtive resposta.*

— Seria ótimo se eles viessem, mas arriscado também.

— *Sim, eu sei. Por isso não espero resposta. Mas gostaria que eles fossem padrinhos.*

— Eu também. Apesar de todo o passado eles são boas pessoas.

— *Sim, eles são. Eu tenho que desligar, amor. Estarei em casa para o almoço. Amo você.*

— Eu também amo você.

Encerrei a ligação e suspirei.

Em toda a minha vida eu nunca imaginei que algum dia eu pudesse ser amada de volta por ele, parecia apenas um sonho distante. Mas ele me amou desde o início. Só não sabia disso.

A força dos nossos sentimentos são poderemos, e se não tivermos cuidados eles podem nos destruir de uma maneira irreversível.

Eu pensei que esse sentimento fosse me destruir e acabar comigo, mas ele me deixou mais forte e me tornou a mulher que eu sou hoje.

Nossa história não foi simples, não foi fácil, muito menos bonita no início, mas ele cumpriu todas as suas promessas, ele matou e morreu por mim. E isso, isso era muito mais do que eu merecia.



PARTE UM

Existem vários tipos de amor, várias maneiras de se amar

Existem amores que se entendem só com o olhar

ou aqueles que começaram por se odiar.

Existe amor egoísta,

existe aquele que aparece sem deixar nenhuma pista.

Cada amor é um amor.

Cada um tem seu sabor.

Cada um tem sua intensidade.

Amor que é amor nunca acaba de verdade.

Desconhecido

CAPÍTULO UM

Georgia

*O que for preciso
Pois eu adoro a adrenalina nas minhas veias
Eu faço o que for preciso
Pois eu adoro a sensação
De quando eu quebro as correntes
Whatever It Takes – Imagine Dragons*

8 ANOS ANTES

PARIS – FRANÇA

— É sério isso? — Praticamente invadi a sala da Natalie, caminhei até a mesa, jogando a pasta em cima dela.

Natalie levantou os olhos do computador e me encarou, cruzando os braços.

— Não sei porque a surpresa.

— Eu disse que não queria treinar os novos agentes.

— E eu me lembro de ter dito que você não tomava decisões aqui dentro.

— Está me punindo? — perguntei, me apoiando na mesa.

— Entenda como quiser, Geórgia. Sua vida, da sede da Interpol para fora, não me interessa nem um pouco, mas sua vida aqui dentro me diz respeito e quando alguma coisa ameaça a minha unidade eu ajo. Sempre foi assim.

Me endireitei e respirei fundo.

— Natalie...

— Geórgia, entenda. — Se levantou e caminhou até estar ao meu lado. — Não mandamos no coração, sei que você está me escondendo algo. Sei que está mais envolvida com Pierre Dubois do que quer admitir, mas na vida todos nós pagamos por aquilo que escolhemos. Você sabe que ele é procurado, sabe do que ele é capaz de fazer.

— Nem sempre foi assim — falei, abaixando a cabeça.

— Eu sei, mas pessoas mudam o tempo inteiro. — Segurou meus ombros e abriu um pequeno sorriso para mim. — É a sua amiga falando aqui agora. Aquele homem grita perigo em todas as partes. E você é uma mulher que adora enfrentar o perigo, mas procura por isso exatamente por precisar da adrenalina que essa aventura te proporciona.

— Não é aventura, Natalie — disse e me virei, passando as mãos nos cabelos e me virando novamente para olhá-la. — Você nunca se apaixonou, por isso diz isso.

— Verdade, nunca me apaixonei, minha vida é a Interpol e você sabe, não trocaria nada disso por um amor, mas nós duas somos diferentes nesse aspecto, você procura algo para aliviar esse vazio dentro de você.

Neguei e respirei fundo, algumas coisas eram impossíveis de mudar e uma delas era a cabeça de uma das diretoras da unidade de agentes secretos da Interpol, Natalie Brunet. Uma mulher de 35 anos, completamente focada na carreira, que acha que o amor é algo inútil na sua vida.

— Ainda não entendo porque tenho que treinar os novatos. — Mudei de assunto. Pierre não era um terreno seguro para conversar com ela.

— Ora — disse, voltando para a sua cadeira. — Eles precisam ser treinados por uma das nossas melhores agentes secretas, não acha?



Fazia algumas anotações enquanto observava os alunos no treinamento de luta corporal. Eles eram bons, muito bons, mas podiam se tornar melhores. Não era à toa que haviam sido escolhidos a dedo para entrarem para a unidade secreta da Interpol, uma subdivisão criada alguns anos antes pelo diretor que decidiu que tínhamos que fazer algo a mais do que apenas monitorar agentes policiais em outros países.

Eu fazia parte do primeiro grupo a ser escolhido, passei por um treinamento pesado e intenso, onde muitas vezes pensei em desistir, mas bastava lembrar do meu objetivo que eu resistia e seguia em frente.

Não conquistamos nada na vida sem lutas.

E eu queria apenas uma coisa: vingança.

Apenas isso.

— Alguém chama o médico! — gritaram, chamando minha atenção.

Levantei o olhar e vi que os alunos haviam formado uma rodinha afastada do local onde eu estava. Ouvi gritos e um choro, alguém havia se machucado.

— Chame o médico, Clair — falei, me levantando e indo até o local.

— O que aconteceu? — perguntei assim que os alunos se afastaram para que

eu passasse.

Me abaixei para olhar a menina que estava deitada no chão com um braço em cima da barriga.

— Talvez eu tenha colocado força demais na hora de aplicar o golpe — um rapaz falou, dando um passo para frente.

Olhei para ele e me perdi por um momento. Ele era lindo, apesar de ser jovem demais. Os olhos castanhos escuros e a barba por fazer davam um aspecto de ele ser um pouco mais velho, chutaria que tinha uns 18 anos.

— Qual o seu nome? — perguntei para a menina deitada no chão.

— Blair — respondeu, soltando um gemido em seguida.

— Certo, Blair, já pedi para chamarem o médico. Acredito que você tenha quebrado o braço, mas ficará tudo bem.

Ela apenas assentiu, mas sua cara de dor não indicava confiança.

Respirei fundo e olhei para o garoto que havia iniciado tudo isso.

— Na minha sala. — Me levantei, já me afastando do grupo, mas quando vi que ele não me seguia, me virei e o vi me encarando. — Agora!

Ele deu um sorriso irônico e levantou as mãos, um claro sinal de rendição. Dei as costas para ele e rolei os olhos. Se ele estava achando que podia agir como quisesse ali dentro, estava muito enganado.



— Como ela vai ficar? — perguntei para a médica.

— Bem. Não quebrou o braço, apenas deu mau jeito no pulso, mas recomendo repouso e nada de exercícios que possam forçar o uso do braço imobilizado.

— Me certificarei disso.

— O que vai acontecer com o rapaz que fez isso? — perguntou enquanto anotava algo no prontuário.

— O mandei para a Natalie, irei até a sala agora mesmo para saber o que ficou resolvido.

A médica apenas assentiu e voltou a me encarar.

— Darei alta para ela ainda hoje, algum problema?

— Nenhum.

— Certo, com licença.

Assenti e a observei ir embora, essas coisas aconteciam apenas quando eu estava no comando, pareciam ser feitas exatamente para me testar. Meu celular começou a tocar e peguei o aparelho do bolso, vi o nome do Pierre piscar na tela e olhei para os lados. Queria atender, mas era arriscado ali dentro. Desliguei a chamada e ativei o modo silencioso, colocando-o de

volta no bolso.

Precisava sair da ala hospitalar e ir para a parte administrativa.

Assim que cheguei à sala da Natalie, entrei sem bater mais uma vez e vi que o garoto estava sentado na cadeira, olhando para o nada enquanto minha superior digitava algo no notebook.

— Como está a Blair? — perguntou, sem parar o que estava fazendo.

— Vai ficar bem, a médica disse que foi apenas um mau jeito no pulso.

— Maravilha. — Continuou o que estava fazendo e eu me virei para o causador da minha dor de cabeça.

Caminhei até ele e me sentei na sua frente.

— Por que fez aquilo?

— Não foi por querer — respondeu.

— Claro que não foi por querer, ninguém quase quebra o braço de alguém porque quer.

— Acabou de dizer que foi um mau jeito no pulso.

— Vai querer discutir comigo mesmo? — Coloquei as mãos na cintura e o garoto me olhou, desviando o olhar, me causando uma sensação estranha.

— Nós estávamos fazendo os exercícios como você pediu, me distraí e coloquei mais pressão do que deveria na hora de aplicar o golpe.

— Não pode existir distração no que fazemos — falei para ele, mas sabia que estava mentindo, já que não me olhou nos olhos em nenhum momento enquanto falava.

— Acha que eu não sei? Como ela vai ficar?

— Bem, mas não graças a você.

Ele passou a língua nos lábios.

— Posso ir agora? — perguntou.

— Não — Natalie falou, se aproximando de nós dois. — Você receberá uma pequena punição, Samuel. Tem que entender como as coisas funcionam dentro da Interpol, tudo que é feito de errado é punido.

Estremeci por dentro, mas tentei ao máximo não demonstrar.

— E qual é a minha punição?

— Terá aulas extras, ainda mais intensas do que já estão tendo. Todos os dias, após os finais da aula na academia, você ficará responsável pela organização do local.

Ele fechou os olhos e trincou a mandíbula, mas apenas concordou.

— Mais alguma coisa? — tornou a perguntar.

— Suas aulas serão com a Geórgia.

— O quê? — perguntei, me virando para a Natalie, que arqueou uma sobrancelha para mim, uma expressão clara para que eu não tentasse desafiá-la.

— Exatamente isso. Acredito que fará bem para você, precisa desviar o foco algumas vezes. — Se virou para o garoto, que agora tinha um nome, e sorriu. — Pode ir para o dormitório, você começa amanhã.

Ele apenas assentiu e se levantou para sair da sala. Quando ouvi a porta bater, olhei para a minha superior, mas ela ergueu as mãos para me impedir.

— Sei que vai questionar, mas você sabe que não adianta, certo? Então não gaste sua saliva.

Ali não era a minha amiga, era a minha superior. Lambi os lábios e bufei.

— Claro, senhora — falei.

Ela sorriu e voltou para sua mesa.

Se eu soubesse que esses treinamentos extracurriculares fossem ser minha ruína, teria gasto minha saliva naquele dia.

Samuel

Foram dez socos diretos no saco de pancadas a minha frente, eu não queria parar, não podia parar enquanto não acabasse com toda a raiva que

estava acumulada em mim. Suor escorria do meu corpo e eu socava cada vez mais forte.

Apenas para aliviar.

Apenas isso.

— Pensei que você estivesse aqui para organizar a academia. — A voz da professora me fez parar e segurar o saco para que parasse de balançar.

Me virei e a olhei. A pouca luz do ambiente me permitiu correr os olhos pelo corpo da mulher a minha frente. Eu não era cego, Geórgia era linda. Mais que linda, parecia uma deusa desfilando entre meros mortais.

— Precisava bater em alguma coisa — falei, tirando as luvas.

— Boxe?

— Ajuda a desestressar, deveria tentar.

Comentário errado para a pessoa errada. Geórgia riu e se aproximou do ringue, passando pelos tensores de proteção.

— Acha que ando estressada?

— Foi um comentário infeliz.

— Com certeza — falou e olhou ao redor. — Tem uma dessas? — perguntou apontando para as luvas.

— Você luta?

— Sou sua professora, uma das melhores agentes secretas da Interpol. Acha que tem algo que eu não saiba fazer?

Havia desafio em suas palavras.

— Acredito que não.

Pulei para fora do ringue e fui até onde os materiais de luta estavam, peguei um par de luvas, juntamente com faixas para serem enroladas nas mãos, e voltei, entregando tudo para ela. Rapidamente Geórgia enfaixou as mãos e colocou as luvas, aproveitei que ela estava distraída e a observei, estava usando uma calça leggings, uma camiseta e um par de tênis. Os cabelos pretos estavam presos em um rabo de cavalo e não usava maquiagem nenhuma.

— Não vai colocar as luvas?

— perguntou e eu pisquei, vendo que havia sido pego em flagrante.

Não disse nada, apenas peguei as luvas e as coloquei.

— Não quero te machucar — falei e ela sorriu.

— A última coisa que eu me preocupo é com você me machucar, Samuel. — Meu nome saindo da sua boca era algo surreal, sua voz tinha apenas um pouco de sotaque francês, ela não parecia ser daqui.

— Não é da França? — acabei perguntando enquanto íamos para o meio do ringue.

— Moro aqui desde os meus 17 anos — falou, se colocando em posição de ataque e fiz o mesmo.

— E tem quantos anos agora?

— Sabia que não é nada educado perguntar a idade de uma mulher?

— Você não me parece ser uma mulher que se preocupa com esse tipo de pergunta.

— Realmente, não sou.

— Então por que não me responde?

Desviei de um golpe direto que ela tentou dar.

— Tenho 31 anos.

Tentei dar um cruzado, mas ela desviou.

— É bem nova para ser uma das melhores agentes da Interpol — falei, ao mesmo tempo que desviava de um *jabe*.

— Achou que as agentes deveriam ter 50 anos? — Tentou outro direto e um gancho, mas desviei de todos.

— Não pensei que fossem tão novas — rebati, tentando aplicar um cruzado, mas ela desviou e sorriu.

— Você realmente é bom — elogiou e eu sorri.

— Faço aulas desde os meus 12 anos.

Estávamos apenas rodeando um ao outro, olhos nos olhos, atentos ao que podíamos fazer.

— E tem quantos anos agora? — perguntou e eu sorri. — Apenas devolvendo a pergunta.

— 19.

— Uma criança ainda — comentou, tentando me dar um golpe direto, que parei com a minha mão. — Muito bom.

Uma sequência de golpes foi desferido depois disso.

Ela tentou um *jabe*, sem sucesso. E eu parti para cima tentando um *jab-direto*, mas ela desviou de todos, partindo para cima com um gancho e um cruzado, impedi todos.

— Isso não vai acabar assim — murmurou e partiu para cima de mim.

Veio com a mão direita para realizar um *jabe*, porém desviei, mas eu não estava pronto para que ela utilizasse a esquerda para me dar um soco direto, pisquei ante o impacto da luva com meu queixo e baixei a guarda, foi suficiente para que ela me desse outro soco direto, seguido por um gancho.

Putá que pariu, a mulher era forte.

Não consegui recuperar a guarda a tempo e senti o golpe do *Uppercut* no queixo, causando uma dor alucinante e que me fez encostar na proteção do ringue. Senti minha visão escurecer, mas antes que pudesse fazer alguma coisa, senti uma rasteira e caí no chão, gemendo em seguida.

— Rasteira não vale — gemi.

— Às vezes me confundo com as lutas.

Ela se afastou e começou a tirar as luvas.

— Você só queria me derrubar, não é?

— Claro. — Jogou as luvas e mim e saiu do ringue. — Organize tudo,

apague as luzes e tranque as portas. Lembrando que faltam apenas trinta minutos para o toque de recolher.

Então saiu me deixando deitado no chão.

Me sentei e tirei as luvas, meu queixo ainda doía, mas nada se comparava ao que eu tinha por dentro.

Estava ali pela minha mãe, não podia ser expulso nos primeiros dias. Peguei a correntinha em meu pescoço, apertando-a contra a palma.

— Eu vou conseguir, mãe. Você vai ver.

CAPÍTULO DOIS

Georgia

*Eu sei que parte seu coração
Se mudou para a cidade grande em um carro aos pedaços
Quatro anos, nenhuma ligação
Agora, você está linda no bar de um hotel
Eu não consigo parar
Não, eu não consigo parar
Closer – The Chainsmokers*

— Está distraída — Samuel comentou enquanto guardava os materiais do treino dentro dos armários.

— Apenas problemas — falei, fechando o zíper da minha bolsa.

— No trabalho?

Me virei e arqueei uma sobrancelha para ele, que ergueu as mãos, um

gesto que percebi ser puro deboche. Revirei os olhos.

— Coisas que não são da sua conta, obviamente — resmunguei.

— Delicada igual um coice de mula — falou e franzi a sobrancelha.

— O quê?

— Pra quem se diz brasileira, deveria conhecer esse ditado. — Passou por mim, indo em direção ao vestiário.

— Esqueceu que eu estou aqui há mais de dez anos? — gritei para que ele pudesse ouvir.

— Não invente desculpas, Geórgia! — gritou de volta.

Me limitei a não responder e terminei de organizar minhas coisas.

Ao longo das semanas Samuel adquiriu o dom de me ler, algo que ninguém havia conseguido. Ele era esperto, essa era a verdade. Acabamos nos aproximando muito com essas aulas extras. Ele era uma pessoa fácil de conversar, tinha um senso de humor que na maioria das vezes me tirava do limbo que me encontrava.

Eu não era uma pessoa completamente sociável, minha amizade se resumia a Natalie e apenas ela, mas depois que o Pierre entrou em minha vida, estava mantendo minha amiga afastada, não queria que ela estivesse envolvida caso algo desse errado. Falando em Pierre, preocupação me corroía, já que ele não me dava notícias há duas semanas. Vi no noticiário que a polícia francesa havia descoberto seu esconderijo, presumi que ele não

queria me colocar em risco e por esse motivo não entrava em contato. Eu sabia que ele não seria pego tão facilmente, mas mesmo sabendo disso essa angústia que estava dentro de mim não sairia enquanto ele não me dissesse que estava bem.

Eu deveria entregá-lo para a polícia, na verdade, eu não deveria nem ter contato com ele, mas quem é que pensa com a cabeça quando o coração está no comando? Eu certamente não pensava. Pierre tirava de mim qualquer senso do que era certo e errado, apenas sentia quando estava com ele. Me esquecia de quem eu era, do que nós dois éramos e do meu papel dentro da sociedade. Resumindo, eu deixava de ser a agente de operações especiais da Interpol e passava a ser apenas uma mulher normal, com desejos e que age sem pensar.

Fechei os olhos, precisava ir para casa e dormir, no dia seguinte tinha uma reunião com a Natalie, ela tinha uma nova missão para nós. Me virei ao mesmo tempo em que o Samuel saía do vestiário, estava sem camisa e o peito estava parcialmente molhado, mexia no celular e nem se deu conta que eu o observava atentamente.

Ele é uma criança, Geórgia!, minha mente gritou, mas eu ignorei e desci meus olhos pelo corpo dele. Ele era lindo demais para a minha sanidade, durante os treinos dava para perceber que malhava, podia sentir os músculos no lugar a cada vez que fazíamos um golpe diferente, os braços

fortes quando ele me segurava, a barriga trincada, as costas largas. Nunca tinha imaginado, mas ver o que eu apenas sentia me deu uma amostra que eu não poderia cometer erros com ele.

Desviei o olhar no instante que ele guardou o celular no bolso e foi vestir a camisa.

— Pensei que já tivesse ido embora — falou e eu passei a alça da minha bolsa pelo ombro.

— Acabei me distraíndo, mas já estou indo embora.

Passei por ele, mas sua mão em meu braço me fez parar e me virar para encará-lo.

— Está tudo bem? — perguntou, me analisando.

Não respondi de imediato, fiquei imersa nos olhos castanhos e no cheiro de sabonete que ele exalava. Samuel era mais alto que eu alguns centímetros, o que me permitia olhar atentamente para ele.

— Está — respondi após piscar, acordando do meu transe.

Puxei o meu braço e ele arqueou uma sobrancelha.

— Apenas um dia ruim.

— Se quiser conversar... — ofereceu.

— Estou bem. Até amanhã. — Me virei e saí antes de ouvir sua resposta.

Onde eu estava com a cabeça? Eu não podia ter esse tipo de

pensamentos com o Samuel, ele era meu aluno, era mais novo. Não, definitivamente não. Era carência, eu tinha certeza disso, apenas uma carência.

Assim que saí da Academia da Interpol, respirei fundo, sentindo o ar puro em meus pulmões. Precisava colocar a cabeça no lugar e ficar no mesmo lugar que o Samuel não estava ajudando.

Coloquei meus fones de ouvido e selecionei a minha playlist, começando a caminhar em direção ao meu apartamento. Enquanto me perdia na letra da música, minha mente ia para a reunião de amanhã. Eu sabia exatamente qual era o motivo da reunião. Esperei minha vida toda por essa missão e estava na hora de fazer justiça. Lutei tanto para estar aqui, para chegar aonde cheguei, nada podia dar errado.

Cheguei ao meu apartamento e fui direto tomar um banho, a água ajudaria a clarear minhas ideias. Pelo menos isso.

Me sentei na cama apenas de roupão e enquanto secava meu cabelo. Iria ligar para minha tia no Brasil e perguntar como estavam as coisas por lá. Ela era delegada da Polícia Federal em São Paulo, nunca me cansaria de dizer obrigada a ela por tudo que fez por mim, sem ela eu teria morrido anos atrás, igual toda a minha família.

Joguei a toalha em cima da cama e abri a gaveta do criado-mudo, pegando um caderno antigo que pertencia ao meu pai, peguei uma foto que

havia ali dentro e passei os dedos sobre os rostos na imagem. Estava desgastada, era preta e branca, mas um lembrete de como eram meus pais. Na fotografia havia meu pai e minha mãe sentados em um sofá, eu ainda era um bebê, estava no colo da minha mãe e meu irmão estava de pé ao lado do meu pai. Uma família perfeita, uma família arruinada e destruída por homens sem escrúpulos, que faziam de tudo para não serem pegos.

— Eu vou vingar a morte de vocês — falei e uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto. — Eu prometo.

O barulho do interfone me assustou e eu guardei tudo de volta no local, caminhei até a cozinha enquanto ele continuava a tocar incessantemente.

— Alô — falei.

— [Mademoiselle](#)^[1] Geórgia?

— Sim?

— Sua pizza chegou, vou autorizar a subida do entregador.

Franzi o cenho, mas não disse nada. Não havia pedido pizza, ponderei antes de dizer isso, mas eu era mulher extremante curiosa.

— Pode mandar subir, *merci*^[2].

Coloquei o interfone no gancho e corri para o meu quarto, peguei o revólver guardado dentro da última gaveta da minha cômoda e voltei para a sala. Fui até a porta e coloquei a arma engatilhada. Ouvi o barulho do

elevador e esperei até o homem chegar na porta.

A campainha foi tocada.

— Quem é? — perguntei, mas não obtive resposta, apenas outro toque da campainha.

Respirei fundo e abri a porta, apontando a arma para o entregador.

— Abaixa a arma, morena, isso pode ser perigoso.

Abaixei a arma e fiquei sem reação por alguns segundos.

— Pierre? — perguntei, sem acreditar nos meus olhos.

— Surpresa, morena?

Pisquei e o puxei para dentro.

— O que você está fazendo aqui? — Fechei a porta e coloquei a arma em cima do aparador. — Se a polícia sonha que temos algum tipo de envolvimento e...

— Ei, calma, vai ficar tudo bem. — Suas mãos seguraram meu rosto e eu fechei meus olhos, apenas absorvendo a sensação do seu toque.

— Onde você estava? — perguntei.

— Fugindo. Ainda não acredito que eles me encontraram.

— A polícia não vai desistir até ter você atrás das grades, sabe disso.

— Eu sei. — Se afastou e respirou fundo. — Vim para me despedir.

— Se despedir? Como assim?

— Preciso ficar fora por uns tempos, Paris não é um bom local para

me esconder.

— E para onde você vai?

— Não posso contar, morena. Não deveria nem ter vindo falar com você, para início de conversa, mas eu precisava te ver.

— Como você vai embora? Quem está te ajudando?

— Morena, calma! — Segurou meus braços, mas me afastei dele.

— Pierre, por que você não se entrega? Meu Deus! Seria mais simples, você veria que...

— Não é tão simples, Geórgia, tem coisas que você não sabe e que...

— O que eu não sei? — perguntei.

— É melhor continuar não sabendo.

Balancei a cabeça e me afastei dele.

Nossa relação sempre foi complicada, nosso primeiro empecilho eram nossas atividades, eu era da polícia, ele era o criminoso.

— Nós nunca vamos ficar juntos, não sei por que ainda insistimos com isso — falei, indo até a cozinha.

— Me pergunto a mesma coisa, mas pelo menos eu tenho a resposta para isso. — Sentia que ele estava atrás de mim e me virei, o que fez com que nossos corpos ficassem colocados e sua respiração em meu rosto, seus olhos quase pretos me deixando hipnotizada.

— Qual é? — Minha voz não passava de um sussurro.

— Somos completamente apaixonados um pelo outro, apenas por isso. E paixão, morena, paixão não se explica.

Sua boca invadiu a minha e suas mãos agarraram minha cintura, grudando ainda mais nossos corpos. Segurei seu pescoço para que ele não saísse dali, precisava dele urgentemente.

— Não me deixe — pedi sem parar de beijá-lo.

— Não posso prometer isso. — Mordeu meu lábio inferior me fazendo gemer.

— Não pode vir ao meu apartamento e simplesmente dizer que vai embora — reclamei, completamente sem fôlego enquanto sua boca trabalhava em meu pescoço.

— O plano nunca foi dizer apenas que eu ia embora.

Senti suas palavras alcançarem todas as minhas terminações nervosas.

— Então faça o que veio fazer — exigi e no instante seguinte fui erguida, preendi minhas pernas ao redor de sua cintura e suas mãos espalmaram em minha bunda, apertando a carne.

Em meio a beijos e mordidas, Pierre me levou até o quarto e me jogou na cama.

Meu roupão estava meio aberto e deu a ele uma visão de metade dos meus seios. Ele tirou a camisa e veio para cima de mim, desfazendo o laço do roupão e retirando-o, deixando-me apenas de calcinha, fazendo-me respirar

fundo ao saber o que viria a seguir.

Sua boca foi para a minha barriga e foi subindo até chegar em meus seios pesados de tesão. Me deixei cair na cama quando senti sua língua circular o mamilo intumescido e soltei um gemido baixo, fechando os olhos quando ele mordeu a carne.

— Pierre... — Estava desesperada, precisava dele.

— Calma, morena, uma coisa de cada vez.

Sua boca foi para o outro seio, continuando a onda de tortura. Eu sentia que já estava completamente molhada, precisava de algum tipo de alívio, precisava dele. Seus dentes prenderam meu mamilo e eu arqueei as costas, fincando as unhas nos seus ombros.

— Você ama quando eu faço isso, não é? — Sua pergunta não precisava de resposta, a forma como meu corpo entrava em combustão quando eu estava em contato com ele respondia.

Ele voltou a me beijar enquanto sua mão passeava pelo meu corpo, indo até o elástico da calcinha e se infiltrando dentro do tecido.

— Pierre — gemi contra sua boca quando ele começou a estimular o clitóris já inchado.

— Isso, geme bem gostoso — pediu enquanto voltava a me beijar.

Seus dedos exploravam toda a minha intimidade, adquirindo um ritmo lento e alucinante, me fazendo contorcer em cima da cama.

— Por favor... — implorei, fechando os olhos.

— Quer gozar, morena? Me responde, você quer de que jeito?

— Pierre, ou me faça gozar ou vai se arrepender de brincar comigo!

Sua risada me deu ainda mais raiva, pois ele retirou seus dedos de mim, gemi em protesto, mas não durou muito, no instante seguinte fui colocada de quatro na cama.

— Segura a cabeceira — ordenou.

Fiz o que foi pedido e ouvi o barulho do pacote de preservativo ser rasgado. Não teve aviso, muito menos foi delicado. Pierre me invadiu, me fazendo gemer alto e apertar os dedos em volta da cabeceira da cama.

— Puta que pariu, nunca foi tão bom! — urrou, apertando o meu quadril.

— Pode ficar melhor — provoqueei, começando a rebolar devagar, o que o fez gemer e desferir um tapa na minha bunda.

— Quieta! — mandou e me deu outro tapa.

Gemi quando ele começou a investir dentro de mim, cada vez mais forte e rápido, o som dos nossos corpos se chocando um no outro se misturavam aos nossos gemidos e sussurros. Senti o orgasmo se formando e ele aumentou ainda mais a velocidade das estocadas.

— Pierre... — gemi alto quando o orgasmo me atingiu de forma

avassaladora, me deixando fora de órbita, enquanto ele enfiava ainda mais rápido dentro de mim, prologando as ondas de prazer no meu corpo. Ouvi seu urro ao atingir o próprio orgasmo.

— Puta que pariu — xingou após sair de dentro de mim e cair ao meu lado. Me deitei e respirei fundo, fechando os olhos, sentindo o sono me invadir.

— Sempre perfeita, morena. — Senti seus lábios em minha testa.

Eu tinha certeza de que ele havia falado mais alguma coisa, mas meu subconsciente já havia dormido, então fechei os olhos e me entreguei a escuridão.

Pierre

Ela era a porra da mulher mais linda que eu já tinha colocado os meus olhos. Parecia um anjo enquanto dormia, mas era o verdadeiro demônio da minha vida, tinha total controle sobre ela. Se eu ainda não havia desistido de algo, era por causa dela.

Terminei de me vestir e a cobri de novo, beijando sua testa delicadamente.

— Eu vou voltar, morena. Não sei quando, mas eu vou.

Saí do apartamento e passei pela portaria correndo, colocando o boné na cabeça e deixando o prédio apressadamente. Não deveria ter ido ali, mas precisava vê-la antes de ir embora, com a polícia na minha cola mais uma vez, eu precisava ficar fora de circulação por um tempo.

Entrei no apartamento e fechei a porta, tirei a camisa e fui direto para o meu quarto. Meu, não, mas da pessoa que estava me ajudando. Procurei uma camiseta limpa e vesti, peguei tudo que eu iria precisar, saí do quarto e parei ao ver a Ariane escorada na porta da sala, um cigarro pendia dos seus lábios e ela soltou o ar vagorosamente.

— Isso vai te matar — falei e ela sorriu de lado.

— Vamos morrer de qualquer forma, Pierre.

— Você é uma criança. — Ela gargalhou enquanto e eu caminhava até a cozinha para pegar um copo de água.

— Não sou uma criança há muito tempo, Pierre.

— Para mim continua sendo — falei a contragosto.

— Não acredito que foi até lá — disse ela após me analisar por um tempo.

— Do que está falando?

— Não me trate como burra, Pierre, você sabe muito bem do que eu estou falando, foi atrás da policial.

— Eu precisava...

— Você quer ser preso, não é? Ou pior, morto! — Ela começou a andar de um lado para o outro. — E se ela te entregar?

— A Geórgia nunca faria isso!

— Você acredita demais nessa mulher. Esqueceu para quem ela trabalha e o que ela é?

— Não, não me esqueci porque você faz questão de me lembrar a cada maldito segundo! — gritei.

Às vezes a Ariane me irritava com o assunto mais do que devia.

— É para o seu bem! Quando se trata dela você se esquece completamente de quem você é, do que ela é, e o perigo que essa relação representa para nós dois!

— Achei que tínhamos combinado de não conversarmos sobre ela.

— E você está certo — falou, mas se aproximou de mim com o dedo em riste. — Mas anota o que eu vou dizer, Pierre: essa mulher ainda vai ser a sua ruína. Ela vai te destruir completamente e não estou falando apenas de te entregar para a polícia, ela vai quebrar o seu coração.

Então se virou e me deixou sozinho.

Joguei o copo contra a parede e soquei a parede. Odiava que ela tivesse razão, odiava que ela me conhecesse tanto. Mas eu não conseguia acreditar que a Geórgia fosse capaz de fazer isso. Ela não faria isso.

Ela não me quebraria, afinal, era impossível quebrar algo que já estava destruído há muito tempo.

CAPÍTULO TRÊS

Georgia

*Asas cortadas, eu era algo partido
Tinha uma voz mas não conseguia cantar
Você tinha me desgastado
Eu lutei enquanto estava no chão
Tão perdida, havia passado do limite
Tinha uma voz mas não conseguia falar
Você me segurou
Eu luto para voar agora
Bird set free - SIA*

Abri meus olhos devagar e tateei o outro lado da cama, encontrando apenas o vazio. Me sentei rapidamente e olhei em volta, procurando por algum vislumbre do Pierre, mas não o encontrei.

Engoli em seco e tentei controlar as lágrimas que queriam sair a todo

instante. Mordi o lábio inferior com mais força que o normal e fechei os olhos. Eu não choraria, ele não merecia. Por mais que meu coração estivesse partido em milhões de pedaços, por mais que doesse como o inferno, eu não derramaria uma lágrima por ele.

Me levantei e caminhei direto para o banheiro, precisava tomar outro banho. Enquanto a água escorria pelo meu corpo e levava embora todo o perfume que estava impregnado em meu corpo, minha mente vagueava em tudo que aconteceu quando nos conhecemos.

A polícia local da França estava atrás dele há um tempo, eu ainda era nova na agência, não tinha tanta experiência e trabalhar com eles era um requisito mínimo. Recebemos um chamado de que Pierre havia sido visto perto dali. Eu estava na equipe que foi atrás dele e quando coloquei meus olhos sobre ele soube que nunca mais seria a mesma.

Me senti perdida no meio do seu olhar ameaçador, nas tatuagens que haviam em seus braços e subiam pelo seu pescoço, me senti presa a ele mesmo estando livre. Parecia algum tipo de hipnose, eu estava prestes a pegá-lo, mas o deixei ir. Eu o deixei fugir e algum tempo depois permiti que roubasse meu coração, me deixando completamente perdida, e agora, destruída.

Natalie não mentia quando dizia que ele era perigoso. Pierre era um perigo, essa palavra exalava de cada parte do seu corpo, na maneira como ele

andava, falava ou olhava. Absolutamente tudo nele gritava isso. Talvez tenha sido isso que fez eu me atrair, que tenha me levado direto para a toca do lobo e eu era a presa inocente.

Desliguei o registro e me enrolei na toalha, indo para o quarto procurar uma roupa para dormir. Após me vestir, me virei para a cama e fechei os olhos ao sentir que seu perfume ainda estava ali, impregnado em meus lençóis.

Tirei todos os panos da cama, fronhas de travesseiro, e coloquei no cesto de lixo. Não queria nada que pudesse lembrá-lo. Coloquei novos panos na cama e me deitei, olhando para a janela do quarto, contemplando as estrelas, tentando desligar minha mente para que eu pudesse dormir em paz.



— Você está estranha há dias, Geórgia — Samuel disse, vindo para cima de mim enquanto eu desviava de outro golpe dele.

— Impressão sua — falei enquanto tentava dar um soco direto no infeliz, mas ele desviou. — Filho da mãe — xinguei.

— Está mais estressada, isso é um fato. — Respirei fundo e me sentei no ringue, pegando minha água e tomando em seguida.

— Apenas problemas. — Dei de ombros.

— Se quiser conversar...

— É complicado — eu disse, olhando para ele.

— Por isso são problemas, Geórgia. Se não fossem complicados você não estaria mal-humorada há dias.

— Você é bem folgado, Samuel. — Revirei os olhos.

Treinar com ele era um dos pontos altos do meu dia. Era o único que conseguia me fazer rir, nem que fosse um pouco.

— Vem. — Ele estendeu a mão para mim e eu apenas olhei para ele, erguendo uma sobrancelha.

— Para...?

— Você às vezes faz perguntas demais, Geórgia. — Foi sua vez de revirar os olhos e eu dei um pequeno sorriso, colocando minha mão sobre a sua.

No mesmo instante fui puxada com uma força maior do que eu esperava, não consegui me equilibrar a tempo e acabei indo para cima dele. Suas mãos foram para minha cintura e eu agarrei sua camiseta com mais força para me equilibrar.

Engoli em seco com a proximidade.

Respirei fundo, meu erro. Seu perfume me inebriou de uma forma completamente assustadora e minha respiração acelerou.

Isso não era para estar acontecendo!

Olhei para cima e o encontrei me encarando. Seus olhos estavam mais intensos, o observei respirar mais fundo e seu aperto em minha cintura se intensificar.

— Geórgia... — Sua voz estava rouca e minha boca ficou seca.

Entreabri os lábios para respirar e seus olhos desceram para os meus lábios.

Senti sua mão em meu rosto e seus dedos contornarem o desenho da minha boca de uma maneira delicada e bruta ao mesmo tempo, seus olhos não deixavam os meus por nenhum segundo. Era completamente hipnótico assistir o conflito interno que havia dentro dele, seus olhos transmitiam isso.

Como se estivéssemos em câmera lenta, Samuel começou a se aproximar de mim, me deixando nervosa e ansiosa ao mesmo tempo. Eu deveria fugir, deveria pará-lo, mas eu queria isso? Queria ser beijada por ele? Conforme seu rosto se aproximava do meu, meu cérebro mandava eu me afastar, gritando a todo instante que ele era muito mais novo que eu, que era meu aluno. Que possivelmente estávamos quebrando algumas regras, mas era meu corpo que estava no comando, era ele que ansiava por esse toque.

O encanto se quebrou com o toque estridente do meu celular, fazendo eu me afastar dele e tentar controlar minha respiração e meu coração que tinha resolvido bater descompassado.

— Geórgia... — tentou falar, mas ergui a mão pedindo que ele parasse.

— Não, isso nunca vai acontecer, está me entendendo? Não podemos fazer isso!

Me virei e corri até onde minhas coisas estavam, guardei tudo de qualquer jeito e saí da academia, pegando o celular que já estava tocando novamente. Vi o nome da Natalie na tela e respirei fundo antes de atender.

— Oi — falei enquanto caminhava pelos corredores da sede da Interpol.

— *Nós vamos sair* — anunciou, mas antes que eu pudesse abrir a boca para protestar, fui cortada. — *Nem pense em me dizer que não! Sei que estava na aula com o Samuel, então ainda está na sede. Estou na minha sala, quando estiver pronta venha até aqui para podermos sair juntas.*

— Natalie... — tentei protestar, mas sabia que era em vão.

— *Se você sair sem mim, eu te encontro, Geórgia, sabe disso. Estarei te esperando.*

Não tive outra escolha a não ser aceitar a intimação da minha amiga.



— Você está com uma cara péssima — minha amiga comentou enquanto bebia seu chopp.

— Obrigada por me indicar o óbvio — falei, sarcasticamente.

— *Hmmm...* — Ela me analisou cuidadosamente e eu revirei os olhos, odiava quando fazia isso. — Deixa eu adivinhar. Pierre Dubois?

— Natalie, por favor... — pedi.

— Aqui é a sua amiga, não sua chefe. Pode falar.

Passei a língua nos lábios e encarei meu copo parcialmente cheio, batendo as unhas na mesa, um sinal de nervosismo.

— Eu não sei, Nat. Não sei o que está acontecendo comigo.

— O amor é um sentimento ilógico, você não consegue pensar em mais nada, age por impulso. Você se pergunta porque está acontecendo isso, tenta encontrar a melhor forma de conduzir isso, mas a verdade é que não dá — minha amiga disse tudo sem me olhar em nenhum momento, até que deu um sorriso triste e me encarou. — Amar é coisa de gente que está disposto a enfrentar qualquer coisa por você.

Analisei minha amiga melhor e sorri de canto para ela.

— Você está apaixonada, Natalie? — perguntei e ela sorriu.

— Não, Geórgia, porque estar apaixonada significa falta de controle sobre suas emoções e ações.

Revirei os olhos, pois conhecia a Natalie muito bem para saber

quando ela estava mentindo. Tinha alguém na vida dela, mas minha amiga jamais admitiria isso.

— E como andam as aulas com o Samuel?

Engasguei com a minha bebida, a cena de mais cedo se repetindo na minha cabeça como flashes.

O que iria acontecer ali se a Natalie não tivesse ligado?

— Muito bem, mas ele é bem aplicado.

— Sim, imagino que sim. Foi muito bem recomendado — comentou.
— Parece ser bem inteligente.

— É sim, muito inteligente — concordei distraidamente. — Tem muito conhecimento para alguém tão novo.

— Sim, ele tem. Não é à toa que passou na seleção de agentes especiais.

— Tenho certeza disso. Adrian falou muito bem sobre o menino.

Olhei para ela quando citou o nome do diretor da Interpol.

— Ele foi indicado pelo diretor? — Essa informação era nova.

— Sim, ótimas recomendações, inclusive — falou, voltando a comer.

A cena na academia voltou a minha mente, repassando cada detalhe. Podia sentir ainda a pressão dos seus dedos em meus lábios e a fome em seus olhos sobre mim.

Balancei a cabeça, tomando mais um gole da minha bebida.

Pare de pensar nisso, Geórgia. Apenas pare!

Samuel

Aonde eu estava com a droga da minha cabeça?

Era a pergunta que eu fazia repetidas vezes enquanto socava o saco de boxe na minha frente, mas nada que eu fizesse para expulsar a frustração surtia efeito.

Eu só conseguia enxergar os seus olhos presos em mim, a forma como a boca bem desenhada estava entreaberta, a respiração entrecortada, o perfume forte, combinando com a personalidade dela, o peito subindo e descendo, a pele quente.

Inferno!

Soquei mais algumas vezes o saco até ouvir a voz do Adrian atrás de mim.

— Quem você está imaginando nesse saco de pancadas? — perguntou e eu me virei para ele.

— Não escutei você entrar.

— Estava tão distraído nesse seu esporte que não prestou atenção ao

redor.

— O que você quer? — questionei, jogando uma toalha atrás do pescoço e bebendo uma água.

— Quero saber se você já conseguiu o que combinamos.

Revirei os olhos.

— Por que me usar? Você é o diretor dessa merda, por que simplesmente não vai e pergunta para ela?

— Acha mesmo que a Geórgia falaria alguma coisa, Samuel? Aquela mulher é um mistério por completo, só precisamos do endereço do Pierre, apenas isso.

— Por que ela acobertaria um bandido? — Isso era completamente confuso. Isso não entrava na minha mente.

— Eles têm um tipo de relacionamento — comentou, vindo até mim.
— A Natalie sabe disso, mas também não conseguiu arrancar nada da amiga. Nossa esperança é que você consiga.

— Isso é maluquice — falei, saindo de perto dele.

— Maluquice ou não, é sua missão. Lembre-se disso. — Então o ouvi respirar fundo. — Quero tornar você o melhor agente, Samuel. Prometi para a sua mãe...

— Adrian, chega. Por favor.

Odiava o fato de ele usar minha mãe para me manipular, odiava com

todas as forças.

Ele apenas assentiu, seu celular emitiu um bip e ele o pegou. Observei enquanto ele digitava algo rapidamente e guardava o aparelho no terno.

— Era a Natalie, disse que a Geórgia acabou de sair do restaurante em que elas estavam, é a sua deixa.

Antes que eu pudesse retrucar ele se afastou e eu senti vontade de socar sua cara. Ali não tinha como recusar uma ordem. Já ouviu o ditado “manda quem pode e obedece quem tem juízo?”, pois então.

O chefe do departamento de missões secretas da Interpol não estava de brincadeira e eu sabia disso. Se era para colocar o plano em prática era melhor andar mais depressa, então me encaminhei para o banheiro.



Ela andava distraidamente, e eu me perguntava como poderia abordá-la sem parecer um maluco.

Se o episódio da academia não tivesse acontecido seria simples esbarrar nela e puxar algum assunto aleatório. Mas eu tinha que complicar as coisas, tinha que desejar aquela boca malditamente desenhada e tinha que sentir o calor da sua pele sob meus dedos. Tudo isso me fez perceber que eu

não era imune aos encantos de Geórgia Chevalier.

Eu queria desistir de tudo, mas não podia. Eu estava ali pela minha mãe, apenas por ela. Não pelo Adrien ou qualquer coisa que ele tenha prometido. Apenas minha mãe. A corrente parecia queimar meu pescoço e eu passei a mão no local, como se pudesse tirar o peso que ela tinha sobre mim.

Olhei mais uma vez a mulher se aproximando do prédio em que morava. Me levantei e caminhei até ela, o plano era esbarrar, mas era tão bobo e completamente sem noção se comparando a mulher a minha frente, que eu decidi seguir outro rumo.

Era um terreno perigoso.

Pois quando se tratava da Geórgia, era como andar em areia movediça, você tinha que calcular o que fazer para não acabar afundando. Mas naquele instante eu não estava ligando nem um pouco para o quanto eu iria afundar, eu só precisava fazer o que não fiz mais cedo, apenas isso.

— Geórgia! — chamei, fazendo com que ela levantasse a cabeça e me olhasse assustada.

— Samuel, o que está fazendo aqui? — perguntou, parando de andar.

— Preciso terminar o que eu comecei — falei e antes que ela pudesse dizer algo contra, pressionei seu corpo junto ao meu e tomei sua boca.

Inferno!

Todos os meus planos foram para o espaço, pois eu só pensei em me

perder na boca dessa mulher.

CAPÍTULO QUATRO

Georgia

*Eu estou vendo a dor, vendo o prazer
Ninguém além de você, ninguém senão eu
ninguém, mas nós
Corpos juntos
Eu adoraria te abraçar, hoje e sempre
Eu adoraria acordar ao lado de você
Eu adoraria te abraçar, hoje e sempre
Eu adoraria acordar ao lado de você
Pillowarlk - Zyan*

Esse beijo não podia estar acontecendo, era errado. Completamente errado. Mas dizer isso ao meu corpo era a mesma coisa que nada, pois ele não me obedecia, apenas se perdia nos arrepios e sensações que ele transmitia.

— Não podemos — falei entre seus lábios, tentando afastá-lo de mim,

mas ele me prendeu ainda mais contra ele.

— Podemos — disse ao prensar meu corpo contra a parede do prédio.

Voltou a me beijar e eu agarrei seus cabelos, enfiando meus dedos pelos fios macios, sentindo a textura e exigindo mais de sua boca em mim.

— É loucura — ofeguei contra sua boca.

— Foda-se, podemos fazer isso. Ninguém pode nos impedir, somos adultos e responsáveis.

— Você é uma criança, Samuel!

A frase o fez se afastar de mim e me encarar, me soltando em seguida. Samuel se afastou de mim e me encarou balançando a cabeça.

— Esqueça tudo isso.

— Então se virou e foi embora, me deixando sozinha e me perguntando o que diabos tinha acontecido ali.



— Tem certeza de que não quer me contar o que está acontecendo? — Geovana perguntou e eu revirei os olhos.

— Nada, apenas estresse do trabalho.

Tomei um gole do meu café e me sentei em frente ao notebook.

Faltava uma hora para eu ir trabalhar e minha tia costumava ligar sempre nesse horário.

— Querida, esqueça essa vingança e volte para o Brasil, não é saudável alimentar isso.

— Você não entende, tia. Eu só vou ter paz quando aqueles homens estiverem dentro da cadeia e pagando pelo que fizeram.

— Geórgia, olha o que aconteceu com seus pais! Com o seu irmão! Por favor, não faça nada que coloque sua vida em risco.

Suspirei e fechei os olhos. Geovana não era minha tia realmente, ela havia apenas me criado e me contado a verdade após todo esse tempo. A verdade sobre mim, sobre meus pais, sobre meu irmão.

— Vamos mudar de assunto, por favor — pedi, massageando minhas têmporas.

— Está certo — falou e me analisou. — Como estão as coisas na Interpol?

Imediatamente a lembrança do beijo invadiu minha mente eu fiquei presa nisso, querendo saber o porquê deixei que Samuel me beijasse daquele jeito.

— Ficou pensativa... está tudo bem?

— Tem um cara — comecei. Era melhor falar de um terreno mais

seguro com ela. — Só que é complicado.

— Complicado por quê? Você é solteira, é bonita, jovem.

— Tia, ele é meu aluno e mal ficou maior de idade. Definitivamente, não tem como.

— Bom, se ele despertou seu interesse, tem como sim. Basta você tirar o preconceito do caminho e começar a sentir.

— Tia...

— O que foi, querida? Você já tem 31 anos, passou sua vida inteira estudando para entrar na Interpol, querendo descobrir alguma coisa sobre o paradeiro dos homens que mataram seus pais, então, sim. Você merece e não importa se ele tem 18, 19 ou 20 anos. Se ele te faz sentir, vale a pena.



A conversa com a minha tia ficou martelando em minha cabeça o dia inteiro. Durante as aulas eu não conseguia tirar os olhos do Samuel, o beijo vinha em minha cabeça a todo o instante e eu sabia que precisava me concentrar.

— Está no mundo da lua, Geórgia? — Natalie perguntou na hora do almoço.

— Talvez eu esteja — murmurei.

— O que houve?

— Nada, estava apenas pensando alto.

— Sei... — Me analisou, mas não voltou a tocar no assunto.

Estávamos no restaurante dentro da sede, resolvemos almoçar por ali, pois tínhamos muitas reuniões durante o decorrer da tarde. Meu celular apitou e eu o peguei, lendo a mensagem pela barra de notificações.

Samuel: *Eu deveria pedir desculpas pelo que aconteceu ontem, mas não vou. Faria novamente se pudesse.*

Levantei o olhar e percorri o refeitório até o ver do outro lado, sentando em uma mesa sozinho. O encarei por alguns segundos, até ele voltar a olhar o celular. O meu apitou segundos depois.

Samuel: *Não adianta fugir, Geórgia. Eu sei que você quer, mas não vou forçar nada, nunca faria isso. Você sabe onde me encontrar.*

— Geórgia? — Assustei ao som da voz da Natalie, que arqueou uma sobrancelha para mim e olhou para onde eu estava olhando. — Prefiro ele do que o Pierre.

— O quê?

— Vai me dizer que não está interessada, Geórgia? — Arqueou uma sobrancelha para mim.

— Claro que não! Ele é muito mais novo que eu.

— Querida, eu não vou nem citar o último que você ficou, quer mesmo fazer comparação de idade?

— Não teria problema? — perguntei, mordendo o lábio.

— Teria, claro. Mas se eu não soube não tem problema.

— Se você não souber? Como assim... — Arregalei os olhos e lambi os lábios. — Meu Deus, Natalie! — Sorri.

— O quê? Não escutei nada, absolutamente nada.

Ela voltou a comer e eu voltei a encarar a mensagem do Samuel.

A pergunta era: arriscar ou não arriscar?



Tive que cancelar a aula com o Samuel, não por estar fugindo dele, mas pela carga de reuniões que tivemos durante a tarde. Eu estava morta de cansaço, queria apenas um banho e minha cama.

O plano era simples: fechar minha sala e ir embora. Mas eu tive que passar pela academia antes, havia esquecido minha agenda durante a aula da manhã.

Parei na porta e me xinguei mentalmente e ao ver que o Samuel estava treinando. Tentei sair de fininho, mas acabei batendo as costas na porta

e fazendo barulho, o que chamou sua atenção.

— Não sabia que espionagem também era sua área.

— Muito engraçado você — falei, revirando os olhos e indo até o local em que havia deixado minha agenda.

— Por que está fugindo? — Sua voz atrás de mim arrepiou todos os pelos do meu braço e me fez fechar os olhos.

— Quem disse que estou fugindo? — perguntei, me virando para ele.

— Quem disse que não está? Ignorou todas as minhas mensagens.

— Aquelas mensagens não têm o menor cabimento! Onde já se viu?

Eu sou 11 anos mais velha que você, além de ser sua professora! — sussurrei, mas na verdade eu queria gritar para que isso entrasse na cabeça dele.

— Está tentando dizer mais para convencer a si mesma disso?

— Você é impossível! — falei e me virei para ir embora, mas sua mão em meu braço me impediu de sair. — Samuel...

Seu toque queimava minha pele.

— Diga...

— Não podemos...

— Engano seu, nós podemos sim.

Então me puxou de encontro ao seu corpo. Minha agenda foi ao chão, minhas mãos foram para a sua nuca e suas mãos apertaram minha cintura com força, colando ainda mais nossos corpos.

O beijo não foi delicado, muito menos calmo.

Sua língua tentava marcar cada parte da minha como se fosse propriedade sua, seus lábios sugavam e maltratavam os meus. Seu aperto firme em minha cintura me deixava completamente a sua mercê. Sua outra mão foi para a minha nuca, me segurando com força ali. Os dedos entrando em meu cabelo, causando um arrepio delicioso.

Samuel prendeu o lábio inferior entre os dentes, me fazendo gemer com a pressão exercida, a combinação exata de dor e prazer.

Me afastei dele, mas permaneci com os olhos fechados. Minha respiração e meu coração estavam descontrolados e eu precisava acalmá-los.

— Olhe para mim, *Mon ange*.^[3]

Eu o fiz. Abri os olhos, encarando os seus que estavam repletos de desejo. Comecei a balançar a cabeça negativamente. Isso não podia acontecer, não podia.

Simplesmente não podia.

— Não... Não podemos fazer isso.

Não sei onde consegui, mas reuni forças e me afastei dele.

— Isso não pode voltar a acontecer, nunca mais. Está me ouvindo?

— Não se preocupe, Geórgia, não vou fazer nada que você não queira.

Ele se virou e o observei caminhar até o banheiro.

Me encostei na parede e fechei os olhos, precisava respirar. Precisa voltar ao controle, mas ainda podia sentir a pressão dos seus lábios sobre os meus. Meu corpo ainda estava em chamas. Não dava para negar, eu o desejava. Como aconteceu? Não fazia a mínima ideia, Samuel não era o tipo de cara que chamava minha atenção para um relacionamento, ele era aquele tipo que eu seria apenas amiga, sem nunca pensar em segundas intenções. Mas por que me sentir atraída por ele? Qual o motivo?

Balancei a cabeça e me afastei dali, precisava ir embora. Precisava de um banho e da minha cama. Peguei minha agenda e comecei a caminhar até a saída da academia, mas parei no meio do caminho, me lembrando da conversa com a minha tia.

— *Tia, ele é meu aluno e mal ficou maior de idade. Definitivamente, não tem como.*

— *Bom, se ele despertou seu interesse, tem como sim. Basta você tirar o preconceito do caminho e começar a sentir.*

— *Tia...*

— *O que foi, querida? Você já tem 31 anos, passou sua vida inteira estudando para entrar na Interpol, querendo descobrir alguma coisa sobre o paradeiro dos homens que mataram seus pais, então, sim. Você merece e não importa se ele tem 18, 19 ou 20 anos. Se ele te faz sentir, vale a pena.*

Apertei a agenda entre os dedos e me xinguei mentalmente ao dar

meia volta, seguindo o caminho do banheiro.

Samuel

A água quente escorria pelo meu corpo enquanto eu me perguntava como pude ter ultrapassado todos os pontos permitidos. Eu não precisava me envolver com ela, só descobrir se ela sabia sobre o paradeiro do Pierre, mas ela tinha me seduzido, mesmo sendo de maneira involuntária. Ela tinha que sorrir para mim, tinha que ter a droga de um perfume afrodisíaco e tinha que ter aqueles olhos expressivos.

Não podia me envolver com ela, mas era mais forte do que eu, era mais forte do que qualquer coisa que eu já tinha planejado sentir na vida.

Geórgia tinha razão, em todos os pontos e seus argumentos eram coerentes.

Impossível.

Era essa a palavra. Completamente impossível.

Controlei a vontade de socar a parede do banheiro e me concentrei em tirar o shampoo do cabelo, mas então eu senti seu perfume e achei que estava delirando. Era só o que me faltava, começar a sentir a droga daquele perfume

em todos os lugares. Mas então eu senti duas mãos em minhas costas e fechei os olhos.

As mãos subiram pelas minhas costas e contornaram a tatuagem que eu tinha na omoplata direita. Senti as unhas arranharem a pele, mas não falei nada. Ficar calado era a melhor opção.

Seus lábios substituíram os dedos, sentia a ponta da língua em cada parte da minha pele e apoiei as mãos na parede, respirando fundo. Seus dedos foram para a minha barriga, traçando cada detalhe como se não quisesse esquecer o que havia ali.

— Geórgia... — Não aguentei o silêncio dela e segurei suas mãos em minha barriga.

Eu já estava sentindo os efeitos de suas carícias, precisava dela, precisava estar dentro dela.

Ela não me respondeu, mas eu tratei de dar a ela o que queríamos. Guiei sua mão até meu pau, que já estava completamente duro, apenas esperando para ser tocado. Sua mão me envolveu e eu gemi baixo quando ela começou a me masturbar, sua mão ia da ponta até a base em um ritmo devagar, apenas para me torturar.

Então ela me soltou, mas não me virei imediatamente, não era assim que as coisas funcionavam.

— Você não pode fazer isso e me deixar nesse estado, *Mon ange* —

falei, um leve sorriso brotando em meus lábios ao sentir os dela em minhas costas.

— Posso... você acha que me deixou como?

— Isso é fácil de se resolver — falei, prestes a virar, mas eu ainda precisava da permissão dela. Não faria nada sem que ela me dissesse que queria.

— E você está esperando o que, exatamente, para vir resolver?

Ela não precisou falar duas vezes. Me virei já puxando seu corpo contra o meu, e tomando sua boca.

Em uma questão de segundos ela ficou toda molhada, minha surpresa foi ver que ela já estava sem roupas.

— Você não dá ponto sem nó — disse, ao olhar seu corpo mais atentamente.

— Não, quando eu quero eu corro atrás.

— Até que demorou para perceber que me queria.

— Estou achando que você apenas fala e não faz...

Presei seu corpo contra a parede, e minha mão alcançou a perna direita dela, apertei a carne e arranquei um gemido dela quando a ergui e me encaixei entre suas pernas, deixando nossas intimidades quase se tocando.

— Então sinta.

Beijei sua boca ao mesmo tempo que minhas mãos percorriam as

curvas daquele corpo perfeito, suas mãos agarravam meus ombros e ela se esfregava em mim, em busca de alívio.

Massageei os seios, apertando os bicos entumecidos, descendo para a cintura fina, chegando até o quadril e fazendo com que se esfregasse ainda mais em mim. Desci minha mão até sua entrada molhada por seus fluidos, ela gemeu e se afastou da minha boca, encostando a cabeça na parede enquanto se entregava as minhas carícias. Friccionei o clitóris inchado e a observei morder o lábio e prender um gemido, coloquei um pouco mais de pressão, fazendo com que ela rebolesse ainda mais contra a minha mão.

Então me retirei e a impulsionei para que subisse em meu colo, grudei suas costas na parede e meti dentro dela, arrancando um grito abafado e ganhando um arranhão nas costas.

Comecei a estocar dentro dela, não era carinhoso, muito menos delicado. Era feroz e desesperador.

A água do banheiro caía em minhas costas enquanto eu entrava e saía de dentro dela cada vez mais rápido, seus gemidos em meu ouvido me dizendo que ela estava gostando, sua boceta apertando meu pau, indicando que estava perto.

O som dos nossos corpos se chocando. Ela rebolando em cima de mim, me arranhando, me mordendo.

— Estou quase... — falou, apertando meus ombros.

Aumentei ainda mais o ritmo, gemendo ferozmente em seu ouvido quando senti que ela estava prestes a gozar.

— Vamos lá, Geórgia, goza comigo.

E ela o fez, gememos juntos ao atingirmos o clímax.

Sustentei o peso do seu corpo e coleí nossas testas.

— Isso não vai se repetir — falou, olhos fechados e a respiração entrecortada.

Preferi não retrucar, beijei a ponta do seu nariz e inalei seu perfume, agora misturado ao cheiro de sexo.

Mal sabia ela que a partir de agora não tinha mais volta.

CAPÍTULO CINCO

Pierre

*Esse é o preço que você paga
Deixe para trás seu coração e o jogue fora
Apenas mais um produto do hoje
Melhor ser o caçador do que a presa
E você está parado no limite, de cabeça erguida
Natural – Imagine Dragons*

4 MESES DEPOIS

Observei o nascer do sol através da fumaça do cigarro que pendia em meus lábios. Estava sentado em uma velha poltrona de couro, o ambiente parcialmente iluminado pelos raios solares, meu corpo estava ali, mas minha

cabeça estava em uma única mulher que dominou meus pensamentos durante todos esses meses.

— Não acredito que está pensando nela de novo.

— Ariane... — alertei.

— Nem venha com esse tom de alerta para cima de mim, Pierre. Você falta construir um altar para essa mulher, que claramente não dá a mínima para você.

— Você não sabe do que está falando, Ariane.

— Será que não sei mesmo? — perguntou, parando em minha frente. Apoiou as mãos em meus joelhos para ficar da altura dos meus olhos. — São quatro meses, Pierre. Quatro meses que eu vejo você se destruindo lentamente, se afundando em bebidas, droga e cigarros por causa daquela policial. Isso não é amor, é obsessão.

— Não fale o que você não sabe, Ariane. Você não sabe o que é amor.

— Talvez você tenha razão — disse ao se levantar. — Talvez eu tenha a concepção errada do significado do amor, mas acho que amar não é se deixar acabar do jeito que você está fazendo, amar é estar ao seu lado quando você mais precisa, é se doar!

Podia ver as lágrimas brilhando em seus olhos, me repreendi mentalmente.

— Ariane, não fica assim... — Me levantei para ir até ela, mas suas mãos se ergueram em um sinal claro para que eu parasse.

— Não preciso da sua pena, Pierre. Eu estive com você por quatro meses, te ajudei a despistar a polícia e te ajudei a fugir, tudo que eu ganhei foi um “muito obrigado, você é como uma irmã para mim”. Mas adivinha, eu não sou a porra da sua irmã!

Eu não tinha o que falar nessa situação.

Ariane sempre esteve comigo, desde que nos entendemos por gente. Sempre a tratei com carinho e respeito, sempre a tive como uma irmã. Só que os anos passaram e eu vi que ela cresceu, que se tornou uma mulher bonita e atraente. Mas não era assim que as coisas funcionavam, sempre a vi como amiga e por mais que ela tenha crescido e se tornado uma linda mulher, meu coração era da Geórgia.

— Faz o que você quiser, Pierre. Não mando em você, é livre para fazer o que quiser.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— Você não se importa em como as coisas funcionam ou em como eu gostaria que funcionassem. Você está comigo fisicamente, mas sua mente está na França. Então, quer saber? Faça o que quiser. A vida é sua, quem vai se ferrar é você, só não venha atrás de mim depois arrependido porque a única coisa que eu vou te dizer é “eu te avisei”.

Então ela se virou e foi embora.

Senti a necessidade de chutar alguma coisa e acabei fazendo isso com a poltrona.

— Inferno! — praguejei.

Eu não queria que as coisas terminassem dessa forma, brigar com a Ariane não estava nos meus planos, mas o que eu podia fazer? Amarrá-la e tentar colocar na cabeça dela o que eu sentia? Não dava, simplesmente não dava.

Voltei a olhar pela janela e passei as mãos nos cabelos, fechando os olhos em seguida.

Eu tinha certeza apenas de uma coisa: precisava voltar para a França o mais rápido possível.



A temperatura da cidade estava congelante. Esfreguei minhas mãos uma na outra tentando expulsar o frio.

Era uma completa loucura estar ali, nesse tempo, escondido em um beco escuro, perto da sede da Interpol, apenas esperando que a Geórgia saísse do trabalho.

Eu conhecia os horários dela muito bem, várias vezes fiquei escondido nesse mesmo local apenas esperando que ela saísse para que eu roubasse ao menos um beijo seu.

Não sabia o que esperar, afinal eu fui embora e a deixei. Mas não teve um maldito dia nesses quatro meses que eu não pensasse nela.

Nunca menti para ela, desde o início ela soube quem eu era e o que eu fazia. Não que eu me orgulhasse disso, mas era necessário. Minha vida nunca foi fácil, sempre fui considerado o garoto rebelde, o cara que estava disposto a se arriscar para ajudar as pessoas. Não é à toa que antes da merda toda explodir na minha cara, eu era bombeiro. Uma profissão simples, mas que era a melhor coisa que me aconteceu durante todo esse tempo.

Respirei fundo, o ar fazendo fumaça a minha volta. Olhei mais uma vez no relógio, pronto para ir embora quando as portas da sede se abriram, endireitei meu corpo e prestei atenção em quem saía. Consegui distinguir seu corpo escondido sobre o casaco de frio, usava luvas e tinha um gorro na cabeça. Geórgia parou na calçada e cruzou os braços em volta de si mesma, me preparei para abordá-la quando outra pessoa passou pela porta. Um homem, dessa vez, e a abraçou por trás. Observei a interação dos dois, desejando que nada disso fosse real, que fosse apenas um sonho ruim ou que minha mente estivesse me pregando peças.

Os observei seguirem na direção contrária a que eu estava, abraçados

e completamente alheios a mim.

Me encostei na parede e olhei para o céu, sabia que uma hora eu iria perder, sabia que ela cansaria de me esperar. Só não imaginava que fosse doer tanto saber que ela seguiu em frente.

Georgia

Olhei de um lado para o outro e me abracei. Tinha a sensação de que havia alguém me observando, mas eu não sabia quem era. Corri meus olhos pela rua, sem mexer a cabeça, mas não achei nada de diferente ou que pudesse indicar que eu estava sendo vigiada.

Respirei fundo e balancei a cabeça. Era impressão minha. Talvez a falta de sono estivesse comprometendo minha mente.

— Está tudo bem? — Samuel perguntou, me virando de frente para ele.

— Sim, só estou com sono e com fome. As últimas semanas não foram fáceis.

— Tem razão. Você mal tem dormido à noite, percebi isso também.

Sorri e senti sua boca em minha bochecha.

— Vem, vamos para casa.

Ele me abraçou e começamos a caminhar pela rua fria de Paris.

As coisas avançaram para um ponto que eu não esperava. Aquela noite, em que eu cedi ao desejo que estava sentido, se transformou em outra e depois em mais outra, e outra, e quando vi já estávamos em um relacionamento que eu não sabia nomear.

Samuel era diferente de todos os caras que eu já saí na vida, ele era metódico com horários, não gostava do frio, tinha covinhas quando sorria abertamente, me olhava no fundo dos olhos quando conversávamos, gostava de me impressionar com pequenos detalhes, como levar meu café durante os intervalos das suas aulas. Me mandava mensagens durante o dia que me faziam suspirar.

Ele era novo, mas sabia o que estava fazendo. Definitivamente.

Natalie percebeu minha mudança de humor, mas não comentou a respeito.

A verdade era que eu estava bem, estava feliz como eu jamais poderia imaginar ser. Amava acordar na sua cama, ou que ele acordasse na minha. Gostava de ouvir sua risada de manhã, assim que acordava, ou então ficar observando-o dormir.

Aos poucos criamos uma rotina que estava nos fazendo bem, estávamos criando um laço que até então eu pensei que não criaria com

nenhum outro homem.

Estar com o Samuel era a maior descoberta de que eu poderia ser feliz, porque apesar daquela cara de anjinho dele, eu o conhecia o suficiente para saber que de anjo, só a cara mesmo. Parecíamos entrar em combustão a cada vez que nossas peles se tocavam, ou que ele começava a me beijar. Nada ficava monótono, era incrível como ele gostava de desafiar o perigo me pegando desprevenida em locais que eu jamais imaginaria ficar com alguém.

Ter Samuel em minha vida foi a melhor loucura que eu fiz em todos esses anos.

— Está tudo bem? — Samuel perguntou assim que entramos na sua casa.

Tirei as luvas, a touca e o casaco antes de sorrir.

— Sim, está. Apenas pensando em tudo que aconteceu esses meses.

Me sentei no sofá e tirei as botas, colocando as pernas para cima em seguida.

— Não está satisfeita aqui comigo? — perguntou, se jogando ao meu lado e me puxando para ficar deitada ao lado dele.

— Estou, e era sobre isso que estava pensando. Quem diria, não é?

Seus dedos acariciaram minhas bochechas.

— Algumas coisas não se explicam — falou, me apertando mais contra si.

— Verdade.

Ficamos alguns minutos em um silêncio confortável, apenas curtindo o clima ameno, o aconchego de seus braços, me deliciando com as batidas do seu coração.

— Eu amo você, Geórgia.

Me sentei e olhei para ele, buscando em seus olhos algum indício de que estava brincando.

— Você o quê? — perguntei.

— Eu amo você.

Seus dedos acariciaram minhas bochechas, ele olhava dentro dos meus olhos e não desviou um segundo sequer.

— Você... — tentei falar, mas fui cortada.

— Não, não estou enganado. Eu amo você, cada centímetro seu. Amo o modo como você sorri, amo a maneira como coloca os cabelos atrás da orelha, quando fica com vergonha de algo, amo a forma como você fica quando está treinando, amo a maneira como você está sempre preocupada com quem você ama, amo a forma com que você morde a ponta da caneta quando está pensando, eu amo...

Não deixei que terminasse de falar, apenas avancei e o beijei, tentando mostrar para ele apenas com isso, que eu também o amava, ele era a calma no meio da tempestade que eu era. A paz no meio do tornado, a

minha válvula de escape para cada vez que estava perdida. Ele me fazia querer ser uma pessoa melhor, fazia eu me sentir importante e estava do meu lado em todos os momentos desde que começamos a sair. Eu não tinha medo de alguém nos ver juntos, éramos livres, adultos e responsáveis.

Definitivamente, eu não me importava com mais nada desde que ele estivesse ao meu lado para me ajudar a enfrentar qualquer batalha, mesmo que eu fosse perder. Mesmo que eu fosse me arrepender mais na frente, era o agora que estávamos vivendo, era o presente que importava.

Desgrudei nossos lábios apenas para poder respirar, não queria me afastar dele. Olhei dentro de seus olhos.

— Eu amo você, Samuel. Não sei o que fazer em relação a isso, não sei o que fazer em relação a nós dois, só sei que não quero que isso acabe.

— Não vai acabar, eu não vou deixar que isso aconteça.

Então voltou a me beijar e eu nunca me senti tão protegida como naquele instante.



Infelizmente, não podia dormir na casa dele naquela noite, tinha alguns relatórios para terminar de analisar e encaminhar para o Departamento

de Ciências da Interpol, então tinha que ir para casa.

— Eu te levo — falou pela décima vez, me beijando novamente.

— Nada disso. Pode ficar aqui e ir dormir, ligar para a sua mãe ou ver aquela série que você tanto gosta.

— E eu já disse que não me importo em te acompanhar.

Beijei sua boca mais uma vez e me afastei, colocando minha touca e minhas luvas.

— Quando eu chegar em casa eu te ligo. Amo você. — Dei mais um selinho nele e me virei para ir embora, mas fui puxada novamente e tive minhas costas coladas à parede, e seus olhos me encaravam, como se quisessem me ler, e ele conseguia. Conseguia com muita facilidade.

— Eu te amo — sussurrou antes de tomar minha boca em um beijo que me fez arfar e querer voltar para a sua cama.

Sorri e o empurrei, saindo em direção as escadas. Se eu ficasse mais um segundo naquele apartamento eu não responderia por mim.

Sorri e fechei os olhos ao ser recebida com o ar frio.

Comecei a caminhar até a minha casa. Apertei os braços contra mim mesma, sentindo aquela mesma sensação de estar sendo observada, olhei para trás, porém, não vi nada. Continuei caminhando, mas meu sexto sentido estava apitando cada vez mais.

Ouvi um barulho de pés e olhei para trás, pronta para atacar. Mas não

havia ninguém, me virei novamente e quase gritei ao ver um homem na minha frente. Seu rosto coberto pelo capuz logo foi revelado, me fazendo arfar e tremer enquanto dizia seu nome:

— Pierre...

CAPÍTULO SEIS

Georgia

*Então, quando eu estiver engasgada e não conseguir encontrar as palavras
Toda vez que dizemos a
deus, amor, me machuca
Quando o Sol se pôrE a banda parar de tocar
Eu sempre lembrarei de nós desse jeito
Always Remember Us This Way – Lady Gaga*

Meu cérebro custou a receber a informação de quem estava a minha frente, há muito tempo eu tinha parado de fantasiar que ele iria voltar e vir atrás de mim. Decidi seguir minha vida, esquecer o que tivemos juntos e tentar algo novo com Samuel. Estava dando certo, estava dando muito certo, eu só não contava com o fato de o Pierre reaparecer em minha vida.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Precisamos conversar, morena.

— Não temos nada para conversar, Pierre — falei, tentando passar por ele, mas segurou meu braço, me obrigando a parar.

— Não? Realmente seguiu sua vida pelo que eu pude ver.

— Você queria que eu tivesse feito o quê? — Eu não estava acreditando que ele estava exigindo algo de mim. — Foi você quem resolveu ir embora, foi você quem decidiu que o que a gente tinha não servia para nada! Achou mesmo que eu ia ficar sentada de braços cruzados, chorando e esperando você voltar?

— Não! Claro que não! Eu só... — Ele me soltou e respirou fundo. — Eu só não estava pronto para voltar e te encontrar com outro.

Balancei a cabeça tentando conter as lágrimas. Por que ele tinha que voltar e estragar tudo?

— Claro, sempre pensou que eu ficaria a vida inteira esperando por você, sempre pensou que o fato de eu te amar valeria mais que minha felicidade. Mas adivinha, o meu amor por mim mesma é muito maior do que o amor que eu sinto por você.

— Ainda me ama.

— O quê? — perguntei, franzindo a testa.

— Você confirmou “*o meu amor por mim mesma é muito maior do*

que o amor que eu sinto por você”. Você ainda me ama.

Balancei a cabeça.

— Acho que eu não sabia o significado de amor — falei.

— Não. Eu te conheço, Geórgia, posso não ter estado com você nos últimos meses, mas eu te conheço.

— Essa conversa não vai levar a lugar nenhum, melhor você ir embora antes que eu resolva chamar a polícia.

— Você não teria coragem...

— Ela pode não ter, mas eu tenho. — Fechei os olhos ao ouvir a voz do Samuel atrás de mim. Tudo que eu não precisava agora era vê-los brigando.

— Quem é você? — Pierre perguntou.

— Samuel, namorado dela.

Pierre apenas confirmou com a cabeça, colocou a mão na cintura e sorriu debochadamente para mim.

— Não sabia que tinha resolvido procurar namorado na maternidade, Geórgia.

Não tive tempo de reagir, apenas ouvi o som de pele contra pele se chocando e percebi que o Samuel havia atingido o rosto do Pierre com um soco.

— Samuel, para! — pedi, tentando tirá-lo dali, mas essa era uma

situação muito diferente da qual estávamos acostumados.

— A criança até sabe bater — Pierre disse enquanto passava a mão no maxilar.

— Pelo amor de Deus, vocês precisam parar! — pedi, mas nenhum dos dois me escutava.

Pierre atingiu o rosto do Samuel e meu namorado caiu no chão, seu nariz sangrando. Eu não podia entrar na briga, era desvantagem na certa. Peguei meu celular dentro da bolsa e comecei a procurar o contato de uma amiga que trabalhava na polícia.

— Se vocês não pararem eu vou ligar para a polícia agora mesmo!

Pierre me olhou, o punho levantando para acertar outro soco no Samuel, a boca escorrendo sangue, os olhos incrédulos, duvidando se eu realmente faria isso.

— Não me obrigue a isso — pedi.

— Pierre, não vale a pena ir preso, não por ela — uma voz feminina disse, se aproximando de nós.

Pierre não deixou de me olhar nem por um momento, mas soltou o Samuel e se afastou de nós. Corri até o Samuel, avaliando seus machucados.

— Consegue levantar? Vem. — O ajudei a ficar de pé e olhei para o homem por quem alguns meses atrás eu faria o possível e o impossível para ficar comigo.

Olhei para o Pierre, que agora me encarava com um certo desprezo.

— Esquece que eu existo — falei.

— Não se preocupe quanto a isso — falou. A voz amarga e um olhar quebrado diziam mais que as palavras. — Já esqueci.

Então ele se virou e passou pela mulher que havia chegado ainda há pouco, ela o seguiu com o olhar então se virou para mim e se aproximou. Não a conhecia, mas ela parecia ser alguém bem próxima do Pierre, seu olhar era duro e tinha um claro sinal de aviso em suas palavras.

— Fique longe dele, *pro* seu próprio bem. Não quero ter outra morte nas minhas costas.

Então se virou e seguiu pelo mesmo caminho que o homem tatuado havia seguido. Pisquei algumas vezes e voltei a olhar para o Samuel.

— Vem, vamos voltar para a sua casa e limpar seus machucados.

Não obtive resposta, mas caminhamos juntos de volta para a casa dele.



Samuel não emitia nenhum som enquanto eu limpava seus machucados. Ele olhava para o nada, como se não fizesse diferença o que eu

estava fazendo. Guardei o kit de primeiros socorros e me sentei na sua frente.

— Fala alguma coisa, por favor.

O silêncio dele estava me deixando sufocada. Eu queria que ele gritasse, que ele brigasse comigo, qualquer coisa seria pior que esse silêncio.

— Quando ia me contar que seu ex-namorado é um cara procurado pela polícia?

— Não achei que esse detalhe pudesse ser importante.

— Claro, não é importante. Seu ex-namorado é a porra de um bandido foragido é não é importante. O que é importante pra você, Geórgia? A droga da sua vingança? A busca incansável pelos assassinos do seu irmão e dos seus pais?

Me levantei, completamente chocada.

— Você não disse isso...

— Não foi pra isso que você entrou na Interpol? Para achar quem matou seus pais? Não é isso que te motiva?

— É melhor você ficar calado, Samuel.

— Me dá um motivo, Geórgia. Estamos juntos há quase cinco meses e você nunca tocou no nome desse Pierre, a única coisa que fala é vingança, vingança... Agora eu encontro você junto com ele no meio da rua!

— Eu não falei sobre ele porque não era importante, droga!

— Você ficou abalada, Geórgia. É claro que ele era importante para

você, por que simplesmente não assume de uma vez?

— É isso que você quer saber? — Minha voz estava alta e irritada. — Então tá bom! Eu tinha um relacionamento com Pierre, eu era a mulher que precisava prendê-lo, mas que o deixou fugir. Eu sou a policial que foi contra tudo que acredita e se apaixonou pelo vilão! Eu o amei com tudo que existe dentro de mim, mas ele me deixou. Ele me deixou e você entrou na minha vida.

Ele não falou nada, apenas se levantou e caminhou até a porta, abrindo-a em seguida.

— Eu quero ficar sozinho.

Assenti, peguei minha bolsa e passei por ele.

— Eu não estive com ele do jeito que você está pensando — garanti, parando do lado de fora e me virando para olhá-lo. — Eu amo você, Samuel.

— Mas também o ama — declarou, me encarando e deixando sua dor transparente para mim.

Neguei, mas ele apenas levantou uma mão.

— A gente se vê depois.

A porta se fechou e eu precisei piscar para conter as lágrimas.

Como tudo isso foi explodir de repente?

Pierre

Ariane limpava meus machucados e não disse nada enquanto fazia o trabalho.

— Ariane... — Ela apertou o local ferido com mais força do que devia e eu grunhi.

— Fica quieto.

Foi a única coisa que disse durante todo o tempo.

Quando terminou ela se afastou, pegou suas coisas e caminhou na direção da porta.

— Aonde você vai? — perguntei, indo bloquear sua passagem.

— Embora. Você sabe se cuidar sozinho.

— Ariane, por favor. — Segurei seus ombros. — Eu...

— Pode poupar saliva, eu já sei o discurso de cor e salteado. Não precisa se dar ao trabalho de repeti-lo.

— Obrigado. Você não tinha obrigação de fazer isso.

— Pois é, eu não tinha, mas aqui estou eu.

Ariane entrou novamente na casa e se jogou no sofá, fechando os olhos e passando as mãos pelos cabelos loiros. Fechei a porta e me encostei

nela, observando a menina que eu prometi cuidar e que me fez fazer coisas imperdoáveis. Me aproximei dela e ajoelhei ao seu lado.

— É meu dever te proteger, não o contrário.

— Eu não sei se você percebeu, Pierre... — falou ainda sem me olhar
— Mas eu não sou aquela menina indefesa que você precisou ajudar anos atrás. Eu tenho sangue nas minhas mãos e...

— Ariane, você não tem sangue nas mãos.

— Claro que eu tenho. Eu matei o meu tio e...

— Não, você não matou! — Segurei suas mãos e fiz com que ela me olhasse. — Quando eu voltei na casa, encontrei o desgraçado ainda vivo, sentado no sofá.

Os olhos dela se arregalaram e senti suas mãos tremerem.

— Pierre...

— Você não matou o Jean, Ariane. Fui eu. Eu o matei.

Ariane

Tinha certeza de que o tempo a minha volta tinha parado, eu só conseguia encarar o rosto do homem que prometeu para minha mãe que

cuidaria de mim com sua vida, que me protegeria e que me manteria fora de perigo.

A revelação de agora fazia um filme rodar na minha cabeça. Todos esses anos eu me senti culpada, me sentia suja pensando que havia tirado a vida de um homem, mas eu era inocente esse tempo todo.

— Eu não matei... — foi tudo que eu consegui sussurrar, sentindo meus olhos arderem com lágrimas que eu sabia que não cairiam por nada.

Eu não chorava desde daquele fatídico dia. Eu não tinha mais motivo para isso, a parte boa de mim havia morrido no dia em que pensei ter matado meu tio.

— Não, não matou. — Pierre me envolveu em seus braços enquanto eu tentava absorver o que ele havia dito.

Minha mãe morreu vítima de um câncer terminal quando eu tinha 13 anos. Pierre sempre foi meu amigo, desde que ele me salvou de um incêndio quando eu tinha 11 anos. Sempre fui apaixonada por ele, pela sensação de segurança que sua presença passava quando estávamos juntos.

Um pouco antes da minha mãe morrer, ela o chamou para uma conversa séria. Eu não tinha mais ninguém a não ser um tio que morava no Sul da França, e foi para quem minha guarda foi dada após a morte da mamãe.

Eu não queria ficar longe do Pierre, não queria ir para a casa do meu

tio, mas ele prometeu que eu ficaria bem e que se eu precisasse dele bastaria ligar.

E foi o que eu fiz, depois de três meses vivendo em um inferno, após ter sido espancada e abusada pelo homem que deveria cuidar de mim, após acertar um tiro no meu tio. Eu liguei para ele.

Aquele dia não passava de um borrão na minha mente. Pierre disse que ficaria comigo e cuidaria de mim, e ele o fez durante todos esses anos. Nunca havia entendido o motivo de ter largado o emprego, ainda mais depois de ter me salvado. Quando eu descobri que ele trabalhava como falsificador de dinheiro, obras de arte e joias, minha ficha caiu. Eu tinha arruinado o homem que prometeu me proteger.

— Ariane, fala comigo, por favor.

Acordei das lembranças que me massacravam e olhei para o Pierre.

— Preciso ficar sozinha, por favor... — pedi, sussurrando.

— Você vai ficar bem? — Assenti e ele beijou minha testa.

— Eu vou dar uma volta. Qualquer coisa me liga.

Assenti e o observei saindo.

Engoli em seco quando a porta se fechou e fechei os olhos com força, querendo extravasar para liberar a minha dor.

A pergunta que não parava de martelar na minha cabeça era apenas uma: como eu iria conseguir viver sabendo que destruí a vida do único

homem que se importava comigo?

CAPÍTULO SETE

Ariane

*Está uma noite fria pra caramba
Tentando entender essa vida
Você não vai me levar pela mão?
Me leve a algum lugar novo
Eu não sei quem você é
Mas eu, eu estou com você
Eu estou com você
I'm With You – Avril Lavigne*

Permaneci na mesma posição por horas e horas, apenas encarando o nada. Minha mente completamente bloqueada para qualquer tipo de interrupção. Eu queria chorar, queria gritar de raiva, mas eu não conseguia. O

vazio que eu estava dentro de mim era tão grande que eu não conseguia imaginar que ele fosse preenchido algum dia.

Fechei os olhos tentando fazer a dor se transformar em lágrimas, tentando a todo custo me sentir humana. Em nenhum momento eu me arrependi de ter atirado no meu tio. Ele merecia morrer, merecia pagar por tudo que me fez passar enquanto eu ainda estava lá.

Abracei meu corpo ainda mais forte e encostei a cabeça nos joelhos. Eu tinha que lidar com isso, mas por ora, naquele mísero instante, eu permiti que a escuridão tomasse conta da minha mente.



— Ariane, Ariane! Acorda, por favor.

Sentia dedos acariciando minha testa, aos poucos o sono foi me deixando e eu abri os olhos devagar, vendo o Pierre agachado na minha frente.

— Que horas são? — perguntei, me sentando.

— 7 horas. Você dormiu bastante, hein.

— Eu... — Fechei os olhos e coloquei as mãos no rosto, fechando os olhos.

— Está tudo bem, Ari. Eu entendo que...

— Eu preciso de um banho — falei, me levantando para me livrar do toque dele.

Fui direto para o único quarto da casa a fim de procurar roupas limpas, peguei tudo e caminhei para o banheiro. Tranquei a porta e me encostei nela, encarando meu reflexo através do espelho rachado. Eu me sentia exatamente como ele, quebrado e sem pretexto de conserto.

Tratei de tirar a roupa e entrar na água quente. Apenas fechando os olhos e sentindo o cansaço se esvaír do meu corpo pouco a pouco.

Eu não podia mais ficar ali, no país que me lembrava tudo que eu queria esquecer, eu tinha que ir embora e começar do zero. Eu devia isso a minha mãe, não era mais uma menina indefesa, sabia tomar minhas próprias decisões, decisões essas que fariam a diferença em minha vida.

Após o banho, já saí do banheiro com um plano na cabeça, para onde ir, por onde começar. E a primeira coisa era libertar o Pierre da promessa dele.

Caminhei calmamente até a minúscula cozinha e me encostei na parede.

Pierre estava de costas para mim e não usava camisa, as tatuagens marcando cada centímetro de sua pele. Várias vezes já me peguei pensando em como seria tracejar cada desenho, como seria o gosto do seu beijo, como

seria estar nos braços dele. Infelizmente, esse privilégio não foi concedido a mim, e sim a uma policial que não dava valor para ele.

— Vai ficar me observando sem falar nada? — perguntou, se virando para me encarar, cruzando os braços e erguendo uma sobrancelha.

— Estou procurando o melhor jeito para dizer isso — confessei.

— Talvez ser direta seja a melhor opção.

— E se não for? — A verdade era que eu tinha medo de perdê-lo para sempre, tinha medo de que ele me esquecesse, mas eu não voltaria atrás. Eu não podia.

— Ari — disse, se aproximando de mim e segurando meu rosto, me fazendo encará-lo. — Apenas diga.

Pressionei os lábios e assenti.

— Eu te liberto.

— Me liberta? — Seu rosto demonstrava confusão e eu apenas confirmei.

— Sim, te liberto, não tem motivos para continuar com a promessa que fez para a minha mãe.

— Isso não tem o menor cabimento, Ariane.

— Para mim tem! Olha o que eu obriguei você a fazer!

— Você não estava naquela maldita casa me mandando atirar na cabeça daquele filho da puta, Ariane! Você não estava comigo ali me

instigando a fazer aquilo! Foi por você? Claro que foi! Eu não podia deixar aquele filho da mãe vivo! Você era e ainda é minha prioridade, eu sempre vou te proteger!

— Não preciso mais da sua proteção! Quando você vai entender e perceber que eu vou estar protegida quando estiver longe de você?

Isso o fez ficar em silêncio e me soltar.

— O quê? — sussurrou.

— Não posso mais ficar perto de você, Pierre. Eu não preciso da sua proteção porque o único homem que pode me machucar é você mesmo. — Parei de falar quando senti um gosto salgado em meus lábios, passei a mão no rosto para parar as malditas lágrimas que escolheram uma péssima hora para voltarem a cair.

— Não está falando coisa com coisa...

— Estou. Quando você vai parar de fingir que não sabe que eu sou completamente apaixonada por você? Aceitei o posto de melhor amiga com louvor, mas pra quê? Basta aquela policial aparecer para você esquecer que eu existo.

— Você sempre foi uma criança, Ari....

— Olha aí! — Me afastei da mesa. — Uma criança! Eu deixei de ser criança no dia que me mudei para a casa do meu tio, Pierre. Eu deixei de ser uma adolescente há muito tempo, mas você não percebeu isso. Estava tão

preso no fato de estar apaixonado por uma maldita policial que isso nem se passou pela sua cabeça.

— Eu estava tentando te manter segura! — gritou. — Todos esses anos, me dedicando a você, falsificando qualquer coisa para conseguir dinheiro, eu matei um homem por sua causa, Ariane! Para proteger você!

— Se você quer tanto me proteger então me deixa ir embora, me deixa viver a minha vida, para de ser a minha sombra!

Ele não disse nada. Ficamos nos encarando por segundos, mas pareciam horas. Pierre se virou e apoiou as mãos na pia, abaixando a cabeça.

— Você tem certeza de que está tomando a decisão correta? — Sua voz estava diferente.

Mordi o lábio inferior e assenti, mesmo que ele não pudesse me ver, então confirmei em voz alta.

— Sim.

Pierre não disse nada por alguns segundos e eu considerei que era a minha deixa para sair. Fui até o quarto e, ignorando todas as lágrimas que escorriam pelo meu rosto, peguei minhas coisas, um dinheiro que eu tinha guardado e caminhei até a sala.

— Adeus, Pierre — falei.

Eu tinha uma pequena impressão de que não o veria mais, essa era uma despedida.

Não obtive nenhuma resposta dele, me virei e abri a porta da casa.

— Ariane...

Me virei a tempo de vê-lo avançar sobre mim. Não tive tempo de pensar, de agir ou de falar nada, só me dei conta de que estava sendo beijada por ele quando sua língua exigiu passagem pela minha boca.

Bastou isso para que meu corpo agisse automaticamente e se agarrasse a ele. Minhas mãos em seu pescoço, puxando-o para mim como se a qualquer momento ele fosse parar de me beijar, suas mãos em minha cintura me apertando, marcando.

Se aquilo era um sonho eu não queria acordar nunca mais.

A intensidade com que me segurava, a forma como sua língua se mexia sobre a minha, como seus lábios faziam pressão sobre os meus, como suas mãos me marcavam e seu corpo me prensava.

Eu queria que o tempo parasse apenas para continuar apreciando essa sensação que era estar em seus braços.

Aos poucos ele diminuiu a intensidade do beijo, apenas para me dar alguns selinhos antes de encostar a testa na minha.

Não ousei perguntar nada, muito menos abrir os olhos. Eu sabia o que vinha a seguir, ele dizendo que foi um erro esse beijo, que eu precisava esquecer e seguir minha vida.

— Ariane... — sussurrou, mas eu coloquei a mão em sua boca

delicadamente e neguei.

— Não fala nada, só isso que eu peço — pedi e o soltei, indo pegar as minhas coisas. — Quem sabe um dia a gente não volte a se ver?! Eu não sou idiota de achar que quando nos encontrarmos novamente você vai se declarar perdidamente apaixonado por mim. Mas, sabe, você me ensinou muitas coisas durante todos esses anos, obrigada por isso.

— Não pode ir embora...

— Eu posso e já estou indo.

Voltei e lhe dei um beijo no rosto.

— Até um dia, Pierre.

Peguei minhas coisas e saí da casa.

Como seria a minha vida dali pra frente eu não sei, mas de uma coisa eu tinha certeza, era hora de começar a andar com minhas próprias pernas.

Pierre

Eu não conseguia parar de encarar a porta da rua. A fechei com uma batida e me sentei no sofá, apenas fechando os olhos. Ela não podia ir embora da minha vida assim, mas eu não podia obrigar que ela ficasse ali comigo.

Não depois de tudo que ela me disse mais cedo e, definitivamente, depois desse beijo.

Caralho!

Que beijo foi aquele?

Meu corpo não podia reagir assim ao dela, parecia que chamas estavam me consumindo de dentro para fora e eu só queria arrancar todas as roupas que impediam minhas mãos de tracejarem a pele macia. A forma como se agarrou em mim me fez querer jogá-la em cima daquela cama e lhe dar mil razões para não ir embora.

Mas eu não podia fazer isso. Ela era minha amiga, a menina que eu jurei proteger anos atrás. Eu não podia fazer isso com ela.

Eu jamais me perdoaria se quebrasse seu coração. Eu preferia deixá-la ir embora e ter o meu coração quebrado, do que magoá-la.

Foi a melhor decisão.

Afinal, eu prometi para a sua mãe que a protegeria, prometi que morreria por ela se fosse possível.

Então me dei conta de uma coisa. Disse uma vez para a Geórgia que por ela eu matava e morria. Mas durante todos esses anos, eu matei pela Ariane e agora estava morrendo sem ela.

Era a droga de uma situação confusa e frustrante e eu não sabia o que fazer ou em que direção seguir.

Se antes eu já estava perdido, agora que não fazia a mínima questão de me encontrar e só me restava uma saída: seguir em frente, completamente sozinho.



CAPÍTULO OITO

Georgia

*Você pode pegar tudo o que eu tenho
Você pode quebrar tudo o que eu sou
Como se eu fosse feita de vidro
Como se eu fosse feita de papel
Vá em frente e tente me derrubar
Eu vou me levantar do chão
Como um arranha-céu
Skyscraper – Demi Lovato*

Não consegui pregar o olho durante a noite. A todo momento que eu os fechava, via o Pierre e o Samuel, ambos ao meu lado pedindo uma chance.

Eu só queria tirar essa angústia do meu coração, queria fazê-lo parar

de doer.

Coloquei café na minha xícara e fechei os olhos, permitindo mais uma vez que as lágrimas caíssem. Estava sendo difícil pará-las nas últimas horas. Respirei fundo e sequei o rosto com a ponta dos dedos, tomei o restante do meu café e fui pegar minha bolsa no quarto. Eu precisava estar na sede daqui a pouco.

Enquanto eu caminhava pelas ruas frias, minha mente ia para os dois homens completamente diferentes que habitavam minha mente juntos, desde a noite de ontem.

Samuel e Pierre eram completamente opostos, mas eles tinham uma coisa em comum: os dois poderiam quebrar meu coração facilmente.

Quando eu estava com o Pierre, era tudo feito no calor das emoções, afinal, já ouviu aquele ditado que diz que o que é proibido é mais gostoso? Essa era a minha definição com ele, o típico clichê de policial e bandido. O típico romance do mocinho malvado e da mocinha que precisava prejudicá-lo.

Samuel era o mocinho, o cara que tinha a carinha de anjo, mas entre quatro paredes me deixava maluca e completamente entregue. Ele podia ser novo na idade, mas a maturidade dava de 10 a 0 em qualquer homem de 30 anos. Eu amava quando ele me fazia sorrir, quando me abraçava no fim do dia, ou quando se deitava comigo no sofá e apenas ficávamos abraçados.

Se o Pierre foi o que mais se aproximou do meu coração, Samuel chegou para arrebentar as portas e tomar o seu lugar.

Eu não sabia o que fazer, pois meu coração palpitava mais forte quando eu pensava em ambos. Eu tentava a todo custo ignorar a voz irritante na minha cabeça que sussurrava desde ontem à noite o meu pior pesadelo.

Era impossível, não era? Se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo? E que se odiavam? E que eram completamente diferentes?

Antes que eu tentasse uma resposta para cada uma dessas perguntas, eu cheguei em frente à sede da Interpol e fui direto para a sala da Natalie, precisava conversar com ela.

Assim que cheguei próximo à sala dela eu parei ao escutar vozes alteradas.

— *É o seu trabalho, sua responsabilidade!* — Consegui discernir o sotaque francês muito bem, era o Adrian, diretor geral da Interpol.

— *Não faz sentido querer largar tudo agora!* — Era a voz da Natalie agora. E eu só queria saber de quem eles estavam falando.

— *Eu não quero mais!* — Arregalei os olhos ao ouvir a voz do Samuel. — *Nunca descobri nada que fosse relevante para vocês, ela não estava mentindo.*

— *Se apaixonou pela Geórgia, não foi?* — Adrian perguntou e eu arregalei os olhos quando percebi que o teor da conversa era eu.

— *Isso não vem ao caso* — Samuel disse.

— *Eu entendo você, Samuel, de verdade. Mas não acho que seria motivo para desistir de tudo.*

— *Não é motivo para vocês, mas para mim é! Pensa que é fácil ficar escondendo dela que eu me aproximei apenas para descobrir o paradeiro do Pierre?*

— *Samuel, nós tínhamos um trato...*

— *Eu não quero saber desse trato, Adrian! Eu quero escolher a minha vida, não é problema meu que você tenha traçado um futuro para mim, mas eu não o quero!* — Samuel gritou.

Lágrimas nublaram minha visão, todo esse tempo eu fui usada? Era isso?

Não esperei mais nenhum momento, me virei e entrei na sala, surpreendendo os três.

— *Você mentiu para mim esse tempo todo?* — perguntei, olhando dentro dos olhos dele.

— *Geórgia, eu posso explicar...*

— *Todo esse tempo você estava fingindo?*

— *Eu nunca menti quando estava com você!*

— *Como você quer que eu acredite em você? Depois dessa conversa que eu acabei de ouvir?*

— Porque eu amo você! — falou ao se aproximar de mim e segurar meu rosto. — Eu amo você, Geórgia! Sou completamente apaixonado por você.

Neguei e me afastei dele.

— Não acredito em você, Samuel. Não consigo.

As lágrimas escorriam livremente, sem se importar com quem estava na sala, sem pedir permissão ou licença.

— Não... — ele disse, mas me afastei e me virei para os meus chefes.

— Natalie, não acredito que aceitou isso...

— Geórgia...

— Não! — Ergui as mãos. — Não fala nada, esquece que um dia fomos amigas. — Me virei para o diretor geral da Interpol, mas eu podia esperar algo assim vindo dele. — Eu sempre esperei algo desse tipo vindo de você, não sei porque estou surpresa com o seu envolvimento.

— Eu faço de tudo pelo bem dessa organização, Geórgia, deveria saber disso.

— E você deveria saber que quando eu descobrisse isso perderia sua melhor agente.

— Do que você está falando, Geórgia? — Natalie perguntou, os olhos arregalados.

— Eu estou me demitindo.

— Não pode fazer isso! — Adrian declarou.

— Não me diga o que eu devo fazer ou não, você não tem esse direito! — gritei. — Esqueçam que eu existo!

Saí da sala e comecei a correr, eu precisava sair dali, precisava ir embora.

— Geórgia, espera! — Ouvi o Samuel atrás de mim, então corri mais. Porém, assim que cheguei na saída ele me segurou.

— Me solta!

— Me escuta, por favor! — pediu.

— Eu não quero! Finja que eu morri!

— Eu sou apaixonado por você! — gritou, as pessoas nos encaravam com curiosidades, mas eu pouco me importava.

— Que lindo, estou maravilhada! — ironizei batendo palmas. — Acha que eu sinto o mesmo? Você não passa de uma criança, Samuel. Enquanto você brincava comigo eu brincava em dobro com você!

Ele se calou.

— Não está falando a verdade...

— Será que não? Eu ia me encontrar com o Pierre ontem à noite, a gente teria tido uma noite maravilhosa se você não tivesse aparecido e bancado a porra do macho alfa!

Eu me arrependi no mesmo instante que as palavras saíram da minha

boca.

— Eu não acredito...

— Eu estava te traindo com ele o tempo todo! Satisfeito? Ou você quer os detalhes também? — Eu havia atingido o nível de raiva sobrenatural, porque por mais que tentasse controlar, eu não conseguia, as palavras simplesmente saíam sem permissão. — Você é uma criança, Samuel. Por que não procura alguém da sua idade para aprender a brincar de casinha?

Ele assentiu e se virou, apertei os lábios para evitar o choro.

— Eu quero esquecer que você existe, Geórgia — falou e podia notar sua voz embargada.

— Eu já te esqueci — menti, mordendo o lábio com força, achei que ele ia embora, mas continuou falando.

— A base de um relacionamento é a confiança, e eu nunca mais vou confiar em você novamente.

— A recíproca é verdadeira, não se preocupe.

Ele se virou para mim novamente e eu pude ver seus olhos avermelhados, mordi os meus para conseguir conter as malditas lágrimas que queriam escorrer a todo custo.

— Eu odeio você, Samuel Fernandes — falei, devagar e com calma.

Ele apenas assentiu e se virou, indo embora de vez.

Nesse instante eu permiti que as lágrimas caíssem. Abracei a mim

mesma, tentando conter o grito que queria sair do fundo da minha alma.



Eu só passei no meu apartamento para pegar minhas coisas, fiz uma mala rápida e agora eu estava aqui no aeroporto, sem saber para onde ir, sem falar com ninguém, apenas com a dor do meu coração.

Peguei minha mala e comecei a andar a esmo, até esbarrar em um corpo masculino.

— Desculpe — o homem de boné e capuz disse, mas eu parei, conhecia essa voz.

— Pierre? — sussurrei.

Ele parou e segurou meu rosto.

— Morena, o que você está fazendo aqui? — perguntou.

— Indo embora.

— Por quê?

— Eu preciso. Preciso ficar sozinha por um tempo.

O observei lamber os lábios e apenas assentir.

— Eu vou te ver novamente?

— Quem sabe um dia? — Dei um sorriso triste e olhei a tela de voos.

— Acho que Nova Iorque é uma boa opção — falou ainda me olhando e eu assenti.

— Obrigada.

O abracei, me sentindo envolvida pelo seu calor. Sentiria falta dele.

— Eu te amo, morena. Nunca esqueça disso.

Assenti, me segurando para não chorar novamente. Me afastei dele e sorri.

— Até um dia, se cuida — disse e me virei, pronta para ir comprar minha passagem.

— Morena? — Me virei novamente e ele sorriu. — A gente ainda vai se encontrar muito, pode ter certeza disso.

— Eu sei que sim.

Voltei a caminhar.

Um novo começo, eu precisava disso.

Precisava reconstruir meu coração longe deles, apenas isso.

Samuel

— Eu me demito! — falei ao entrar na sala da Natalie novamente.

— Não pode se demitir, é um aluno.

— Foda-se! Eu quero ir embora, quero voltar para o Brasil, quero voltar para casa.

— A resposta é não. — Adrian foi curto e direto.

— Você não manda em mim — ameacei.

— Enquanto estivermos aqui dentro eu mando sim, e da França você não sai, eu prometi para a sua mãe que...

— Não quero saber de promessa nenhuma, a promessa é entre vocês dois, eu vim por causa dela, mas não posso fazer isso comigo, não depois de tudo que aconteceu.

— Isso não vai ser discutido...

— Vai sim. Eu vou embora da França, você queira ou não. Não pode me obrigar.

— Eu sou seu pai, Samuel!

— Apenas na droga do papel, nunca foi meu pai de verdade! Nunca se preocupou comigo de verdade, o seu nome no meu registro não significa que você é meu pai. Quantas vezes foi me visitar no Brasil? Ou me telefonou? Nenhuma! Eu estou aqui apenas porque a minha mãe pediu, mas eu não quero isso, não quero servir de fantoche para vocês dois. Esquece que eu existo!

Ele não disse mais nada e eu aproveitei o silêncio para ir embora. Birra? Talvez, mas a verdade era que o Adrian nunca foi meu pai de verdade, apenas um nome na minha certidão, que se eu pudesse eu arrancaria dali.

Vim para a França porque ele havia prometido para minha mãe que eu tinha uma vaga dentro da maior agência do mundo, ela sabia que meu sonho era ser policial, mas eu não queria entrar às custas do homem que se dizia meu pai, então eu simplesmente ignorei a presença dele na sede. Até ele me pedir para me aproximar da Geórgia e tentar descobrir através dela o esconderijo de um dos maiores falsificadores da França, Pierre Dubois, mas o tiro saiu pela culatra quando me vi completamente apaixonado pela Geórgia.

Agora, ela havia descoberto a verdade da pior forma possível e com isso eu descobri que tudo que vivemos não passou de uma mentira, uma mentira que parecia real.

Eu nunca mais entregaria meu coração para uma mulher novamente, porque doía, doía muito. Mas o principal motivo de eu não o entregar é porque não sobrou coração nenhum para entregar, ele foi pisoteado e destruído sem um pinga de remorso.

Peguei meu celular e vi a foto da minha mãe na tela, liguei para ela e esperei que atendesse. No quarto toque ouvi sua voz.

— *Samuel, meu filho! Que saudades!*

— Mãe, eu só liguei para avisar que estou voltando para o Brasil hoje

mesmo, não pode me obrigar a ficar aqui.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, até que eu a ouvi suspirar.

— *Estou te esperando, meu filho.*

Encerrei a chamada e uma lágrima teimosa escorreu do meu rosto.

Eu odeio você, Samuel Fernandes!

Eu odeio você, Samuel Fernandes!

A voz dela era uma constante na minha cabeça.

— Eu vou te esquecer, Geórgia. Vou apagar você do meu coração.

Peguei a minha mala e comecei a jogar as roupas lá dentro de qualquer maneira.

Eu precisava voltar para minha vida.

Lá era o meu lugar.

Sempre seria.

Era hora de fazer minhas próprias escolhas.



PARTE DOIS

É o amor, e não o tempo que cura todas as feridas.

[Martha Medeiros](#)

CAPÍTULO NOVE

Pierre

*Se eu correr, não será suficiente
Você continua na minha cabeça, presa para sempre
Então pode fazer o que quiser, sim
Amo suas mentiras, vou engolir tudo
Mas não negue o animal
Que ganha vida quando estou dentro de você
Animals – Maroons 5*

5 ANOS DEPOIS

A bebida desceu queimando em minha garganta. Me servi de mais uma dose e encarei a noite estrelada. Uma pena não poder aproveitar mais da

cidade maravilhosa, porém, eu não estava ali para curtir e sim para trabalhar, aproveitaria para cuidar de um assunto pessoal.

Estava hospedado em um dos hotéis mais caros da cidade, havia chegado na parte da manhã, tinha uma reunião com a investigadora na parte da manhã e atenderia meu cliente na parte da tarde. Depois disso eu não sabia para qual local ir.

— A cama estava vazia sem você. — Ouvi a mulher dizer, mas sequer olhei para trás.

— Pode se vestir e ir embora, já acabamos por hoje — falei, tomando mais um gole do meu uísque.

— Eu pensei que...

— Pensou errado. Fui bem claro com você, se precisar de dinheiro para o táxi é só me falar que eu pago.

— Seu babaca!

Disse e ouvi seus passos duros pelo quarto, provavelmente se vestindo. Ouvi seus xingamentos baixinhos e balancei a cabeça imperceptivelmente. Elas nunca entendiam.

— Vai querer o dinheiro para o táxi? — tornei a perguntar.

— Vai *pro inferno*! — ela disse e a porta foi batida em seguida.

Interpretei isso como um não e me sentei na poltrona que estava em

frente a varanda.

5 anos era tempo demais para a alguém sumir sem deixar rastros, não vou mentir que não estou preocupado, porque estou. Ou que não procurei por nenhuma delas, porque eu fiz isso a cada maldito dia nesses últimos anos, mas Ariane e Geórgia sumiram completamente do mapa.

Havia achado a Geórgia há cerca de um ano e meio, para ela simplesmente sumir do mapa novamente. Sabia que ela havia voltado a trabalhar para a Interpol alguns anos antes, consegui contato com ela apenas uma vez ao ajudar uma amiga, porém, depois disso não tive mais notícias suas e isso me preocupava.

Com a Ariane eu ainda mantive contato durante o primeiro ano, depois que ela foi embora, mas apenas por mensagens simples que diziam que ela estava bem. Após isso eu não tive mais, ela havia arrumado um namorado e eles estavam viajando pelo mundo.

E eu fiz o que tive que fazer para continuar fugindo da polícia. Fui pego uma vez e foi nessa ocasião que conheci a advogada Eduarda Medeiros, uma mulher tinhosa e completamente linda, que me ajudou quando necessário e que retribuí um ano e meio atrás quando matei um homem que ameaçava sua vida.

Não era exatamente o meu trabalho matar, mas quando precisava fazer eu fazia sem o menor remorso.

Saí da França alguns meses depois de todo o ocorrido, andei em vários países como Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Chile e agora o Brasil.

Por mais que as coisas estivessem bem, eu me sentia vazio. Quando dizem que o dinheiro não trazia felicidade, estavam corretos, por mais que eu tivesse rios de dinheiro guardados em bancos, eu precisava de algo que ainda não sabia exatamente o que era.

Encostei a cabeça na poltrona e fechei os olhos. Talvez eu soubesse do que precisava, mas admitir era um passo muito grande para se dar e eu não estava pronto para isso, pelo menos não ainda.



A detetive marcou o encontro em uma praça de alimentação do shopping, ela não tinha um escritório específico, mas as recomendações sobre ela eram as melhores.

Tirei os óculos escuros e vasculhei o local em busca da mulher que conversava comigo pelo e-mail. Então eu encontrei uma mulher com cabelos lisos e pretos cortados na altura dos ombros. Usava uma jaqueta jeans e mexia no celular, despreocupadamente.

Meu celular apitou e eu peguei o aparelho, sorrindo ao ver sua mensagem.

Estou vendo você, sei que está me olhando.

Guardei o aparelho e caminhei até ela, me sentando a sua frente.

— Pierre Dubois — disse, me oferecendo a mão.

Apertei e assenti para ela.

— Marcela Ferreira, espero que tenha alguma coisa para mim, tive ótimas recomendações sobre o seu trabalho.

Ela sorriu para mim.

— Você me deu dois casos bem difíceis, devo dizer logo. — Me estendeu um envelope pardo. — Nesse envelope contém tudo o que descobri sobre Geórgia Chevalier, tudo que ela fez durante esse último ano, incluindo sua localização atual.

Peguei o envelope, sentindo o peso dos papéis que continham tudo que eu precisava saber sobre a mulher que sumiu da minha vida sem deixar rastro.

— E a Ariane? — perguntei.

— Ela está sendo um pouco mais difícil do que eu imaginava. A última vez que consegui ter um sinal do seu paradeiro ela estava na Colômbia, mas não consegui nada mais que isso. Porém, tenho uma suspeita muito forte do que me leva a não conseguir sua localização.

— Que seria...? — perguntei.

— Eu não consigo encontrar a localização dela em tempo real, mas nunca disse que não conseguia descobrir aonde ela esteve.

— E você tem essa informação? — indaguei.

A mulher sorriu e me estendeu mais um envelope.

— Nesse arquivo tem os seis últimos países que Ariane Laurent foi vista, porém ela sabe burlar muito bem o sistema que eu uso para encobertar seus rastros. Ela parece ser muito boa com computadores e com mais uma coisa que dificulta sua localização.

— Que seria...? — repeti.

Ela mexeu no celular e me entregou, nele eu via algumas fotos de mulheres diferentes, mas eu não entendi o significado de nada daquilo.

— Isso quer dizer o quê? — Arqueei uma sobrancelha para ela, que sorriu ainda mais.

— Ariane Laurent é esperta, mas não mais esperta que eu. Todas as fotos que te mostrei se tratam da mesma mulher, a que você procura com tanto afinco.

— Ariane? — Voltei a olhar o celular procurando os traços da menina que deixei ir embora do meu apartamento anos atrás, mas era difícil encontrar algo que me lembrasse dela.

— Ela mesma. Eu tenho uma pista muito forte de que ela seja uma

mestre nos disfarces.

— Como assim?

— Ariane tem uma capacidade muito grande de ficar parecida com outras pessoas, como se pudesse mudar de identidade. Isso dificultou muito as minhas investigações para encontrá-la, já que seu passaporte foi usado pela última vez há dois anos.

— Ela está utilizando documentos falsos?

— Com toda certeza.

Olhei novamente as fotos e respirei fundo. Seria mais fácil encontrar uma agulha no palheiro do que achar a Ariane.

— O que pretende fazer para localizá-la?

— Eu disse que ela era esperta, mas não mais do que eu. Com base nos últimos países em que ela esteve e nos últimos disfarces que usou para realizar as viagens, consegui identificar um padrão. Com isso já tenho o próximo destino dela.

— Qual é? — perguntei e ela sorriu.

— O próximo destino de Ariane Laurent é o Brasil.

— Com isso você consegue descobrir onde ela vai estar, em que cidade? Hotel?

— Calma aí, rapaz, uma coisa de cada vez — pediu. — Sabemos o destino dela, eu preciso descobrir qual o próximo disfarce, quando eu

descobrir terei respostas para todas essas suas perguntas.

Assenti.

— Obrigado.

— Minha conta bancária que agradece. Até o próximo encontro, senhor Pierre.

Então ela se levantou, recolheu suas coisas, mas voltou a se apoiar e me olhar intensamente.

— Imagino que vá atrás da policial agora.

— Talvez.

— Apenas tenha cuidado. Eu consegui arquivos da Interpol que são sigilosos. Geórgia não está mexendo com coisa pequena.

— Quero saber se vão descobrir que você pegou isso.

Ela sorriu e negou.

— O senhor realmente duvida muito do meu trabalho.

Então se virou e foi embora.

Abri o envelope da Geórgia e procurei sua localização atual, assim que encontrei peguei meu celular e comprei uma passagem para o Amazonas no horário da noite.

Encontraria meu cliente nas próximas horas, pegaria o voo e depois leria esse documento com calma.

Estava na hora de colocar alguns pontos finais em várias histórias

abertas.

CAPÍTULO DEZ

Georgia

*Sou incontrolável
Sou uma Porsche sem freios
Sou invencível
Yeah, eu ganho todos os jogos
Sou tão poderosa
Não preciso de baterias para jogar
Sou tão confiante, é, estou incontrolável hoje
Incontrolável hoje, incontrolável hoje
Incontrolável hoje, estou incontrolável hoje
Unstoppable - Sia*

TABATINGA – AMAZONAS

Minha vida nunca foi um mar de rosas, quando era criança vi meus pais serem assassinados e meu irmão mais velho ser dado como morto. Fui criada por uma amiga dos meus pais, que tinha minha guarda legalmente.

Conforme fui crescendo e ficando mais velha, cresceu junto comigo um desejo de vingança, eu queria fazer sofrer todos aqueles que tinham tirado tudo de mim.

Eu estudei para ser a aluna mais aplicada da sala, eu estudei para ser a melhor em tudo que eu fazia, eu estudei para entrar para uma das unidades de treinamento de agentes secretos da Interpol, tudo isso para saciar a sede de vingança que corria em casa parte do meu corpo.

Após ficar cerca 12 anos trabalhando e sendo reconhecida como a melhor agente secreta da Interpol, eu finalmente fui chamada para liderar uma missão extraoficial e supersecreta que colocaria o trio de mafiosos russos, que destruiu minha família, na cadeia.

A Interpol tinha a atual localização deles, eles estavam no Brasil, eu só precisava montar uma equipe de profissionais competentes para que isso acontecesse. A própria Interpol me deu uma lista de possíveis agentes que seriam mais qualificados para o caso, tantos da Interpol, quanto da polícia Federal de São Paulo, da COT – Comando de operações táticas -, quanto pessoas que trabalhavam para a ABIN – agência de espionagem brasileira – também tive autorização para pedir indicações para a delegada polícia Federal, Geovana Marchesano.

Minha tia me indicou um policial que trabalhava no departamento de polícia de lá, disse que ele era uma ótima opção e me deu um motivo a mais

para chamá-lo da missão. Ela me disse que ele era o irmão que eu julgava estar morto.

No início não acreditei, mas conversei com ele, fizemos o teste de DNA para tirar as dúvidas e deu positivo. O irmão que eu pensei que estava morto, estava vivo, casado e com um filho. Mas isso não apagou o que ele sofreu na infância, mesmo que ele não se lembre desse sofrimento, já que sua mente havia bloqueado essa parte da sua vida.

Mas todos os nossos planos deram errado, quando nós achamos que iríamos pegá-los após mais de um ano de investigações pesadas, fomos pegos em nossa própria armadilha.

Meus olhos se abriram e eu senti uma dor alucinante em meu braço, fechei os olhos e respirei fundo, os acontecimentos vinham como flahs em minha mente.

A emboscada que havia dado errado, o fato de eu ter levado um tiro, a fuga do Bóris. Suspirei vagorosamente e olhei para o lado, abri um pequeno sorriso ao ver o meu irmão folheando uma revista.

— Não sabia que você gostava de moda — falei, fazendo-o me olhar.

— Graças a Deus você acordou! — disse, se levantando e vindo até mim.

— Eu falei que não precisava tomar remédios para dormir, mas eles foram bem específicos.

— Você está bem? — perguntou e notei um tom de preocupação em sua voz.

Eu queria dizer que estava tudo bem, que eu estava bem, mas ele sabia que eu estava mentindo. Respirei fundo e tamborilei os dedos na cama, negando.

— Deu tudo errado, Guilherme. Não o pegamos. Mais uma vez eles fugiram, mais uma vez eles venceram. — Ele se sentou ao meu lado na cama e segurou minha mão.

— Mas eliminamos dois deles. Bóris está ferido e não deve ir muito longe. Desestruturamos *ele*, acredito que agora fique mais vulnerável. Não podemos desistir, Geórgia. Você mesmo disse que essa não era uma opção.

— Guilherme, vê-los ali, depois de tanto tempo..., eu me senti aquela menininha de cinco anos novamente. Eu queria que minha mente tivesse bloqueado tudo igual a sua, mas...

Eu não consegui concluir e ele me abraçou.

Desde que eu me entendo por gente queria vingança pela morte dos meus pais e do meu irmão. Eles também eram de uma antiga linhagem de agentes secretos que estavam atrás de mafiosos russos, possuíam um dossiê com tudo que poderia incriminar esses homens. Eles estavam próximos de colocar uma das maiores máfias de tráfico de drogas e especialistas em assassinatos quando viraram o alvo dessa máfia.

Meus pais viviam fugindo e deixaram a agência de espionagem da Interpol para proteger os filhos e a si próprios, porém, as coisas não saíram como planejadas.

Meu irmão foi sequestrado quando eu era um bebê e nunca mais foi visto e alguns anos depois meus pais foram mortos na minha frente.

Esse era um episódio que eu jamais esqueceria, ver a vida saindo do corpo dos meus pais e não poder fazer nada, a não ser chorar, foi algo que me marcou para sempre.

— Era o Bóris — ele disse, me soltando, e eu o encarei.

— Tem certeza?

— Absoluta. Eu não me lembrei de nada, mas era ele quem me torturava. Aquele olhar, ele... ele... — Respirou fundo e fechou os olhos. — Era como se eu tivesse 6 anos de novo.

— Sinto muito, eu...

— Não sinta. Fomos vítimas — falou e secou uma lágrima teimosa que escapou do meu olho. — Mesmo em meio a todo aquele caos, a melhor coisa que me aconteceu foi te reencontrar.

— Eu concordo plenamente. — O abracei, soltando em seguida.

Recentemente eu descobri que o irmão que eu pensei ter morrido quando era criança estava vivo. Depois de ser sequestrado ele passou anos sendo torturado, para depois conseguir fugir.

Foi um milagre ter sobrevivido a tanta violência, mas isso moldou o homem que ele havia se tornado e eu me orgulhava de ser sua irmã por causa disso.

— Temos que pensar em alguma coisa — falei, mudando de assunto. Afinal, ainda precisávamos pegar um assassino.

— Eu sei disso. — Começou a andar e passar as mãos nos cabelos. — Qual o próximo passo?

— Eu me livrar desse hospital. Será que se você falar que já estou melhor eu posso ter alta?

Ele balançou a cabeça, incrédulo. Mas eu odiava hospitais, se pudesse ia embora naquele momento mesmo.

A porta foi aberta e um enfermeiro entrou, e quando eu olhei para ele, foi impossível não arregalar os olhos. Eu reconheceria aquelas tatuagens de longe.

— Pierre... — sussurrei, não conseguindo acreditar que ele estava ali na minha frente depois de tantos anos.

— Geórgia, no que você está se metendo, morena? — perguntou, se aproximando de mim e segurando meu rosto.

Eu não previa sua visita, muito menos que eu fosse chorar após tanto tempo sem vê-lo.

— Eu vou sair... — A voz do meu irmão soou longe e eu apenas olhei

para baixo, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Ouvi o barulho da porta sendo fechada e as mãos de Pierre sobre a minha.

— Como me achou? — perguntei.

— Tenho os meus meios.

Seus dedos enxugaram minhas lágrimas gentilmente.

— No que você se meteu, morena?

— Eu precisava...

— Se machucar para colocar os assassinos dos seus pais na cadeia?

Eu sei que desde sempre você quer vingança contra o que eles fizeram, mas não pode colocar sua vida em perigo.

— Pierre, é o que eu sempre quis, justiça, vingança. Quero que eles paguem por cada vida que foi tirada, por cada lágrima que algum familiar derramou ao saber que seu filho foi morto por eles.

Ele negou e me abraçou.

— Não quero que você se machuque — falou em meu ouvido.

— Acontece, Pierre. — Sorri e me afastei dele. — Que não restou mais nada para ser machucado.

Ele negou, mas eu fui convicta e segurei suas mãos.

— Eu preciso fazer isso.

— Cinco anos não te deixaram menos teimosa. — Balançou a cabeça

e eu sorri.

— E você não deixou de ser quem era nesses últimos cinco anos também, estamos quites.

Eu pensei que meu coração iria sangrar ao vê-lo depois de tantos anos, mas não foi. Pierre era uma parte do meu passado que eu guardaria com muito carinho, ele foi importante para mim e ainda é, mas não do jeito que eu pensei que seria para toda a vida.

Não sinto por ele aquele amor que eu sentia na época em que morávamos na França, isso se transformou em carinho. Eu sabia que quando eu precisasse dele, ele estaria disposto a me ajudar.

Meu celular vibrou em cima da mesa.

— Pode me entregar o telefone? — pedi.

Peguei o aparelho notando ser uma ligação internacional, vinda da França, olhei para ele e respirei fundo, atendendo logo em seguida.

— Natalie — falei.

— *Não quero saber de desculpas, Geórgia, quero que você venha até a França imediatamente. Terá um jatinho te esperando em duas horas.*

Então a ligação se encerrou.

Respirei fundo e olhei para o homem a minha frente.

— Parece que preciso fazer uma pequena viagem.

— Parece que a Interpol ainda é enraizada em você — comentou, se

afastando.

— Não é o fato de a Interpol ter sido enraizada em mim. Você sabe muito bem que eles precisam de mim para essa missão, eu fui treinada para isso.

— Eles sabem que essa missão é de cunho pessoal? — perguntou.

— Não. — Mordi o lábio e olhei para ele. — Mas acredito que agora eles saibam. Eu só não posso deixar que eles descubram sobre o Guilherme.

— Guilherme é o cara que estava aqui?

— Sim. Ele é o meu irmão que eu achei que estava morto.

Pierre me olhou atentamente e acenou em concordância.

— A Interpol não sabe.

— Não, e estou torcendo para essa ligação ter a ver apenas comigo.

— Coloquei as pernas para fora da cama e ele se aproximou de mim, ficando entre minhas pernas.

— Eu sei o quanto é importante para você, morena — falou devagar.

— Sei o quanto sofria por pensar que ele estivesse morto e sei como é importante essa investigação para você, mas me responda. Existe alguma maneira de a Interpol descobrir que são irmãos?

Assenti. Tinha um jeito sim.

— Sim.

— Qual?

— Fizemos um teste de DNA há mais de um ano para saber se as suspeitas confirmavam. Se a Interpol ainda não teve acesso ao banco da clínica onde eu fiz esse teste, logo ela vai ter. Preciso dar um jeito de apagar meu cadastro e esse exame.

— Eu tenho uma ideia. Você confia em mim?

— Sim. — Eu confiava. De todas as pessoas que eu já conheci na vida, ele era a única que eu confiava cegamente.

— Então deixa comigo. Agora é melhor você correr se quiser ficar pronta para embarcar ainda hoje.

Assenti e ele beijou minha testa.

— Foi maravilhoso te reencontrar, morena. Não fuja de mim, por favor, ainda temos muito o que conversar.

Assenti. Eu sabia disso, afinal, alguns acontecimentos de cinco anos antes não foram esclarecidos.

Ele caminhou até a porta e voltou a me olhar, sorrindo.

— Até breve, morena.

— Até.

Pierre

Saí do hospital já discando o número da Marcela. Eu tinha mais um serviço para ela.

— *Eu ia te ligar ainda hoje* — falou assim que atendeu.

— Ótimo, porque tenho mais um serviço para você.

— *Diga.*

— Consegue apagar um exame de DNA, juntamente com o cadastro dos pacientes do banco de dados de uma clínica?

— *Claro que consigo.*

— Te passo tudo por mensagem, então. O que você tinha para me dizer?

— *Encontrei a localização atual da outra mulher que você me pediu para encontrar, ela está no Uruguai, o próximo destino é o Brasil e ela vai estar disfarçada de aeromoça.*

— Sabe quando é o voo dela, horário e onde vai pousar?

— *Tenho todas as informações que você precisa, todas anexadas em um e-mail que acabei de enviar para você.*

— Obrigado, Marcela.

— *Não há de quê.*

Então ela encerrou a ligação e conferi meu e-mail, já sorrindo ao ver que meu próximo destino seria a capital do Brasil.

— Brasília, aí vou eu!

Coloquei meus óculos escuros e entrei no carro, dando partida em seguida.

CAPÍTULO ONZE

Ariane

*Sou à prova de balas, nada a perder
Dispare, dispare
Ricochetes, você fez sua crítica
Dispare, dispare
Você me derrubou, mas não vou cair
Sou de titânio
Você me derrubou, mas não vou cair
Sou de titânio
Titaniun – David Guetta feat Sia*

— Atenção, senhores passageiros, acomodem-se em suas poltronas e coloquem o cinto de segurança, estamos nos preparando para o pouso.

Ergui os olhos do livro que eu estava lendo e observei a aeromoça auxiliar a colocarem a poltrona na posição vertical. Alguns passageiros

sussurravam, gratos por estarem chegando em solo brasileiro, outros se preocupavam em manter as crianças quietas para o pouso.

O sorriso que eu abri foi quase imperceptível, mas meu alvo percebeu.

— A senhorita parece ser uma mulher extremamente observadora. —
A voz do homem sentado ao meu lado era grave e profunda, fechei o livro, tendo cuidado de marcar a página em que parei e olhei para ele, arqueando uma sobrancelha.

— O senhor também, já que percebeu isso.

— É uma das minhas qualidades, senhoria...?

— Ariane. Ariane Laurent — me apresentei, erguendo a mão para cumprimentá-lo.

— Eu deveria ter imaginado — murmurou, olhando para a janela do avião e voltando a me encarar. — O que quer comigo?

— Eu? Nada. Estou apenas fazendo meu trabalho e já que o senhor me descobriu poderia facilitar as coisas para nós dois, o que acha?

Ele abriu um sorriso de canto de boca.

— Pensei que o seu forte era a tortura. — Foi a minha vez de sorrir.

— Parece que o senhor realmente não conhece meu trabalho.

— Mestres dos disfarces, contratada pelos magnatas para arrancar informações confidenciais que possam comprometer seus esquemas de corrupção, estelionatário. Crimes de colarinho branco são os mais

conhecidos.

— Parece que andou estudando sobre mim.

— Parece que dessa vez você se descuidou e deixou que fosse descoberta — devolveu e eu abri um sorriso ainda maior e sussurrei, mesmo que não precisasse.

— Eu nunca erro. Se você me reconheceu pode ter certeza de que faz parte do meu plano.

— Será?

— Com toda certeza.

— *Atenção, tripulação, preparar para o pouso* — o piloto anunciou.

— *Senhores, preciso que coloquem o cinto.*

Uma aeromoça pediu e eu voltei a olhar para frente.

As pessoas me subestimavam e esse era o grande erro delas.

O avião pousou e assim que fomos liberados me levantei para deixar o avião, deixando em cima da poltrona um papel que continha meu atual número de telefone.

Um segurança me esperava assim que saí pelo portão de desembarque, usava óculos escuros e um terno preto, estava completamente sério e sua postura indicava que ele poderia ficar assim por horas.

— Senhoria Ariane Lauren? — perguntou assim que me aproximei.

— Eu mesma.

— Tenho ordens expressas do senhor Gomez para acompanhá-la em qualquer lugar que for.

Sorri para ele e lhe entreguei o carrinho com minha bagagem.

Maravilha, um cão de guarda!, pensei. Realmente os homens me subestimavam, mas eles aprendiam. De um jeito ou de outro.

Coloquei meus óculos escuros enquanto caminhava para fora do aeroporto. As mulheres me olhavam com curiosidade, os homens me cobiçavam e as crianças tinham medo de mim.

O segurança parou em frente a um carro preto e abriu a porta do banco de trás para mim, me sentei e peguei meu celular enquanto ele colocava minha bagagem no porta-malas.

Digitei uma mensagem curta para o Gomez, ele teria suas informações até às dez da noite.

Cheguei a Brasília, a primeira parte do plano foi colocada em prática.



Marcus Hernandez era o meu alvo da vez. Fui contratada por um magnata venezuelano, Carlos Gomez, famoso pelo contrabando de

entorpecentes dentro da Venezuela, Colômbia e Equador. Ele havia conseguido meu contato com Ivan Merlin, um empresário colombiano que precisava que sua ex-mulher não entregasse para a polícia documentos que comprovavam que ele estava roubando dinheiro da empresa deles.

Mas não pense que Marcus é o mocinho nessa história, não temos mocinhos aqui, apenas pessoas querendo derrubar uns aos outros na busca de poder e dinheiro.

Marcus tinha acesso a um novo tipo de alucinógeno e veio a Brasília exatamente para pegar a nova fórmula. Se ele voltasse para a Venezuela com essa nova droga e ela fosse distribuída entre os países, os negócios de Carlos iriam cair. Fui contratada para roubar a fórmula do Marcus e repassar para o Carlos, uma tarefa relativamente fácil.

Marcus já tinha conhecimento sobre mim, não dava para se esconder quando o assunto era de dentro do próprio submundo, mas quando envolvia pessoas de fora, a mestre dos disfarces aparecia.

O meu plano era simples, e a primeira parte era chamar a atenção do Marcus dentro do avião e isso havia sido fácil. Em todos esses anos em que trabalhava nesse ramo, aprendi que a sedução era minha maior arma, então eu a usava com maestria.

Apesar de serem homens de negócios extremamente perigosos, viravam um bando de idiotas imbecis quando viam um par de pernas e uma

mulher decidida, então eu me aproveitava dessa facilidade e dava o bote.

Abri minha caixa de e-mail, precisava começar a analisar as propostas que havia recebido nos últimos dias. O bom do meu emprego é que eu vivia viajando, fui para diversos lugares, conheci inúmeras pessoas e aprendi cerca de dez idiomas diferentes.

Durante todos esses anos, entrei em contato com Pierre algumas vezes, mas foi apenas no início. Fiquei tão envolvida em viagens, em aprender a ser o que sou hoje, que acabamos perdendo o contato. Mas eu sabia que ele havia se tornado um grande falsificador, seu nome vez ou outra sussurrado em reuniões que eu participava.

Eu vivia nas sombras, era requisitada porque meus serviços eram passados de boca em boca, ele era procurado porque fazia propaganda de si mesmo, eu era indicada. Mas no final, era um trabalho sujo de qualquer forma.

Eu sentia falta dele, de conversar com ele, da maneira que ele me protegia. Havia me envolvido com outros homens várias vezes, mas nenhum deles foi capaz de me fazer sentir metade do que eu sentia pelo Pierre. Mas às vezes eu acabava uma missão, sentava em minha cama e olhava para o nada, me perguntando como seria minha vida se eu não tivesse ido embora da França, se eu tivesse dito que ficaria com ele após aquele beijo.

Era muito simples ter ficado com ele, Pierre me protegeria com a

própria vida se fosse preciso, mas eu precisava andar sozinha, errar e aprender com esses erros, e foi com o coração partido que eu o deixei naquele dia.

Às vezes a gente precisa abrir mão do que amamos se quisermos descobrir coisas novas.

A única certeza que eu carrego comigo é que eu sempre vou amá-lo, só não podíamos ficar juntos.

Confuso? Bastante, mas necessário. Na minha vida, mais especificamente nas nossas vidas, um relacionamento significava perigo e poderia ser usado como uma arma em nós mesmos.

Olhei meu celular mais uma vez, estava esperando a mensagem de Marcus, eu sei que ele vai me ligar, o desejo de um homem é facilmente manipulado e quando bem trabalhado ele se sobrepõe ao poder e ao dinheiro.

O telefone do hotel começou a tocar e eu me levantei da cama, indo até o aparelho.

— Alô?

— *Senhorita Lauren, pedimos desculpas pelo incômodo, mas tem um homem querendo falar com a senhora.*

Franzi o cenho. Eu não estava esperando a visita de ninguém, e poucas pessoas sabiam que eu estava no Brasil.

— Quem é?

— *Ele disse se chamar Marcus Hernandez.*

Um arrepio subiu pela minha coluna e eu engoli em seco, isso não fazia parte do plano.

— Mande-o subir.

— *Sim, senhora.*

Desliguei o telefone e caminhei até a cômoda, abrindo a primeira gaveta, levantando o compartimento secreto e pegando a arma que o segurança havia me dado mais cedo, antes de chegar no hotel.

Conferi se estava carregada e se o silenciador estava ali.

Eu era uma mulher prevenida e meus instintos me diziam que Marcus não iria até ali para tomar um café comigo.

Ouvi batidas ritmadas na porta. Fechei a gaveta e coloquei a arma nas costas. Coloquei a mão na maçaneta e ouvi mais batidas, então eu abri a porta, apontando a arma para o homem a minha frente, que ergueu as mãos em um gesto de rendição e me deixou paralisada, sem saber o que falar ou como reagir.

— Ariane...?

Pisquei algumas vezes e a arma caiu da minha mão, meu cérebro voltou a funcionar e a ligação com minha boca foi reestabelecida, então eu sussurrei seu nome:

— Pierre.

— Como vai, Ariane? Posso entrar?

CAPÍTULO DOZE

Pierre

*Mas você nunca ficará sozinha
Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
Amor, estou bem aqui
Eu te segurarei quando tudo der errado
Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
Amor, estou bem aqui
Dusk Till Dawn – Zyan feat Sia*

Ela me encarava como se eu fosse um fantasma. Seus olhos arregalados, a boca entreaberta, o peito subindo e descendo rapidamente. Aproveitei o momento para observá-la melhor, os cabelos antes eram curtos e pretos, agora estavam cumpridos e loiros, os olhos azuis continuavam os

mesmos, inocentes e expressivos. Ao mesmo tempo que ela era a menina que foi embora anos antes, ela era uma mulher completamente diferente.

Ariane piscou, se abaixou para pegar a arma que tinha deixado cair no chão e me deu espaço para entrar, passei por ela sendo inebriado pelo seu perfume.

— Como você me achou? — perguntou ao fechar a porta, parando na minha frente e cruzando os braços.

Tentei a todo custo me concentrar no seu rosto, mas a camisola juntamente com o robe de seda não ajudava a me manter concentrado.

— Eu...

— Quero a verdade, Pierre.

Ela descruzou os braços e andou até uma cômoda, colocando a arma em cima do móvel.

— Ainda estou tentando me recuperar do fato de que você apontou uma arma para mim. — Tentei descontrair, mas ela não sorriu como faria antigamente. — Coloquei uma detetive particular para ir atrás de você. Ela demorou para conseguir te encontrar, *mestre dos disfarces*.

Soei irônico ao dizer como era reconhecida, mas ela apenas arqueou uma sobrancelha.

— Não acredito nisso — murmurou.

— Eu estava preocupado com você, Ari! Tem quatro anos que não

tenho notícias suas, você simplesmente sumiu do mapa!

— Acho que já deu para perceber que eu estava meio ocupada.

— Eu ainda estou tentando entender seu trabalho — falei, mais para mim mesmo do que para ela. — Com que tipo de bandidos você anda se metendo?

— Achei que você tinha a resposta olhando para você mesmo.

Ela se calou na hora e fez uma careta, respirando fundo em seguida.

— Eu pensei que...

— Foram cinco anos, Pierre — me interrompeu. — Nada é como antes, aquela Ariane que você conheceu mudou. Muito, diga-se de passagem. Eu sou outra pessoa, tenho um trabalho.

— Grande trabalho — minha vez de murmurar e ela gargalhou, mas não soava como a gargalhada dela, era mais fria, quase macabra.

— Está mesmo querendo falar do meu trabalho? — questionou depois de um tempo. — Pelo menos eu não preciso matar ninguém.

— Você é inocente demais para esse mundo, Ari.

— Não, Pierre. Se tem uma coisa que eu não sou é inocente.

— E acabar com sua vida é algo que valha a pena? Se um dia um desses homens para quem você trabalha resolver que você não é mais útil...

— Eu os mato primeiro, Pierre. — Ela caminhou devagar até mim. — Você não sabe o que eu passei, muito menos o que eu enfrentei nesses

últimos anos por conta do meu trabalho. Eu trabalho para sobreviver, mas é dentro das minhas regras. Por que você acha que eu sou a mestre dos disfarces? Não é à toa. Dentro do submundo eu danço as regras deles, mas para trabalhar comigo eles seguem as minhas.

Essa sem dúvida não era a Ariane que eu conhecia, ela mudou para algo mais frio, mais perverso e, Deus me perdoe, ela ficava sexy pra cacete dentro desse papel.

Meu corpo estava reagindo ao dela, e ela nem estava me tocando, tudo que eu queria fazer era tomar esses lábios e relembrar o sabor do seu beijo, e eu estava prestes a fazer isso se seu celular não tivesse tocado naquele exato momento.

— Preciso atender.

Ela se virou e andou até a cama, permanecendo de costas para mim. Fechei os olhos e esfreguei o rosto.

Puta que pariu! Eu nunca imaginei que pudesse me sentir atraído por ela dessa maneira.

— Eu sabia que me ligaria — ela disse e parei para observá-la. — Por que não jantamos essa noite? — Ela sorriu e me olhou. — É melhor me passar o endereço do restaurante e nos encontramos aí, o que acha? — Não era a Ariane falando ao telefone, era a mestre dos disfarces, a mulher especializada em roubar informações confidenciais dos outros. — Nos

encontramos mais tarde, então. Um beijo.

Ela desligou o celular e me encarou.

— Se você não se importar, eu vou tomar um banho, tenho um encontro mais tarde.

— Ariane...

— O quê? Eu nunca me meti com os seus clientes, Pierre. Não se meta com os meus.

Então ela se virou, caminhando para uma porta que deveria ser o banheiro, batendo-a assim que entrou.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para a Marcela.

Pierre: *Preciso que você descubra onde duas pessoas vão jantar essa noite.*

Marcela: *Só mandar os nomes para mim.*

Georgia

FRANÇA

— Ainda não consigo acreditar nisso — Natalie disse com as mãos na

cintura.

— Por quê? É difícil demais pensar que eu não tenha motivos para colocá-los na cadeia?

— Você tem todos os motivos plausíveis para isso, acredite, Geórgia. Mas mentir para a Interpol, esconder quem você é de verdade, quem são seus pais...

— Se eu falasse a verdade, seu dissesse quem eram os meus pais, vocês jamais me deixariam ser a chefe nessa missão. Eu tinha liberdade para fazer tudo e iria dar certo, mas eles sempre estão um passo à frente da gente.

— Isso foi a maior irresponsabilidade que um agente poderia ter, Geórgia. Você comprometeu toda a missão com essa vingança sem fundamento.

— Sem fundamento? — questionei, olhando para o Adrian. — Meus pais foram assassinados por essa máfia, meu irmão sequestrado por eles e você me diz que eu não tenho fundamento?!

— Confiamos essa missão a você, Geórgia, sempre foi nossa melhor agente apesar de todos os percalços. Sempre foi atenta e precisa, sabia exatamente o que tinha que fazer e como agir, mas você não colocou apenas a sua vida em risco, mas de todos os que estavam escalados nessa missão.

Adrian estava certo, mas eu não me arrependia por um instante. Vingança não traria meus pais novamente, mas pelo menos eu saberia que

aqueles homens não destruiriam mais famílias como fizeram com a minha.

— Não posso voltar atrás, Adrian — falei.

— Sei que não. — O diretor da Interpol se levantou e caminhou até ficar próximo a mim. — É por isso que você está fora da missão e fora da Interpol, não posso ficar com agentes que não cumprem as ordens como devem, você estará sendo removida para o departamento da Polícia Federal de São Paulo, acredito que sua tia pode precisar da sua ajuda. A Natalie ficará responsável por sua transferência. Até mais.

Ele deixou a sala e eu esfreguei as mãos no rosto.

— Geórgia...

— Por favor, não — pedi, já me levantando. — Eu não quero ouvir suas desculpas ou suas palavras de lamento, apenas faça o que tem que fazer.

— Você nunca vai me perdoar por isso, não é?!

— Não sei. Você era minha amiga, eu confiava em você.

— Eu sinto muito por tudo isso que aconteceu, Geórgia. Se tiver algo que eu possa fazer...

— O que você pode fazer, Natalie, é assinar logo essa transferência e esse desligamento.

Ela mordeu o lábio e assentiu, assinando os papéis que foram entregues pelo Adrian e os colocando dentro de uma pasta, me entregando em seguida.

— Acho que você precisa saber de uma coisa.

— Eu não preciso saber de nada!

— Samuel Fernandes está na mesma unidade policial para onde você está indo.

Eu parei e engoli em seco, tentando não demonstrar o quanto aquela notícia havia me pegado de surpresa.

— Pouco me importa — falei a primeira mentira que veio a minha mente. — Não vai fazer a menor diferença ele estar ou não lá.

Então eu saí de sua sala batendo a porta e me encostando na parede, tentando fazer meu coração parar de bater rapidamente, porque mesmo depois de tantos, apenas ouvir o nome dele causava as mais estranhas sensações dentro de mim, desde a saudade mais profunda até o ódio mais intenso.

Mas eu precisava esconder esses sentimentos, ele não podia me afetar, já tinham se passado tantos anos, mas mesmo assim ele ainda estava enraizado dentro do meu peito, e eu não conseguia arrancá-lo, porque doía muito. E enquanto não fosse mexida, ela não sangrava.



Estava terminando de fechar minhas malas quando meu celular apitou, indicando uma mensagem. Era um e-mail criptografado da Natalie. Franzi o cenho estranhando, mas resolvi abri-lo mesmo assim, o conteúdo era direto e simples.

Kelton entregou você para o Adrian. Não tenho como provar, mas eu os ouvi conversando, por favor, tenha cuidado.

Rápido e sem complicação, trinquei o maxilar e joguei o celular em cima da cama, ao mesmo tempo que uma batida na porta do quarto me chamava a atenção. Olhei para a porta e bati a mão na arma que estava na minha cintura, devagar eu caminhei até ela.

— Quem é? — perguntei, mas não obtive resposta. Levei a mão à maçaneta ao mesmo tempo que levava a outra a arma, então abri a porta, vendo o Kelton parado com uma arma apontada para mim, sorrindo diabolicamente.

— Nem pense em pegar a arma, Geórgia. Precisamos conversar.

CAPÍTULO TREZE

Ariane

*Eu preciso de você, eu preciso de você, eu preciso de você agora
Sim, eu preciso de você agora. Então
não me deixe, não me deixe, não me deixe para baixo
Eu acho que estou perdendo minha mente agora
Está na minha cabeça, querida, eu espero
que você estaria aqui
quando eu mais preciso de você. Então
não me deixe, não me deixe, não me deixe para baixo
Don't Let Me Down – The Chainsmokers*

Eu estava bem, muito bem mesmo. Sem nenhum tipo de preocupação ou algum pensamento aleatório. Mas bastou o Pierre aparecer na minha porta e bagunçar toda a minha mente.

Peguei o delineador e comecei a passar no rosto, tendo cuidado para

não borrar.

Quando saí do quarto mais cedo, Pierre não estava mais ali, deixou em cima da minha cama um papel com o número do seu celular, fiquei em dúvida se eu anotaria ou não, mas por desencargo de consciência salvei seu contato.

Maquiagem pronta, fui atrás do meu vestido para aquela noite. O tempo não estava nem frio, nem quente, apenas agradável, então optei por um vestido preto, com mangas três quartos, justo no corpo, deixei os cabelos soltos e peguei minha bolsa.

Olhei o horário e faltava meia hora para que eu me encontrasse com o Marcus Hernandez. Optei por chegar mais cedo, afinal, eu precisava pegar a fórmula nesse jantar, pois depois dele eu duvidava que o homem fosse querer me ver novamente.

Conferi minhas coisas mais uma vez e saí do quarto, pronta para colocar meu plano em ação.



O restaurante era elegante, o *maître* me levou até uma mesa e sugeriu um vinho, que aceitei de bom grado.

Enquanto saboreava o vinho, observei o restaurante. Se o plano não desse certo, eu precisaria de uma rota de fuga. Não que eu precisasse, mas eu sempre tinha um plano B para tudo em minha vida. Encontrei a paca indicando a saída de emergência e outras indicando o banheiro. Conferi a hora e ainda faltavam 15 minutos para meu Marcus chegar.

Então um arrepio subiu pelo meu corpo e eu me coloquei em estado de alerta, virei a cabeça na minha direção esquerda e arregalei os olhos, novamente, ao ver o Pierre ali, tomando um copo de uísque como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Respirei fundo e contei até dez, me levantando e indo até a mesa dele.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrei.

— Pensei que o restaurante fosse público.

— Você está me seguindo, tenho certeza disso.

— Não se ache tanto, Ariane. Eu tenho negócios a tratar aqui também, não se trata apenas de você.

— Mas se trata de mim também!

— Aquele homem é perigoso, Ari. Se ele descobre o que você está fazendo...

— Ele já sabe, Pierre, e é por isso que ele vai vir. — Apoiei as mãos na mesa e o ameacei.

— Não se envolva com meu trabalho, apenas isso.

— E vai fazer o quê? — perguntou, arqueando uma sobrancelha. —
Me matar?

— Não duvide da minha capacidade.

— Atrapalho alguma coisa? — Me virei para a mulher que havia acabado de chegar, era morena e estava vestida socialmente, então me voltei para o Pierre.

— Não, eu já estava de saída.

Me virei e voltei para a minha mesa, mas não pude deixar de observar a interação dos dois. Eles pareciam se conhecer. Na verdade, eu tinha impressão de já ter visto aquela mulher em algum lugar, só não me lembrava onde.

— Eduarda Medeiros, uma ótima advogada, só não sabia que ela era amiga dos criminosos.

Olhei para o Marcus e sorri.

— Pensei que não viesse. — Me levantei para cumprimentá-lo.

— Tive um pequeno contratempo. — Se sentou e abriu o terno que estava usando. — A propósito, está magnífica essa noite.

— Obrigada.

Ele ergueu a taça e brindamos um pouco.

— Quem é o seu amigo? — perguntou, indicando a mesa do Pierre.

— Ninguém. Pensei que fosse alguém que eu conhecesse, mas não era

— Pierre Dubois, um dos maiores falsificadores, procurado pela polícia por falsificação em grande massa de um dinheiro há anos atrás, para a advogada Eduarda Medeiros, a moça que está com ele. Além de ter matado um casal que é acusado de tráfico de crianças.

Eu havia lido essa notícia nos jornais, estava na Rússia quando isso aconteceu e fiquei intrigada.

— Não sabia que você ficava por dentro dessas notícias — comentei.

— Impossível não ficar. Pierre é um homem conhecido, muito conhecido, muitas pessoas querem a sua cabeça, outros precisam da sua habilidade, parece que a advogada quer as habilidades.

— O que ela poderia querer com um homem que é foragido da justiça? — perguntei, um pouco mais rude do que deveria.

— Você gosta dele — observou.

— E você está delirando.

Ele sorriu e se serviu de mais vinho.

— Sou bom em ler as pessoas, Ariane. Sei porque está aqui, sei porque ele está aqui.

Engoli em seco, eu não estava gostando dessa conversa.

— O que você quer? — questionei de uma vez, o que o fez sorrir ainda mais.

— Eu não vou machucar você, se é o que está pensando. Eu sei que

você quer a fórmula do entorpecente, não sou burro. Assim como sei que aquele homem me mataria se eu encostasse um fio de cabelo seu.

Engoli em seco.

— O que você quer, Marcus? Fale de uma vez.

— Não que o seu charme não tenha funcionado em mim, Ariane. Acredite, funcionou. Penso em ter você na minha cama a cada minuto desde que coloquei os olhos em você naquele avião. Você realmente sabe como foder com o juízo de um homem. Mas os negócios vêm primeiro, e essa é a chance que eu tenho de conseguir um bom dinheiro e essa fórmula é o caminho.

— Ainda não estou entendendo.

— Simples, Ariane. Eu pago o dobro se você trabalhar para mim.

— Eu seria morta em uma hora se aceitasse sua oferta.

— Se você aceitar minha proposta tem a minha proteção.

Era uma decisão ariscada, na verdade, era uma decisão suicida.

— Se eu não aceitar a sua opção você me mata, não é? — perguntei e ele sorriu.

— Seria um tremendo desperdício para o submundo se você não aparecer para prestar seus serviços.

Era uma ameaça, clara e velada, e eu sabia que se cumpriria no momento que eu dissesse não.

— Se eu aceitar eu estarei protegida?

— Absolutamente.

Assenti e olhei para a mesa onde o Pierre estava, ele olhava diretamente para mim, a mulher que estava com ele não estava na mesa. Respirei fundo e voltei a olhar para o Marcus.

— Eu aceito.

Não havia outra decisão a ser tomada.

Samuel

Duas semanas depois

Antes de o meu despertador tocar eu já estava de pé, já havia feito meu treino matinal e estava pronto para ir trabalhar. Preparei o café e me sentei à mesa enquanto olhava o local vazio da minha mãe. Fazia alguns meses que ela havia me deixado e às vezes a saudade apertava de uma maneira insuportável.

Aprendi a lidar com a dor e com o vazio, mas tinha momentos que eu não conseguia.

Meu celular apitou com uma mensagem da delegada Giovanna, instruindo todos a chegarem cedo, eu sabia do que se tratava, uma missão ultrassecreta da Interpol. A única coisa que eu sabia é que alguns policiais estariam retornando ao distrito e ela queria conversar com todos.

Respirei fundo e fui logo mandando uma mensagem para a Verônica enquanto ia para o meu carro, ela parecia cada vez mais abatida. Mesmo que nunca admitisse, o sumiço do marido mexia com ela muito mais do que ela admitia.

E ela não merecia passar por isso, era uma mulher tão forte, tão alto astral, ela era simplesmente maravilhosa e se me desse uma chance eu seria o cara mais sortudo do mundo. Desde meu último relacionamento eu não ficava com ninguém por mais de uma noite, a Verônica seria uma exceção na minha lista. Pra ficar com ela eu assumiria a ela e seus filhos. Mas as coisas não eram tão fáceis, na verdade nunca eram.

Cheguei rápido na delegacia, já estranhando a movimentação logo cedo, caminhei até a sala da delegada e abri a porta.

— Giovanna, qual o motivo da movimentação logo cedo?

Ela olhou para mim.

— Graças a Deus você chegou. Estou para ficar louca e não são nem oito da manhã ainda.

— É só dizer o que quer que eu faça.

— Tia, eu acho que... — Me virei ao som da voz e engoli em seco, deixando a mulher petrificada. — Samuel...

— Geórgia — falei, seco e rude.

De todas as pessoas que eu poderia reencontrar, Geórgia Chevalier era a última da minha lista.

CAPÍTULO QUATORZE

Samuel

*Você é um mistério
Eu viajei o mundo
Não há outra garota como você
Ninguém, qual é a sua história?
Você tem uma tendência para enrolar as pessoas?
Pois eu ouvi dizer que você faz isso
Dive – Ed Sheeran*

Linda, completamente linda.

Essa era a palavra que eu usaria para descrever a Geórgia naquele instante. Pensei que tivesse esquecido sua existência. Queria que meu corpo não reagisse ao dela. Queria que meu coração não identificasse nela a única mulher que eu amei em toda a minha vida.

— Eu não sabia que você estaria aqui — falei após alguns segundos

de silêncio.

— Pois é... — disse e colocou as mãos no bolso da calça jeans, desviando o olhar de mim.

— Não sabia que vocês se conheciam. — Olhei para a delegada Geovanna, que agora nos encarava com certa curiosidade.

— Longa história, tia — Geórgia disse e eu me virei para olhá-la, balançando a cabeça. Claro, a tia que ela tanto falava quando estávamos juntos. Nunca tinha visto a mulher. A Geórgia nunca foi uma pessoa que gostasse de fotografias, e eu nunca parei para associar que a Geovanna, Delegada de polícia em São Paulo, fosse a mesma tia dela. Ou então minha mente não quis associar uma coisa à outra.

— Vai trabalhar aqui? — perguntei.

— Fui remanejada — ela disse, mordendo o lábio inferior.

— Certo.

Eu não sabia o que falar. Era uma situação estranha naquele momento, e eu queria poder voltar no tempo e nem ter levantado da cama naquele dia.

— Eu vou ver se tem alguma emergência — falei, já me virando, mas parei ao ver um homem que era conhecido por mim na porta.

Guilherme Brandão.

O homem responsável por deixar a Verônica sozinha e com uma

gravidez que podia colocar sua vida em risco, o homem que abandonou a mulher dizendo que iria viver outras aventuras.

— É muita cara de pau sua aparecer nessa delegacia, não é? — Tentei esconder a acidez na minha voz, mas foi difícil.

Eu sentia tanto ódio por esse homem que eu era capaz de matá-lo, nenhum ser humano faz o que ele fez e sai impune.

— Quem é você? — perguntou.

— O que você pretende dizer a ela? — perguntei, me aproximando dele. — Que não conseguiu encontrar nenhuma mulher que pudesse substituí-la?

— Do que você está...

— Da Verônica, a mulher que você abandonou anos atrás com a porra de uma carta!

— Como você sabe?

— Como eu sei? Tem alguém que não saiba?

— Samuel, chega — Geovanna pediu. — É melhor você ver se tem algo para fazer.

— Pode deixar.

Saí da sala sem nem ao menos olhar para Geórgia e Guilherme. Eu precisava de um café, então fui até a sala onde os policiais descansavam, mas só ouvi burburinhos.

Pelo que eu entendi, eles estavam em uma missão secreta liderada pela Interpol e a chefe da missão era a Geórgia. Vi a Samara tomando seu café enquanto mexia no celular e me aproximei dela, que era uma das policiais do distrito e treinávamos juntos às vezes.

— Você viu quem estava lá? — perguntou, me olhando.

— Vi, o marido da Verônica. O que a rádio corredor diz sobre isso?

Ela suspirou e me olhou.

— A missão extraoficial da Interpol era liderada pela Geórgia. Pelo que eu consegui pegar ela é uma agente altamente treinada da Interpol, que faz missões altamente perigosas, ela era líder de uma missão e foi encarregada de escolher as pessoas que participariam dessa missão. Só não entendo o motivo de o Guilherme não ter contado para a Verônica. Eles são casados!

— Não pode. — Respirei fundo. — Missões ultrassecretas da Interpol exigem um sigilo total, até mesmo com a família.

— Como você sabe?

Eu havia aprendido muita coisa no período em que estive na Interpol, isso incluía o modo como eles trabalhavam nas missões secretas e o sigilo absoluto se não quisesse colocar a família em perigo.

— Apenas sei.

— Você esconde muitos segredos, Samuel. Me pergunto quem será a

mulher que vai desvendar cada um deles.

Então se levantou e me deixou sozinho. Mal sabia ela que essa mulher já existia, eu só não a deixaria se aproximar de mim novamente.

Me levantei e voltei para a sala da Geovanna, a tempo de ver a Verônica parada na porta da delegada. Apressei o passo e consegui segurar o seu corpo antes de despencar no chão, ao mesmo tempo que seu marido gritava.

— Verônica!

A segurei e olhei para o seu rosto pálido, ergui seu corpo e a coloquei no sofá da sala, apoiando a cabeça dela em meu colo.

— Geovanna, acho que a pressão dela caiu — falei, segurando o pulso dela.

— Abra a blusa dela, Samuel!

Desabotoei os três primeiros botões da camisa que Verônica usava.

— Irei pegar um pouco de sal para você colocar debaixo da língua dela.

Ela saiu da sala e fiquei olhando para a minha amiga.

Durante todo esse tempo em que estive em São Paulo ela foi minha amiga, minha parceira e a mulher que pensei que pudesse me fazer dar uma chance para o amor novamente. Mas o coração dela já tinha dono, e o dono fez o favor de quebrar o coração dela de todas as formas possíveis.

Olhei para o Guilherme e semicerrei os olhos, deixando claro para ele de quem era a culpa por ela estar ali.

— Não acha melhor esperar do lado de fora?

— Quem você pensa que é para me dizer o que fazer? — disse, querendo me intimidar.

— Eu sou a pessoa que ficou ao lado quando o babaca do marido a deixou com a droga de um bilhete dizendo que iria curtir a vida!

Eu estava puto com aquele homem, foda-se se ele escolheu uma missão do que a família. Ele pensou no trabalho ao invés de ter pensado na família, se dependesse de mim a Verônica nunca mais olharia para ele.

— Espere lá fora, Guilherme — Geovana pediu, entrando na sala novamente.

— Guilherme, vamos esperar do lado de fora, vem — Geórgia disse para ele e me olhou antes de sair, meu coração deu um salto, mas resolvi ignorar. Ela não era problema meu.

— Guilherme, acredito que vocês tenham muito o que conversar, mas não vai fazer bem para a Verônica acordar e te ver aqui — a delegada voltou a falar.

E voltei a prestar atenção na Verônica, observando a Geovana colocar sal na língua dela e torcendo para que estivesse bem quando acordasse.

Ela gemeu e eu a olhei.

— Verônica, você está bem? — perguntei.

— Não sei... — sussurrou e minha vontade era de matar o desgraçado do marido dela.

Ela se sentou com a ajuda da Geovana e eu me levantei, saindo da sala. O encontrei do lado de fora e fiz o que estava com vontade, dei um soco bem dado na cara dele, que automaticamente levou a mão ao rosto.

— Que porra é essa? — perguntou.

— Isso... — Me aproximei mais — é por ter deixado aquela mulher maravilhosa por um ano e meio com a droga de uma desculpa de que precisava conhecer outras pessoas!

— Samuel, já chega! — A delegada apareceu na porta e olhou para o Guilherme. — Melhor você ir embora, Guilherme. Depois vocês conversam.

— Eu não saio daqui sem conversar com a Verônica — falou entredentes e eu quis dar outro soco nele.

— Você vai sair, sim — Geórgia disse, segurando a mão dele, e eu lutei para uma sensação desagradável não tomar conta de mim.

Sei que precisavam conversar, mas só iriam fazer isso quando aquela mulher estivesse calma.

— Geórgia... — começou.

— Escute-a, Guilherme — Geovana interrompeu. — Você passou um ano e meio fora, a Verônica não tem notícias suas desde então, acha que vai

ser fácil conversar com ela? Deixe-a se acalmar e colocar as ideias no lugar, depois vocês conversam.

— Vocês não entendem. A mulher da minha vida pensa que eu a abandonei!

— E você fez isso. Se tivesse sido sincero sobre a droga da missão...

— Eu não podia, cacete! Você contaria a ela que estava indo para algum lugar e que corria o risco de não voltar? Você a colocaria em perigo? Ou você a protegeria, nem que para isso precisasse agir feito um babaca? — Ele havia me colocado contra a parede, fiquei em silêncio e parei de encará-lo. — Já tenho minha resposta.

— Vamos, Guilherme. — Geórgia voltou a puxá-lo e ele finalmente cedeu.

Era uma droga tudo que estava acontecendo, e a pior parte era saber que a única mulher que eu amei estava de volta na minha vida.

CAPÍTULO QUINZE

Georgia

*Ninguém nunca te machucou como eu te machuquei
Mas ninguém te amou como eu
Prometo que não vou levar para o lado pessoal, querida
Se você está seguindo em frente com alguém novo
Pois você parece mais feliz, querida, parece mesmo
Meus amigos dizem que um dia também vou estar assim
E até lá, vou sorrir para esconder a verdade
Mas eu sei, eu era mais feliz com você
Happier – Ed Sheeran*

Eu sabia que o veria, sabia que meu coração iria disparar contra o meu peito e sabia também que teria que fingir que nunca havíamos nos conhecido. Mas aquilo doeu e doeu muito, porque apesar de termos ficado poucos meses juntos, foram os melhores meses da minha vida.

Eu já ouvi um ditado, não sei aonde, não sei quem disse ou quem inventou, que dizia que não importa se seu relacionamento de 2 anos ou mais não tenha dado certo e algum tempo depois você conhece uma pessoa que faz toda a diferença na sua vida, que faz você mudar completamente sua visão sobre as coisas, que faz você planejar um futuro e agir para que esses planos se concretizem.

Eu senti que eu podia ter um futuro ao lado do Samuel, que eu poderia me casar e até pensar em ter filhos, coisa que nunca se passou pela minha cabeça, mas não era tão simples. Tínhamos um passado, um passado no qual ambos magoaram um ao outro, em que mentimos e escondemos coisas. Não sou hipócrita de dizer que a culpa era toda dele, porque eu também errei. Eu não deveria ter dito tudo que eu disse.

Mas na hora da raiva, na hora que os sentimentos estão atribulados e conturbados, na hora que a emoção fala mais que a razão, dizemos coisas que podem magoar, dizemos coisas que desestabilizam. As pessoas não sabem, mas as palavras são as armas mais letais que existem e ditas no momento errado, podem ferir e até matar.

Eu dizia a mim mesma que não o observava na delegacia durante alguns períodos ou reuniões, mas era impossível, era impossível não notar que ele me odiava e lançava todas as palavras de ódio contra mim, como se isso fosse me machucar, só que eu já estava calejada demais para sentir

qualquer coisa.

Observei a Verônica chegar e seu olhar se perder no meu irmão. Respirei com pesar, eles se amavam tanto, o amor era tão palpável perto deles que todos os dias a culpa por ter contado a verdade para o Guilherme me consumia.

Ela se sentou ao lado do Samuel e eles começaram a cochichar, não vou mentir, isso me incomodava. Os boatos que corriam na delegacia era de que ele era apaixonado por ela, completamente apaixonado, mas Verônica era totalmente fiel ao marido e o via apenas como amigo. Não sei porque eu me sentia desconfortável ao vê-los juntos, só sei que eu sentia um aperto no meu peito todas as vezes que os via trocando olhares cúmplices.

A porta da delegacia foi aberta e Geovana entrou, juntamente com o Kelton ao seu lado. Imediatamente me senti tensa e só conseguia pensar no que ele poderia estar fazendo ali.

— Que bom que já estão todos aqui — começou. — Antes de mais nada, gostaria de apresentar o capitão da COT, Kelton Gusmão. Ele esteve na missão liderada pela Geórgia na busca pelos mafiosos Nikolai Destoianov, Ivan Adamovich e Bóris Gusyeva.

Apontou para mim e eu me contive para não revirar os olhos para ela. Geovana não era mais uma pessoa extremamente confiável, ao menos para mim.

— Bom dia! Geovana já me apresentou, estou aqui para dizer que depois que a Geórgia deixou a liderança da missão, a Interpol entrou em contato comigo e me pediu para assumir o caso, após descobrirem que o Bóris foi visto em São Paulo.

Por que as pessoas tinham que apontar para mim? Olhei para o meu irmão, que apenas me devolveu o olhar. Ele não sabia o que tinha acontecido em Paris. Eu não sabia do que o Kelton era capaz, mas de uma coisa eu tinha certeza, ele estava escondendo algo muito sério.

Todos estavam cochichando sobre a nova liderança da missão, agora não tão secreta.

— Silêncio — Geovana pediu. — Vamos ouvir o que o Kelton tem a dizer.

— Obrigado, Geovana — agradeceu e voltou a nos olhar, enquanto relatava sua versão dos fatos. — Bóris está fraco. Além do tiro que levou do agente Guilherme, seus comparsas foram mortos, boa parte dos capangas que trabalhavam para ele estão presos, outros fugiram, alguns estão no hospital e outros foram mortos. Com essa pista de que o Bóris está aqui, gostaria de montar uma pequena equipe tática para o pegarmos o mais rápido possível.

— E o senhor pensou em quem? — Samuel perguntou e o homem abriu um sorriso.

— Geórgia e Guilherme. — Sorriu para nós dois. — Ambos já

conhecem o caso, Geórgia era chefe, sem contar que os dois trabalham muito bem juntos, parecem conseguir se decifrar apenas com um olhar.

— Verônica Maldonado Brandão. — Cada palavra dele escorria veneno, ele parecia querer nos atingir de propósito. — Ou já assinaram o divórcio?

— Creio que isso não seja assunto para ser pautado aqui, Kelton — falei, porque ele havia ido longe demais.

Kelton ergueu as mãos e disse:

— Claro, morena, mil perdões. — Voltou a olhar para a Verônica. — Eu vou precisar da melhor atiradora da PF. Verônica.

— Todos aqui atiram — falei categoricamente.

— Mas ela é a melhor, e eu a quero. — Se o Guilherme pudesse teria voadado em cima do pescoço do Kelton naquele instante, mas segurei sua mão e impedi que ele fizesse alguma besteira. — Aceita, Verônica?

Ela não respondeu, mas percebi que seu olhar e o do meu irmão se encontraram. Ele também não confiava no Kelton e tentou dizer isso a ela, mas parece que não deu certo.

— Eu aceito — Verônica respondeu e meu irmão travou o maxilar.

— Maravilha! Vamos começar a trabalhar, então! Tenho as imagens das câmeras de um aeroporto clandestino utilizado para que alguns políticos evitem tumultos, taxas aeroportuárias ou submeter aos fiscais da receita ou

até mesmo evitarem passar pelo raio-x — ele disse e olhou para a Geovana, que pegou o controle remoto e ligou a televisão, então o vídeo começou a ser transmitido. — Essa filmagem foi feita por uma das poucas câmeras que o local possui. Esses aeroportos não têm um pinga de segurança. A única segurança no local é feita por um vigilante particular que faz o controle de entrada e saída dos veículos, anotando todas as placas.

A imagem em preto e branco mostrava um homem todo de preto descendo de um avião de pequeno porte. Deu para perceber que era careca e usava óculos escuros.

— Isso tem quanto tempo? — Samara perguntou.

— Dois dias — Geovana respondeu.

— A ABIN tem pessoas monitorando todas as câmeras de aeroportos nacionais, internacionais e os clandestinos, acredito que o Bóris não esperava por isso. Quando o banco de dados interligou a imagem dele ao banco da Interpol, tivemos nosso suspeito encontrado. — Kelton desligou o monitor.

— Onde fica esse aeroporto? — Guilherme questionou.

— Em uma área afastada, um bairro chamado Vila Marina. Não conseguimos mais imagens além dessas.

— Isso é fácil resolver — Samuel disse, já se levantando e se preparando para sair.

— Tenho um mandado de busca para você, Samuel — Geovana

comunicou, já entregando um papel para ele.

— Vou com você — Samara falou e eu revirei os olhos, mas Kelton levantou a mão para impedi-la.

— Gostaria que a Geórgia fosse. — O pedido me pegou desprevenido. Ele queria alguma coisa com isso, mas eu não sabia o que era. — Sei que as duas são peritas criminais e ótimas no que fazem, mas ela já tem um conhecimento maior no caso, preciso de você para outra coisa.

Ela apenas assentiu.

— Vamos logo — Samuel falou, já saindo da sala, me ignorando completamente.

— Eu tenho um nome e acredito que você o saiba — resmunguei, enquanto revirava os olhos. Tão irritante quanto eu me lembrava.

O impacto do seu corpo contra o meu veio em seguida, me fazendo ofegar baixinho.

— Vamos deixar uma coisa bem clara, *Geórgia*. Eu não confio em você. Vamos trabalhar juntos, mas eu irei tratá-la com a formalidade que se deve.

Babaca, imbecil!

— Não te pedi nada mais que isso, *agente*. E vamos logo porque eu não tenho o dia inteiro.

Desviei dele e saí da sala antes que eu fizesse alguma besteira, como

dar um tapa naquele rosto lindo.



— Você está tensa — Samuel observou enquanto dirigia a viatura, mas não respondi nada.

A presença do Kelton na delegacia não significava boa coisa, tinha algo de muito errado ali, ainda mais depois da abordagem dele no hotel.

— O que está acontecendo, Geórgia? — Samuel tornou a perguntar.

— Nada! Não posso mais ficar calada?

— Acontece — Ele me olhou após parar em um semáforo — que, infelizmente, eu te conheço e você está calada desde que entrou nesse carro e está estalando os dedos continuamente, o que indica que você está pensando.

Bufei. Ele me conhecia bem demais.

— Apenas suposições — falei por alto.

— Você também não vai com a cara do policial que chegou hoje — disse, voltando a guiar o carro.

— Eu não confio nele — falei.

— Isso eu percebi, mas tem um motivo, não é?

Tinha mais motivo não era prova, achismos não eram provas. Eu

precisava de algo concreto antes de sair acusando as pessoas.

— Motivos não são provas — rebati.

— Então dê um jeito de elas virarem, porque acredito que ninguém tenha ido com a cara dele.



Eu havia atingido meu limite hoje, por isso, quando o Arthur ligou para Guilherme, o chamando para ir a um barzinho, eu o fiz aceitar o convite. Passar mais de 4 horas ao lado do Samuel mexeu com todas as minhas estruturas físicas, emocionais e psicológicas. Precisava ao menos de uma bebida, mas ouvir caras resmungando no pé do meu ouvido também não estava nos meus planos, por isso resolvi vir para casa, mas ao invés de seguir com meu plano original eu me sentei em outro barzinho e pedi uma cerveja gelada.

Foi meu primeiro erro.

O segundo veio ao cutucar onça com vara curta, porque eu precisava ao menos me dar conta de que o amor que eu sentia por ele havia morrido anos atrás, quando eu descobri toda verdade.

Esse foi o meu segundo erro da noite.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Samuel

*Eu te odeio, eu te amo
Odeio te amar
Não quero, mas não posso
colocar mais ninguém acima de você
I hate u, i love u - Gnash*

Dizem que o amor dói e é verdade, descobri isso da pior forma. Me apaixonei por uma mulher que era de outro. Pela segunda vez. Pela segunda vez, não. Da primeira vez *ela* era completamente minha, até *ele* aparecer e ela me deixar, alegando que não me amava o suficiente. Com a Verônica foi diferente. Ela era casada e apesar de tudo que passou, era completamente apaixonada pelo marido. O que eu poderia fazer para mudar esse fato? Nada,

absolutamente nada, assim como não pude fazer da primeira vez.

Infelizmente não mandávamos no coração. Eu não pretendia amá-la, não pretendia me apaixonar, só aconteceu, e quando eu percebi já não tinha mais volta. E, mesmo assim, com todo esse sentimento dentro de mim, permaneci ao seu lado. Permaneci segurando sua mão e secando suas lágrimas. Permaneci ao seu lado sabendo que ela só veria em mim um amigo.

Eu sentia que ele voltaria um dia. Que homem em plena consciência deixa uma mulher daquela para viver novas aventuras? E ele voltou e ela se abalou, ela chorou, ela gemeu, ela sofreu, e eu estava ao lado dela, estava a apoiando. Só que a volta dele não mexeu apenas com ela, mexeu comigo.

Inferno!

Por que a droga do mundo tinha que ser tão pequeno? Por que depois de tanto tempo *ela* tinha que voltar para minha vida? Por que eu não poderia ter uma vida sossegada? Eram tantos “porquês” que eu não esperava mais resposta de nada.

Não vou mentir. Vê-la aos beijos com o homem que a magoou doeu e doeu muito. Pensei que essa dor só sentíamos uma vez na vida, mas não. Eu havia sentido duas vezes e não recomendo.

Eu tinha apenas 19 anos, mas me senti completamente iludido por uma mulher de 31 anos. Na verdade, eu deveria imaginar que isso iria acontecer. Eu deveria ter aprendido a lição, mas ali estava eu.

Sofrendo novamente e de mãos atadas.

— Você está com uma cara péssima.

Fechei e abri os olhos ao som da voz. Voz essa que eu conhecia muito bem. Me virei para olhar a morena que estava sentada em uma mesa de um bar, um pouco mais distante que aquele em que estávamos.

Eu a vi ali assim que entrei e decidi que a ignoraria de primeira, era o correto. Na verdade, eu havia dito que a ignoraria desde que coloquei os olhos nela naquela maldita delegacia. Eu sabia que tinha que me manter afastado e estava conseguindo, até aquele dia, quando fomos colocados para trabalharmos juntos. Não era uma mera implicância, era bem mais. Quando terminamos aquela pequena investigação no local, dei graças a Deus por me livrar dela, mas ali estávamos nós dois novamente, juntos no mesmo dia.

Era mais do que eu poderia aguentar.

— Está me seguindo? — questionei.

— Tecnicamente eu saí primeiro que você e vim para cá, quem eu estou seguindo parada aqui sem fazer nada?

Encarei seus olhos pretos. Sim, pretos. O tipo mais raro de cor de olho já encontrado. Se você pensa que são os claros, está terrivelmente enganado. Os pretos são mais raros e, porra, os dela eram os olhos mais lindos e expressivos que já tive a oportunidade de observar.

— Quer uma foto pra ficar admirando depois? — A voz dela era puro

deboche.

Eu não estava com um pingo de paciência para tolerar as mudanças de humor de Geórgia Chevalier.

— Vai se foder, Geórgia.

— Até iria, mas não tô afim. — Ela se recostou na cadeira e tomou um gole da cerveja, diretamente da garrafa. — Eu mandaria você ir se foder, mas pela sua cara parece que perdeu a dama da noite.

— Você adora provocar, não é? — Resolvi me sentar a sua frente e ela deu de ombros.

— Apenas verdades. — Peguei a garrafa da mão dela e tomei um gole da bebida. — Por que ela? — perguntou.

— Por que quer saber? — Eu não queria que ela soubesse a verdade.

— Não conheço muito da Verônica, apenas sei o que o Guilherme fala dela. Qual é a sua visão sobre ela?

Estreitei os olhos para ela.

— Por que não pergunta para ela?

— Eu tento ter uma conversa amigável com você, mas é impossível!

— Ela se levantou, já pegando sua bolsa. — Seja bonzinho e pague a conta.

E foi se afastando.

Aquela mulher era um demônio.

Em todos os sentidos.

Joguei o dinheiro em cima da mesa e saí atrás dela, puxando seu braço antes que pudesse entrar no carro.

— O que você quer? — perguntou, já com a conhecida ironia em sua voz.

— Por que voltou? — questionei e ela estreitou os olhos, sorrindo.

— Acha mesmo que voltei por sua causa? — questionou de volta, continuando a sorrir.

— Eu sei que não foi. Se tivesse um pinga de consideração por mim não teria nem ido embora.

— Acha mesmo que eu não tive consideração por você?

Dei um riso baixo e contido.

— O Pierre se cansou de você, foi? — Ela puxou o braço, me fazendo soltá-la.

— Isso não tem nada a ver com o Pierre — falou baixinho. — Nada!

— Eu não mudei minha fala, Geórgia. Não confio em você, nunca mais vou confiar em você de novo.

— Problema seu, Samuel! Não pedi a sua confiança em momento nenhum! Acha que preciso de você? Acha que eu preciso do que você tem a oferecer? Acha que eu preciso...

Não deixei que ela terminasse a próxima frase. Já conhecia aquele

discurso de cor e salteado. Presei seu corpo no carro e o deixei bem próximo ao meu. Seu perfume me envolvendo e minhas mãos em sua pele, novamente, lembrando-me como era estar com ela.

— Eu sei exatamente do que você precisa, Geórgia.

— Não se atreva... — falou, mas a respiração estava errática e eu sentia seu corpo tremer em contato com o meu.

— Ou o quê? — Me aproximei ainda mais. — Vai me bater? Quero ver você tentar.

Nossa distância era mínima.

Olhos nos olhos.

Respiração sincronizada.

Então ela fez exatamente o que não era para ser feito. Nossas bocas se colidiram e no instante seguinte tudo que eu queria era levantar a droga da roupa que estava usando e fazer com ela exatamente o que minha língua fazia com a sua.

Queria cada gemido, cada suspiro, cada orgasmo. Minha boca fodia a dela sem pudor nenhum, exatamente como ela gostava.

Totalmente selvagem e cru.

Errado e certo.

Perigoso e irreal.

Era difícil admitir para mim mesmo que eu havia sentido falta daquela

maldita boca, que eu havia sentido falta daquela mulher embaixo ou em cima de mim.

Minhas mãos apertaram ainda mais a sua cintura, colando nossos quadris, fazendo-a sentir que eu estava completamente duro. As mãos dela puxaram meus cabelos e ela se esfregou em mim, soltando um gemido baixo que engoli prontamente. Porém, antes que eu pensasse em algo para fazer com que ela se desmanchasse em minhas mãos, no meio da rua, ela me acertou em cheio.

Um belo tapa na cara.

Tinha certeza que ficariam as marcas.

— Nunca mais me beije — proferiu, a voz cheia de raiva, mas o rosto cheio de tesão, os lábios inchados, a pupila dilatada.

Ela ainda me queria.

Porra.

Antes que eu pudesse fazer algo, ela entrou no carro e deu a partida, me fazendo xingá-la de todos os nomes possíveis.

Eu não podia ceder.

Eu não iria ceder.

Respirei fundo e voltei a me sentar no bar, pedi outra cerveja, definitivamente eu precisava de algo em meu sangue.



CAPÍTULO DEZESSETE

Ariane

E vamos deixar queimar, queimar, queimar, queimar
Burn – Ellie Goulding

Brasília

Desde aquele dia no restaurante que eu não tinha mais contato com o Pierre, eu não liguei e também não entrei em contato.

Marcus achou melhor eu ficar em Brasília por mais um tempo, antes de me mudar para outro país. Eu tinha um trabalho a fazer na Tailândia, mas tive que cancelar. Apenas nessas últimas semanas sofri três ataques, homens

que o Carlos mandou atrás de mim, uma tive que entrar em um combate corporal, Marcus reforçou a segurança em minha volta e nos outros eu fiquei assistindo.

Tive que trocar de hotel, pois aquele não era mais seguro e agora eu vivia como uma prisioneira, refém de dois homens poderosos. Realmente, minha vida não era fácil.

Tomei meu café da manhã enquanto lia as notícias no meu tablet, as mesmas coisas de sempre, corrupção, crime, assalto, política. Bloqueei o aparelho e respirei fundo, ponta para encarar mais um entediante dia presa nesse hotel.

Meu celular vibrou em cima da mesa e pela barra de notificação eu vi uma mensagem do Pierre.

Pierre: *Precisamos conversar. Que tal um jantar?*

Depois de dias Pierre havia entrado em contato, mas eu não sabia se era uma boa ideia conversar com ele. Logo eu, que tinha pleno controle sobre a minha vida, estava presa em um hotel sem poder sair pelo risco de sofrer algum tipo de atentado contra minha vida.

Mas eu não estava tão certa de que um jantar iria resolver meus problemas com o tatuado que me mandava mensagens, porque todas as vezes que eu estava com ele, era como se eu voltasse a ser aquela garotinha que ele jurou cuidar e proteger.

Enquanto um lado meu jurava que eu precisava me afastar ainda mais dele, o outro, aquele que escondi e mantive guardado, estava saltitando, por finalmente ter a atenção que queria. Eram duas partes de mim, duas linhas completamente diferentes.

O celular voltou a vibrar e eu olhei a barra de notificação novamente.

Pierre: *É apenas um jantar, Ari. Sei que tem motivos de sobra para não querer me ver, mas estou com saudades suas. Muitas saudades.*

É, definitivamente a carne era fraca, muito fraca. Respirando fundo, peguei o celular e enviei uma mensagem para ele.

Ariane: *Um jantar apenas e eu escolho o restaurante.*

Sua resposta chegou em seguida.

Pierre: *Perfeito! Nos vemos hoje à noite!*

Joguei o celular em cima da mesa e cobri o rosto com as mãos, me perguntando o que tinha de errado comigo ao mesmo tempo que falava que era apenas um jantar. Apenas isso.



Optei por usar um macacão de tecido que caía elegantemente no tronco e parecia uma saia quando passava da cintura. Fiz uma maquiagem

leve e escolhi uma bolsa pequena.

Não avisei ao Marcus que iria sair. Eu tinha certeza que os meus “seguranças” iriam contar para ele na primeira oportunidade.

O elevador parou no saguão do hotel e eu caminhei até a recepção e solicitei um táxi para a atendente, que sorriu e disse que havia um na frente do hotel. Não vi nenhuma das minhas babás do lado de fora e estranhei, mas segui até o táxi e entreguei o endereço ao motorista.

Eu estava adiantada, como sempre. Não precisava, mas era uma espécie de TOC e eu mantinha esse hábito. Analisar todos os pontos do local em que eu ia, traçar possíveis rotas de fuga. Blanca me ensinou isso e eu levei o ritual para tudo.

Assim que cheguei ao restaurante e disse meu nome ao *maître*, ele me informou que meu acompanhante já estava a minha espera. Escondi a surpresa e segui o homem pelo restaurante.

Ofeguei ao ver o Pierre sentado em uma mesa afastada, mexendo no celular. Parecia distraído, mas eu sabia que ele estava prestando atenção a cada detalhe a sua volta. Ele estava de terno, mas olhava atentamente podia ver os desenhos de suas tatuagens nas costas das mãos e algumas que subiam pelo pescoço.

Ele ergueu os olhos e me encarou, se levantando em seguida.

— Você está linda — disse.

— Obrigada.

Meu coração era fraco quando se tratava dele, e meu corpo não obedecia ao meu comando de não reagir a ele, minha vida estava cada vez mais parecendo um trem desgovernado que não tinha a mínima noção para onde seguir.

Me sentei e o *maître* serviu nossas taças, nos deixando sozinhos em seguida.

— Eu não sei por onde começar — falou ele.

— Que tal pelo começo? — perguntei, solvendo um pouco do vinho.

— Acontece, Ari, que se passaram 5 anos, eu não posso te tratar como tratava antigamente. Nosso laço foi cortado quando você foi embora.

— Eu precisei — rebati.

— E eu sei disso, por isso deixei você ir. — Ele respirou fundo.

Ele colocou a mão em cima da mesa e pediu a minha, a pousei em cima da dele.

— Senti sua falta, Ari — admitiu, olhando dentro dos meus olhos. — Durante todos esses anos, todos esses dias. Eu não parei de pensar em você, mas eu não tinha direito de ir atrás. Você fez a sua escolha e eu respeitei a sua decisão, por mais que me magoasse também.

— Eu também senti sua falta, sabe?! Todos os dias, a cada momento, mas eu não podia voltar atrás, não enquanto eu estava conquistando o que eu

sempre quis.

— E o que você conquistou, Ari? — Ele apertou minha mão. — Olha a sua vida agora. Não estou te julgando, mas você está sob a proteção de um traficante para não ser morta por outro. Eu não quero nem imaginar o que pode acontecer com você se...

— Não pensa isso, eu sei me defender, Pierre. Eu aprendi muito nesses últimos anos.

— Aprendeu com quem?

Sorri e tirei minha mão da sua, alisando a toalha da mesa.

— Depois que eu saí de Paris fui para a Rússia e conheci uma mulher chamada Blanca, ela me salvou de um assalto. Eu era uma turista lá, não falava russo e não sabia como sobreviver ali dentro. Ela era uma mestre dos disfarces, trabalhando para a poderosa máfia russa. Blanca era minha amiga e me protegia, até que começou a me treinar. Técnicas de defesa, tiro, técnicas de disfarce, como esconder minhas emoções, tudo que você pode imaginar. Ela me ensinou a ser invisível.

— Por isso você se afastou.

— Também. Pode parecer bobo, mas era uma forma de te proteger. A máfia russa não é brincadeira.

— O que aconteceu com essa mulher?

Mordi o lábio, me lembrando do dia em que ela partiu.

— Uma vez ela me disse que não importa o quanto você tenha controle sobre uma determinada situação, se for para você partir dessa para a melhor, você vai. A Branca me deixou há dois anos, ela foi morta envenenada, desde então eu assumi o posto dela. Só não tenho contato com a máfia russa.

— Você realmente cresceu — comentou.

— Mais do que você imagina.

— E nessa sua nova vida, tem espaço para um cara como eu?

— Pierre...

— Me escuta — disse, se levantando e caminhando até a minha cadeira, se abaixando e segurando meu rosto. — Eu sou um homem burro na maioria das vezes, que não quer aceitar a verdade quando se deve. Quero me fingir de cego quando toda a verdade está bem na minha frente. Eu prometi para a sua mãe que cuidaria de você, prometi que te protegeria e te manteria a salvo, mas o maior problema disso tudo era manter você a salvo de mim, porque a cada dia que se passava mais você crescia e deixava de ser aquela menininha, e eu estava ficando louco, porque quanto mais eu te desejava, mas insano e errado se tornava.

Minha respiração estava descompassada e se aquilo fosse um sonho, eu não queria acordar nunca mais. Queria poder ficar a vida inteira o ouvindo dizer aquilo.

— Eu procurei outras mulheres, você sabe muito bem disso, mas...

— Sempre pensei que a Geórgia fosse a dona do seu coração — falei, porque sempre foi assim, ele sempre se colocava em risco por ela.

— Eu também pensei que fosse. — Ele desviou o olhar e piscou, voltando a me olhar em seguida. — Eu pensei que ela fosse ser a mulher que ficaria ao meu lado, mas o que eu sentia pela Geórgia, o que eu ainda sinto por ela é totalmente diferente. Na época eu não tinha noção de nada, muito menos do que eram sentimentos, meu principal objetivo era negar e mascarar o que eu sentia por você, e estava dando certo. Estava dando muito certo, porque você vivia a sua vida e eu a minha, mas não é assim que funciona. Mas tudo explodiu quando eu te contei a verdade e você disse que iria embora, você me quebrou naquele dia, porque eu tive a sensação de que iria te perder e essa é a pior sensação que um ser humano pode ter.

— Por que está me dizendo tudo isso? — questionei, tentando não iludir meu coração novamente.

— Porque sou perdidamente apaixonado por você, não consigo mais negar ou esconder. Eu amo você.

Eu queria que o tempo parasse apenas para escutá-lo dizer isso novamente.

— Repete essa última parte, por favor — pedi, segurando seus pulsos.

— Eu amo você, Ariane.

As lágrimas caíram sem permissão e ele enxugou uma por uma.

— Eu sempre sonhei em escutar você dizer isso — falei.

— Às vezes os sonhos se tornam realidade.

— Você é minha, sempre foi. Meu Deus, como eu te amo!

Então ele me beijou, sua boca reivindicando a minha, chupando. Até diminuir a velocidade dos beijos, até chegarmos a selinhos longos.

— Se isso for um sonho não quero acordar — murmurei com os olhos fechados.

— Você é o meu sonho, Ariane — falou. — Sempre foi e sempre vai continuar sendo.

Dessa vez eu o beijei e juro por Deus, eu não queria nunca mais sair dos braços daquele homem.

CAPÍTULO DEZOITO

Pierre

*Podemos acender, acender, acender
De modo que eles não possam apagar, apagar, apagar
Burn – Ellie Goulding*

Conforme fomos chegando no quarto da Ariane eu a beijava com mais força, com mais sede, queria me perder nela, queria decorar cada detalhe de sua pele, saborear cada pedaço seu, gravar cada gemido e suspiro.

Fechei a porta atrás de mim e segurei sua cintura, empurrando-a em direção a cama enquanto devorava sua boca, segurando sua nuca de maneira possessiva. Afastei minha boca da sua apenas para observar seu rosto perfeitamente esculpido, os traços fortes e ao mesmo tempo delicados, os olhos azuis marcantes, agora completamente loucos de desejo.

— Quero você — sussurrei, não queria que ela fizesse nada por achar que tinha obrigação, não queria forçar, por isso tornei a perguntar: — Você tem certeza de que quer fazer isso?

Ela me olhou sem dizer nada, mas me deu um pequeno sorriso, se afastando de mim. Suas mãos foram para a parte lateral da roupa e a percebi descer o pequeno zíper ali, em seguida as alças da roupa foram abaixadas e o macacão caiu aos seus pés, lhe deixando apenas com uma lingerie branca. Ariane voltou a se aproximar de mim, as mãos seguraram meu rosto e ela me sorriu. O sorriso mais lindo que eu já vi em toda a minha vida.

— Eu quero você, Pierre. Eu sempre quis você e não vai ser agora que vou desistir.

Ela não precisou pedir duas vezes, não precisou implorar ou qualquer coisa do tipo. Minha boca colidiu com a dela e eu a ergui, fazendo com que enroscasse as pernas na minha cintura.

Suas mãos em meu pescoço me deixavam louco, as unhas afiadas arranhando e me dando tesão na mesma medida. Apertei a carne macia de suas coxas e enquanto caminhava com ela para cama, joguei seu corpo sem cerimônia em cima do colchão, explorando seu corpo com as mãos e com a boca. Me embebedando dos seus gemidos, que me deixavam ainda mais duro para estar dentro dela, para senti-la em volta de mim. Abaixei o bojo do sutiã e beijei cada um de seus seios, chupando e lambendo logo em seguida,

ouvindo-a se mexer em baixo de mim e suspirar cada vez mais alto.

Desci a boca pela barriga chapada, beijando o umbigo e apertando a cintura, até chegar ao cóis da sua calcinha, que fui retirando de seu corpo e jogando em um canto. Sua boceta estava molhada, não perdi tempo e chupei seu clítoris, fazendo-a gemer alto e arquear as costas, levando as mãos até os meus ombros, tentando me afastar e me manter perto ao mesmo tempo. Chupei mais forte ao mesmo tempo que introduzia dois dedos dentro dela, deixando-a completamente louca, a sentindo cada vez mais molhada, mais pronta.

Tremi a língua em cima do seu ponto de prazer e ela gritou, agarrando o lençol da cama.

— Pierre... — Eu sabia o que ela queria, mas não seria agora que eu sentiria seu gosto em minha boca.

Me ergui e comecei a desabotoar a camisa, enquanto ela se recuperava. O rosto estava vermelho, a respiração ofegante, pupilas dilatadas. Ela se ergueu e afastou minhas mãos, abrindo a camisa de uma vez e fazendo os botões voarem por todos os lados. Seus olhos encontraram os meus e ela passou o dedo por cada tatuagem que cobria meu corpo, ao mesmo tempo que me arranhava com as unhas e me deixava perdido apenas com essas carícias.

— Você é perfeito, Pierre — ela disse, beijando o meu peito, no lado

esquerdo, bem em cima de onde meu coração batia freneticamente.

— Estou longe de ser perfeito.

— Você é perfeito para mim e isso não vai mudar. Eu sou completamente sua.

— Amo você, Ariane Laurent — falei, colocando a mão dela sobre meu peito. — Cada batida aqui pertence a você, meu coração é seu, assim como minha alma e meu corpo.

— Amo você, Pierre. Completamente, perdidamente e enlouquecidamente!

Então voltei a beijá-la.

Deitando meu corpo por cima dela, explorando sua boca com minha língua, sugando seus lábios e bebendo dos seus gemidos.

Me ergui, retirei a calça e a cueca, pegando a camisinha dentro do bolso e envolvendo meu pau nela, indo para cima dela novamente. Beijeí sua barriga, subindo para os seios até chegar novamente em sua boca.

Então, devagar, eu entrei dentro dela, arrancando um gemido profundo de nós dois, fazendo-a ofegar e fechar os olhos. Segurei suas mãos e as ergui acima de sua cabeça, então comecei a me mover, um ritmo lento e delicioso, que estava nos deixando cada vez mais sedentos.

— Pierre... — ela gemeu meu nome.

— Sim? — perguntei enquanto beijava seu queixo.

— Você não tem cara de ser romântico na cama. Amei esse lado, mas quero que você me foda de verdade.

Ariane acendeu um botão dentro de mim. Não esperei duas vezes, saí de dentro dela e a coloquei de quatro, segurando sua bunda, dando vários tapas até a pele ficar vermelha. Meti nela até o talo, arrancando um grito seu de surpresa. Segurei seu quadril e comecei a entrar e sair mais rapidamente, nossos corpos se chocando e ela gemendo contra o colchão, implorando para que eu a fodesse com mais força, que eu desse de tudo de mim, e eu dei.

Forte e duro.

Levando-a ao limite ao mesmo tempo que ela testava o meu ao autocontrole. A boceta apertada me arrancava gemidos, segurei seu cabelo, puxando sua nuca e bati em sua bunda de novo. Passei meu braço por debaixo dela e ergui seu tronco, colocando suas costas em meu tronco, metendo cada vez mais rápido.

— É assim que você gosta? — perguntei, apertando seus seios e ouvindo-a gemer. — Responde! — Puxei seu cabelo para o lado, expondo o pescoço banhado de suor.

— Sim, é sim — gemeu e grunhiu ao mesmo tempo.

— Então rebola essa boceta gostosa no meu pau e goza até não lembrar o seu nome — sussurrei em seu ouvido ao mesmo tempo que socava mais rápido dentro dela e estimulava seu clítoris.

Suas mãos apertaram meus braços, sua boceta apertou meu pau, me fazendo gemer, e Ariane gritou, o corpo tremendo em espasmos enquanto ela gozava deliciosamente e eu a acompanhei em seguida, liberando todo meu prazer, apertando sua cintura e gemendo em seu ouvido.

Uma coisa era certa: essa noite eu a marquei como minha, e nada nem ninguém me diria o contrário.



Acordei com o sol batendo em meu rosto, abri os olhos e encontrei o lado da cama vazio, me sentei e passei a mão no rosto.

— Bom dia — Ariane cumprimentou, saindo do banheiro completamente arrumada.

— Bom dia. Onde vai? — perguntei.

— Resolver a minha vida. Irei conversar com o Marcus e dizer que não preciso mais da proteção dele, eu sei me defender sozinha.

— Se você quiser eu vou com você — falei, já me levantando da cama.

Ariane sorriu e se aproximou de mim, me dando um selinho.

— É o meu trabalho, Pierre. Posso muito bem resolver sozinha,

preciso estar totalmente livre para você.

Ela se afastou, mas eu segurei seu pulso.

— Eu amo você — declarei e ela sorriu.

— Também amo você.

— Você está certa, preciso estar totalmente livre para você também.

— Você e a Geórgia...?

— Não, não estamos juntos já tem cinco anos, mas quero colocar um ponto final na minha história com ela. Eu preciso fazer isso para seguir em frente com você.

— E onde ela está?

— São Paulo. — Arianne assentiu e me deu outro selinho.

— Então assim que eu resolver esse problema com o Marcus iremos para São Paulo e depois a gente decide.

— Sempre quis visitar Moscou — falei e ela sorriu.

— Eu sei, você sempre me disse.

— Está decidido, nosso próximo destino é Moscou.

A soltei e a observei deixar o quarto.

Eu era um filho da puta sortudo, apenas isso.

CAPÍTULO DEZENOVE

Georgia

*Trabalha
Pra cima e pra baixo
Suar
Sexo de reconciliação
Se movimenta
Pra cima e pra baixo
Vamos suar
Sexo de reconciliação
Make up sex - Somo*

São Paulo

Apoiei a cabeça entre as mãos e bocejei. Eu estava cansada. Muito cansada, para falar a verdade. Os dias passados foram mais estressantes do que eu previa e a caçada ao mafioso russo parecia andar em círculos sob a

liderança do Kelton.

No dia que o Samuel e eu fomos ao aeroporto, descobrimos algo muito importante, algo que poderia colocar o Kelton na cadeia se fosse provado que ele era o informante do Bóris. Só que o Kelton não sabia de metade das coisas que eu aprendi na Interpol e isso incluía leitura corporal e uma grande habilidade em descobrir se as pessoas estavam mentindo. Foi por esse motivo que o segurança nos entregou a filmagem verdadeira. A que o Kelton mostrou no dia que chegou foi uma mera distração e quase caímos nela.

Agora todo o cuidado era pouco e ali estava eu, em um domingo, às 19h00 da noite, monitorando o chip HGD333, um chip de rastreamento criado pela Interpol.

— Não sabia que você era adepta ao trabalho no domingo. — A voz do Samuel arrepiou toda a minha pele, me fazendo lembrar daquele beijo.

Aquele maldito beijo que eu não queria que tivesse acontecido, porque me fazia lembrar de coisas que eu precisava urgentemente esquecer, como o nosso passado e nossa história.

— Estou monitorando o chip — respondi, erguendo o rosto para observá-lo. — E você?

— Vim pegar o meu carregador de celular que esqueci aqui pela manhã. — Ele entrou na sala e veio para o meu lado, olhando o computador.

— Nenhuma movimentação?

— Nada. Estou começando a achar que estávamos errados.

— Você não erra, Geórgia.

— Engano seu, eu erro todos os dias. — Me arrependi de ter dito essa frase no instante em que ela saiu da minha boca. — Desculpa.

— Tudo bem. — Ele se afastou e caminhou até a porta, mas parou e se virou para mim. — Pretende ficar aqui a noite toda?

— Eu quero ficar por perto caso ele se movimente.

— Isso não emite um alerta para o seu celular?

— Claro que sim.

— Então vem, eu te levo em casa. Até você tem limites, Geórgia. Ficar aqui o dia inteiro olhando para a frente desse computador não vai fazer seus pais voltarem.

— Mas vai me fazer pegar os assassinos deles.

— Vamos — chamou de novo, saindo da sala e me deixando sozinha e com o peito apertado.

Desliguei tudo e apaguei as luzes, saindo da sala. Ele estava na recepção conversando com a recepcionista e eu lutei para o ciúme não vir com tudo. Pensei que eu já tivesse passado dessa fase.

— Eu posso pegar um táxi — falei, parando na sua frente e me virei para a mulher. — Boa noite, Leila.

— Boa noite, Geórgia! Tudo bem?

— Só um pouco cansada, mas já estou indo para casa.

— Vai sim, tá quieto por aqui hoje — disse sorrindo e mascando o chiclete.

— Vamos — Samuel repetiu.

— Vou de táxi — anunciei novamente.

— E eu disse que vou te levar.

— Estou dizendo que não precisa se incomodar. — A verdade era que eu não queria ficar com ele em um espaço minúsculo enquanto aquele maldito beijo não saísse da minha cabeça.

Eu estava distraída quando ele se virou para mim de repente, fazendo nossos corpos se chocarem.

— Será que você consegue ser menos teimosa? — perguntou e eu semicerrei os olhos.

— E você consegue ser menos mandão?

Estávamos muito próximos, próximos demais para a minha sanidade. Samuel sorriu de lado, causando um reboleço no meu estômago, mas não baixei a cabeça para ele, principalmente quando seu rosto se aproximou ainda mais do meu, a boca indo para a minha orelha. Fechei os olhos ao sentir o hálito quente contra a minha pele.

— Eu não vou te atacar, Geórgia, se for esse o seu medo — sussurrou,

a boca grudada em meu ouvido, causando um arrepio involuntário.

Então ele se afastou e sorriu ainda mais.

— Vamos, o meu carro está logo ali.

E se virou.

— Filho da mãe! — xinguei, alto o suficiente para que ele ouvisse.

E o segui, mesmo a contragosto, porque sabia que isso não daria certo.

A provocação era um jogo perigoso e nós dois estávamos brincando com fogo, iríamos nos queimar, isso era certo. No fundo, bem no fundo, eu estava torcendo para isso, restava saber quem entraria em combustão primeiro: eu ou ele.



O caminho até o meu apartamento foi feito em silêncio. Nenhum de nós dois tentou puxar conversa, o único som que preenchia o ambiente era a música que tocava na rádio.

Ele estacionou o carro e ficamos calados, como se ambos esperassem alguma palavra ser dita.

— Obrigada pela carona, não precisava se incomodar — falei, já com

a mão na porta para abri-la.

— Geórgia.

Me virei para ele e arqueei uma sobrancelha.

— Sim?

Observei suas mãos apertarem o volante. Samuel travava uma luta interna e eu apenas esperei. Esperei porque o conhecia muito bem para saber que ele não sossegaria até que me dissesse o que queria dizer.

— É besteira, deixa pra lá.

Mordi a língua para não xingá-lo e assenti, abrindo a porta do carro e saindo.

— Jurei que fosse mais corajoso — falei, abaixando na janela. — Mas acho que me enganei, você realmente perdeu aquele jovem que foi anos atrás e que não tinha medo das consequências, apenas fazia.

Então me virei e caminhei para a entrada do prédio.

Questão 1: eu brinquei com fogo e sabia disso.

Questão 2: eu queria que ele explodisse. Essa versão calma e avessa dele estava me deixando fora de mim.

Questão 3: eu sabia até que ponto a provocação deveria ir.

Foi por isso que eu sorri ao ouvir a porta do carro sendo batida. Não fingi surpresa ao senti-lo segurar meu pulso e me virar para ele.

— Você não presta, Geórgia.

— Você também, isso nos coloca no mesmo barco, não é? — perguntei, sorrindo.

Estava cansada de mentir para mim mesma que eu não o desejava, cansada de tentar me enganar dizendo que o desejo e a atração não existiam, porque ela estava ali, sempre palpável.

Ele só precisava entrar em combustão.

— Você vai se arrepender de ter me provocado, Geórgia — sussurrou, a boca contra a minha pele.

— Vou, é? Mal posso esperar por isso.

Sua boca tomou a minha, me fazendo arfar ao mesmo tempo que minhas mãos passeavam pelos seus braços, subindo até o pescoço. Agarrando sua nuca e mordendo seus lábios. Sua mão imobilizou minha nuca, os dedos entrando em meus cabelos, a outra me segurando pela cintura. Me deixando completamente sem ar nesse beijo que parecia querer castigar a nós dois.

Desgrudei nossas bocas e ele me olhou, atônito, os olhos cheios de desejo.

Eu só esperava não me arrepender no dia seguinte.

O puxei para entrarmos no prédio e fomos para o elevador, onde havia uma mãe com o filho de dois anos. Sorri para ela e esperei que chegasse ao meu andar. Mal saímos do elevador e eu fui agarrada por ele.

— Qual a apartamento? — perguntou contra minha boca.

— 354 — respondi, tentando pegar as chaves na minha bolsa.

Ele me empurrou até a minha porta e me encostou ali, me beijando novamente com fúria.

Seus lábios esmagavam os meus e sua língua exigia a mesma coisa da minha, me deixando sem ar.

Me afastei e me virei para tentar destrancar a porta, rezando para o meu irmão não estar em casa. Sua boca agora estava na minha nuca, beijando e chupando a pele, era difícil me controlar dessa forma.

Quando finalmente consegui abrir, fui empurrada para dentro e a porta foi fechada com o pé dele, que tratou de me agarrar novamente, já desabotoando minha blusa no processo, enquanto eu tirava a camiseta que ele estava vestindo.

Joguei para o lado os sapatos de salto, juntamente com a blusa.

Ele voltou a me beijar, me fazendo passar as pernas pela sua cintura e se sentando no sofá, deixando-me montada nele. Suas mãos foram para o fecho do sutiã, que ele abriu com maestria, jogando em qualquer canto da sala.

Meus seios parecendo um banquete para ele, que abocanhou e chupou, me fazendo jogar a cabeça para trás e gemer, passando os dedos pelos seus cabelos e rebolando em seu colo, me sentindo cada vez mais molhada e necessitada.

Ele deu a mesma atenção aos dois seios, voltando a me beijar em seguida. Me afastei dele e olhei em seus olhos, vendo puro fogo em suas pupilas, o mesmo fogo que refletia nas minhas.

— Só vamos fazer isso — falou.

— Sem pensar no amanhã.

— Sem pensar — repetiu e voltou me beijar.

Gemendo conforme eu rebolava mais forte em seu colo, ele puxou meu cabelo para trás e me fez arquear as costas, então passou a língua pelo meu pescoço, voltando pelo mesmo caminho chupando a pele.

Me afastei dele e saí do seu colo. Tirando a calça jeans e a calcinha. E ele fez o mesmo, voltando a se sentar e deslizando a camisinha sobre o membro duro.

Me aproximei novamente, apoiando os joelhos no sofá, ficando por cima dele, minhas mãos apertavam o encosto do sofá enquanto eu sentava no seu pau. Gememos juntos com o contato e suas mãos apertaram minha cintura, enquanto a boca chupava meu peito com vontade.

Comecei a rebolar nele, ouvindo-o gemer e sentindo-o bater na minha bunda, aumentei a velocidade e segurei em seus ombros, gemendo em seu ouvido quando o senti raspar os dentes no bico do peito.

— As mãos nas minhas pernas, Geórgia — ordenou.

Parei de me mexer e segurei suas coxas, curvando meu corpo para

trás. Ele segurou minha cintura e começou a meter em mim mais forte, mais bruto. Sem delicadeza, sem medo.

Finquei as unhas na sua pele e ele grunhiu, entrando e saindo de mim ainda mais rápido. Mordi o lábio ao sentir o orgasmo se formar, abri a boca em um grito mudo quando senti minha boceta apertar o seu pau e ele gemer alto. Contraí meus músculos internos quando o orgasmo me atingiu, me fazendo cair para frente e agarrar seus ombros, e ele apertou ainda mais minha cintura e gozou em seguida, gemendo em meu ouvido.

Apoiei a cabeça contra o seu ombro e esperei meu corpo se recuperar dos espasmos.

Mesmo que tenhamos dito que não nos preocuparíamos com o amanhã, eu estava preocupada com ele, porque eu não sabia como agir, muito menos como me comportar depois de tudo.

Nesses casos, o medo de perdê-lo vinha com força.

CAPÍTULO VINTE

Samuel

*Eu tô cansado
Você tá agitada
Pra que brigar?
É a mesma coisa
Essa noite é
Minha ultima
Batalha de amor
Make up sex - SoMo*

Passei o nariz pela curva do seu pescoço, aspirando o perfume dela, tentando guardar na minha mente esse aroma que me acalmava e me deixava louco na mesma medida.

Apertei seu corpo contra o meu e respirei fundo, tentando a todo custo eternizar o momento. Sabíamos que nossa história não tinha um final feliz,

não era possível isso conosco, mas parecíamos gostar de nos enganar, de sofrer e sonhar com algo que jamais se tornaria possível.

Afastei seu corpo do meu e a coloquei sentada no sofá, era melhor acabar com isso agora do prolongar o sofrimento. Tirei a camisinha e dei um nó na ponta.

— Onde fica o banheiro? — perguntei sem olhar para ela nenhuma vez, pegando minhas roupas do chão.

— Corredor, segunda porta à esquerda.

Não agradei, apenas segui para lá e fechei a porta, joguei a camisinha no lixo e apoiei as mãos no balcão.

Eu queria ter sido forte e resistido, mas não fui. Eu queria me perder no corpo dela outra vez, nos gemidos, no contato pele a pele.

Eu só queria me lembrar mais uma vez como era tê-la em meus braços, para finalmente poder seguir em frente sem ela. Só havia um problema nessa história toda. Estar com a Geórgia era como provar uma droga, uma droga completamente viciante e por cinco anos eu fiquei livre dela, só que provar dela novamente, após todo esse tempo, me fez ver que eu não era tão forte quanto pensava e que se eu cedesse mais um pouco, ela voltaria a fazer parte da minha vida, mas isso não podia acontecer de jeito nenhum.

Passei uma água no rosto e vesti minhas roupas, saindo do banheiro

logo em seguida, encontrando-a já vestida.

— Eu estou indo embora — falei, avançando para a porta.

— Claro, você nem olhou na minha cara, Samuel — ela disse, indignada.

— Não posso, Geórgia. Eu não posso...

— Eu que deveria estar dizendo isso, afinal, foi você quem me enganou, foi você que veio ficar comigo para ir atrás de informações!

— Você também me traiu! — retruquei, deixando a raiva que morava em mim explodisse.

Mas ela negou.

— Você ficou por interesse, porque era uma missão, você traiu a minha confiança quando eu estava dizendo que te amava!

— E você? Acha que meu erro cobre o seu? — perguntei, me aproximando dela. — Enquanto eu estava caindo de amores por você, você estava dando para aquele bandido imprestável!

O tapa veio forte e ardido, fazendo meu rosto virar.

— Se você realmente me amasse, perceberia as coisas do jeito que elas realmente são. Mas você não percebe. Eu te amava muito. Mas eu também o amava.

— Você está ouvindo o absurdo que está me dizendo? É impossível amar duas pessoas ao mesmo tempo, Geórgia.

— Não é. Você não sabe como é amar uma, quem dirá duas!

— Isso que aconteceu aqui... — falei — não vai voltar a se repetir.

Nunca mais.

Me virei, mas ainda escutei sua voz.

— Não vai mesmo. Você morreu para mim, Samuel! Morreu!

Fechei a porta e ainda pude ouvir o barulho de algo se quebrando lá dentro, mas não importava, eu tinha a minha própria dor para lidar. Apenas isso.

Georgia

— Você não está com uma cara muito boa. Quer me contar o que houve? — Geovana perguntou, entrando dentro da minha sala.

— Não, não quero contar nada que tenha a ver com a minha vida para você.

— Não me julgue, Geórgia, eu fiz tudo que fiz porque...

— Porque é mesquinha, falsa e manipuladora. Porque pensou apenas nos próprios benefícios, então não me venha me dizer que foi pensando em mim ou no Guilherme, porque sabemos que não foi.

— Você nunca vai me perdoar, não é?

— Não, eu não vou, e já que você sabe disso, poderia, por favor, dar licença da sala — pedi, apontando para a porta, ela apenas assentiu e me deixou sozinha.

Tomei um gole do meu café e voltei a me concentrar na tela do computador, uma batida na porta voltou a chamar minha atenção e vi meu irmão parado ali.

— Está tudo bem? — perguntou, se aproximando, e eu assenti.

— Sim.

Ele sentou na minha frente e me analisou.

— Tem certeza? Desde aquele dia em que você quebrou a casa é que tenho te achado diferente, mais pra baixo.

— Não é nada, Guilherme. Eu só vou ficar bem mesmo quando toda essa história de máfia, Bóris, ou qualquer outra coisa acabar. Aí sim eu vou ficar bem.

— Você sabe que eu sei que não é isso que está te incomodando, não é?

— Eu sei, mas vamos fingir que é, por favor! Eu não quero pensar nisso, só quero esquecer.

Ele se levantou e rodeou a mesa, vindo me abraçar.

— Eu sei como é sofrer por amor, Geórgia, só quero que saiba que se

precisar conversar eu estarei por aqui.

— Eu deveria estar te consolando, não? — perguntei, pois ele estava em processo de divórcio.

— Sou seu irmão mais velho, é meu dever te proteger.

Sorri e ele beijou o topo da minha cabeça.

— Obrigada.

— Sempre que precisar — disse e saiu.

Fazia quase uma semana que o Samuel e eu nos ignorávamos por completo, fingíamos que nada tinha acontecido e que continuávamos sendo meros estranhos um para o outro. Doeu a indiferença dele, doeu a o jeito que ele me riscou da vida dele, doeu o fato dele nunca ter percebido que era mentira tudo que eu disse naquele dia, porque se ele realmente acreditasse em mim, se ele realmente me amasse como alegou anos antes, talvez a nossa história tivesse um final diferente. Mas é como dizem por aí, nem todas as histórias vem com um final feliz, e a minha era uma dessas.

Ia voltar a trabalhar, mas meu telefone tocou e eu estranhei ver um número que nunca tinha visto antes.

— Alô — atendi.

— *Morena, será que podemos conversar?*



Avistei o Pierre enquanto me aproximava da praça de alimentação do shopping, ele se levantou e veio me abraçar.

— Que bom que você veio.

— Fiquei curiosa, o que faz aqui?

— Senta? — Indicou uma cadeira e eu me sentei.

— Quer comer algo?

— Não, eu já almocei.

— Eu vim me despedir e agradecer por tudo que você fez por mim e por ter feito parte da minha vida.

— Isso quer dizer que...? — questionei.

— Eu encontrei uma pessoa — falou e sorriu. — Na verdade, eu já tinha encontrado mesmo quando estávamos juntos, só que naquela época não era para ser.

— Eu fico feliz por você — eu disse, segurando suas mãos por cima da mesa. — Você merece ser feliz, mas vai largar o crime?

— Sim, por ela. Nós vamos começar do zero.

— Fico feliz por você ter tomado essa decisão.

Eu realmente estava feliz por ele. Pierre era um homem perigoso, mas

eu conhecia seu lado amoroso e protetor, e dava para perceber no seu olhar que ele estava apaixonado.

— Estou te dizendo isso porque quero encerrar de vez nossa história.

— Pierre, nossa história acabou há cinco anos, naquele aeroporto. Não se martirize por isso.

— Não, eu sempre vou me preocupar com você, morena. Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida, e sem você muita coisa seria diferente hoje. Eu te agradeço imensamente por ter feito parte dela.

— Não me agradeça. Eu fiz o que sempre achei certo. — Apertei sua mão. — Eu espero, do fundo do meu coração, que você seja muito feliz.

— Eu vou ser.

Soltei sua mão e sorri.

— E quando eu vou poder conhecer a mulher que roubou seu coração?

— A gente vai embora do Brasil amanhã à noite, posso levá-la até a delegacia.

— O senhor é muito corajoso de aparecer em uma delegacia, não é? — perguntei.

— Você vai descobrir o porquê. — Piscou para mim e eu sorri.

Verdadeiramente, eu desejava que ele fosse feliz.



Se eu soubesse que o dia fosse ser um caos completo não teria nem saído da cama. Tudo começou com o divórcio do Guilherme, ele estava péssimo, seu rosto demonstrava isso. O dele e o da Verônica. Samuel tratava de consolá-la e eu de não encarar e nem demonstrar que estava com ciúmes, porque eu estava.

O segundo ponto do meu dia foi descobrir que eu tinha outra irmã. A essa altura do campeonato eu descobri que o Bóris havia criado a irmã gêmea do Guilherme, que ninguém sabia que existia, até ela vir de encontro a gente contado uma história horrenda.

No instante em que o Guilherme me ligou, pedindo para eu rastrear a ligação, eu soube que algo de grave havia acontecido, o Bóris havia decidido que era hora de jogar.

— Todas as unidades para o local do sequestro! — Geovana pediu assim que encerrei a ligação e eu me virei para a Luna.

— É bom que você não esteja mentindo quanto a isso também.

— Eu não estou mentindo, precisa acreditar em mim!

— E por que eu faria isso? — perguntei.

Não esperei sua resposta, apenas saí da sala, indo para fora da

delegacia. Meus planos eram pegar a viatura e ir para o local em que o Nicolas se encontrava, mas ao ver o Pierre e o Samuel mais à frente fez meu coração parar.

— Não pode ser — murmurei, mudando a rota e indo até eles.

— Não sei porque estou surpreso em ver você aqui — Ouvi o Samuel dizer.

— Eu vim apenas me despedir da Geórgia, cara. Não quero confusão.

— Não sei como pude me enganar tanto em relação a uma pessoa — disse Samuel quando me viu chegar.

— Está falando de mim? — indaguei, já cansada desse jogo que vínhamos jogando há dias. — Diz então na minha cara!

— Dizer o quê? Que você me enganou? Que me quebrou, que simplesmente destruiu o que tínhamos por conta de um bandido?

— Eu não falaria assim — Pierre disse.

— Quer que eu fale como, então? — perguntou para ele. — É o que você é, não é? Um bandido que destrói a vida das pessoas? Não é para isso que você sempre aparece, para acabar com alguém ou simplesmente...

Eu não vi quando o Pierre se preparou para atingir o rosto do Samuel, só sei que o soco foi bem no olho e ele ficaria inchado.

— Ah, seu filho da... — Ele não terminou de dizer e deu um soco no Samuel. — Eu a amava! Eu amava e você a tirou de mim!

— Eu não tirei nada de você!

Tentou dar outro soco nele, mas eu entrei no meio.

— Parem! Parem os dois! Parem agora! — Olhei para o Samuel. — Eu menti para você naquele dia! Eu nunca traí você com o Pierre. A primeira vez que eu o vi desde que começamos a ficar juntos, foi naquela noite em que trocamos socos.

— Por que eu ia acreditar?

— Não precisa, não mais — falei, piscando para controlar as lágrimas. — Eu não quero mais nada com você, não faz mais diferença se você acredita ou não.

Me virei para o Pierre.

— Desculpa por tudo isso. E a sua namorada?

— Ela teve um compromisso de urgência, pediu desculpas.

Assenti.

— Boa viagem. Só quero o melhor para você.

O abracei e saí sem olhar para o Samuel, entrei na viatura e segui os carros que estavam a minha espera.

Eu tinha coisas mais importantes a tratar do que a minha vida sentimental.

Samuel

Observei o carro sair e fiquei sem falar nada, mas ele disse.

— Ela te ama.

— Não...

— Ele te ama, eu conheço o olhar de uma mulher apaixonada e o olhar de uma mulher que está apaixonada, mas está decidida a seguir em frente sem o homem que ama.

— Por que está me dizendo isso? — perguntei, me virando para ele.

— Porque você pode ser mais esperto que eu e impedir que ela tome uma decisão da qual se arrependa depois.

— Você a ama — confirmei.

— Amo, amo muito. Geórgia é uma mulher fascinante, não tem como não a amar, mas não do jeito que você está pensando, amo como uma irmã, como uma amiga, não como mulher.

Eu não falei nada, apenas respirei fundo.

Ela mentiu.

A cena dela gritando comigo na porta da sede da Interpol, dizendo que havia me traído, estava marcada na minha cabeça e eu não conseguia esquecer. A pergunta era: por que ela tinha mentido para mim?

— Por que ele mentiria? — perguntei, mas a pergunta era para mim mesmo.

— Porque mentimos para nos proteger — uma voz feminina respondeu e eu olhei para trás, vendo uma ruiva andar até nós.

Ela sorriu e foi até o Pierre.

— O que aconteceu por aqui? — perguntou a ele.

— Acerto de contas — respondeu, beijando a testa dela.

— Espero que não tenha isso onde nós vamos.

— Garanto que não. — Olhou para mim. — Samuel, essa é a minha namorada, Ariane Laurent.

Assenti e meu celular tocou, chamando a atenção de todos.

— Fala, Samara — atendi.

— *Estamos chegando no local, precisamos de você aqui imediatamente, os bombeiros ficaram preso em um semáforo quebrado.*

— Estou indo. Risco de incêndio?

— *Em grande proporção.*

— Estou chegando.

Guardei o celular no bolso e me virei, mas a voz do Pierre me parou.

— Que incêndio?

— O homem que matou os pais da Geórgia sequestrou o filho do irmão dela. Ele quer matar o menino queimado.

Então me virei para ir para lá o mais rápido possível

CAPÍTULO VINTE E UM

Pierre

*Gostaria de ter conseguido
Conseguido dizer adeus
Eu teria dito o que queria dizer
Talvez, até chorado por você
Se eu soubesse que seria a última vez
Eu teria partido meu coração em dois
Tentando salvar uma parte de você
I'll Never Love Again – Lady Gaga*

— Eu sei o que você está pensando — Ariane falou, apertando a minha mão.

— Você me odiaria se eu fosse tentar fazer alguma coisa?

— Eu te odiaria se você não tentasse. Sabe por que eu me apaixonei por você?

— Por quê?

— Porque você quer salvar as pessoas, sempre quis, desde que era um bombeiro, então eu não te culpo se o seu instinto protetor fala mais altos nessas horas. Só volta pra mim, por favor.

— Eu sempre vou voltar para você, jamais esqueça disso.

Beijei seus lábios e corri pelo caminho que o Samuel tinha tomado.

— Samuel! — chamei e ele olhou para trás. — Eu posso ajudar.

— E como você vai fazer isso? — perguntou, abrindo a porta da viatura. — Já fui bombeiro.

Ele assentiu e entrou.

— Vamos logo.



O local estava lotado de carros e não havia lugar para pararmos.

— Desce, vou colocar o carro mais na frente. — Assenti e desci, indo até o local onde uma mulher loira chorava de desespero e um homem gritava.

— EU PRECISO SALVAR O MEU FILHO!

— Eu entro — falei e eles olharam para trás.

A Geórgia parecia surpresa ao me ver ali.

— Pierre! — Geórgia disse com cautela.

— Eu já trabalhei como bombeiro, vou entrar e tiro seu filho — falei para o homem que julguei ser o irmão da Geórgia, enquanto eu amarrava um pano na boca.

— Pierre, por favor...

— Relaxa, morena. — Olhei para a Geórgia, tentando passar segurança a ela. — Eu dou conta. Sabe que eu não vivo sem encarar o perigo. — Voltei a olhar para ele. — Sabe onde o menino está?

— Parecia um quarto, o gás está vazando, pode explodir e... e... Só tira o meu filho de lá, pelo amor de Deus! — a loira pediu aos soluços e eu assenti.

— Vou tirar. — Me virei para a Geórgia. — De olho no celular. Se eu não conseguir fazer com que saíamos pela porta, preciso que fale para os bombeiros colarem a cama elástica embaixo da janela do quarto que ele estiver. Vai dar certo.

Não esperei uma resposta sua, apenas corri para a casa e arrombei a porta, tentando enxergar algo no meio da fumaça. Encontrei as escadas já parcialmente cobertas pelas chamas e pensei em uma maneira de poder passar por elas. Olhei para os lados, porém, não achei nada que pudesse me ajudar, até o arco da cortina. Corri até a janela e puxei, tentando fazer a madeira ceder, consegui com muito esforço e me preparei para atravessar mais da

metade das escadas que estavam em chamas.

Contei até três e corri para pegar impulso, apoiando a madeira no chão e impulsionando meu corpo para cima.

Gritei de dor ao sentir o fogo consumindo as roupas da minha calça, pois não consegui pular longe o bastante. Urrei ao ver que a pele da perna esquerda estava queimada e a outra estava no mesmo processo.

Gemendo, caminhei vagarosamente ao andar de cima e vi o garoto amarrado.

— Está tudo bem? — perguntei a ele.

— Sim — falou quando eu o soltei. — Você vai pular por aquela janela e cair em cima de uma cama elástica.

— E você?

— Eu vou ficar bem.

Peguei o celular e liguei para a Geórgia.

— *Pierre!* — Sua voz era aflita.

— Escuta, morena! Não temos mais como sair pelo andar de baixo — gemi por conta da dor intensa. — Preste atenção. Eu preciso que você fale para os bombeiros irem para a segunda janela a partir da sua direita, certo? O mais rápido que vocês puderem. O fogo se alastrou muito rápido.

— *Como está o meu filho?* — Ouvi a voz da loira do outro lado.

— Ele está bem, vai ficar tudo bem. Só façam isso rápido. — Respirei fundo, mas foi impossível não gemer. — Pronto? — perguntei novamente.

— Calma — respondeu. Sabia que ela estava com medo, mas eu não podia mudar o curso das coisas agora. — Pronto.

— Escuta aqui, garoto, você vai correr — gemi novamente, era uma dor alucinante — por aquela janela, não precisa ter medo. Vai ter um colchão que vai te amparar. Seus pais estão lá embaixo.

— Tá bom — respondeu.

Desliguei o telefone.

— Pode ir.

— E você?

— Não consigo correr, minha perna está doendo, mas você pode se salvar.

— Não é justo — falou.

— Nada é justo, garoto. A mulher que eu amo acha que eu vou voltar pra ela para irmos embora do país. Infelizmente eu não vou. Agora vai logo.

Ele assentiu e se virou, caminhando para a varanda. Então ele pulou.

Me sentei no chão e disquei o número da Ariane.

Chamou umas cinco vezes antes que ela pudesse atender.

— *Meu amor, está tudo bem?* — perguntou.

— Só quero dizer que amo você.

— *Pierre, o que está acontecendo?*

— Eu amo você, Ariane, e eu quero que você seja muito feliz, você merece isso.

— *Pierre, do que você está falando?* — Fechei os olhos e deixei as lágrimas caírem. — *Meu amor, me responde, o que está acontecendo?*

— Amo você — falei e desliguei a chamada.

Então eu só ouvi uma explosão e tudo se apagou.

Ariane

Meu peito doía.

Não era o meu peito.

Era o meu coração.

Ele havia se quebrado em milhões de pedaços, se quebrado inteiramente, porque eu não sentia mais a presença dele comigo, eu não o sentia mais. Era impossível isso acontecer. Voltei a me sentar e tentei ligar novamente para ele, mas a chamada caiu na caixa-postal, tentei mais cinco vezes e nada.

— Não pode ser. Pierre, você não pode me deixar, eu não permito —

falei para mim mesma, enquanto falhava na missão de segurar as lágrimas, minhas mãos tremiam.

— Moça, você está bem? — o dono da lanchonete perguntou e eu neguei.

Mas naquele momento o plantão de notícias entrou no ar.

— *Informamos agora o caso do sequestro de Nicolas Brandão Maldonado, o garoto foi tirado da casa em chamas por um falsário conhecido como Pierre Dubois, procurado pela polícia francesa. Infelizmente Pierre não conseguiu sair da casa a tempo e a residência cedeu em cima dele.*

O ar dos meus pulmões faltou.

Eu perdi meu chão.

Meus olhos embaçaram e só consegui gritar, gritar de dor e desespero, gritar de medo e agonia.

— NÃO!

Fui amparada pelo dono da lanchonete e ele me apoiou para não cair no chão.

— Um copo de água para ela! Rápido!

— Você prometeu não me deixar, Pierre — falei. — Você prometeu, meu amor, você prometeu!

Eu estava desesperada, só conseguia pensar na minha dor, no meu

desespero.

Eu estava perdida.

O que eu faria agora sem o homem da minha vida?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Georgia

*Encontrei você quando seu coração estava partido
Eu enchi seu copo até ele transbordar
Fui tão longe para mantê-lo perto (mantê-lo você perto)
Eu estava com medo de deixá-lo sozinho*
Without Me - Halsey

Eu tentava me soltar do Samuel e correr para casa, mas era em vão.

— Geórgia, por favor, não adianta mais — sussurrou em meu ouvido.

— Ele se foi.

— Ele não pode ir, ele não pode... — Fechei os olhos e deixei as lágrimas caírem, uma parte do meu coração havia ido embora naquele instante.

Pierre sempre seria parte da minha vida, ele foi e ainda era importante

para mim. Saber que tinha sacrificado sua vida para salvar a de outra pessoa só aumentava o orgulho que eu tinha dele.

— Ele não precisava ter morrido.

— Sabemos que não, mas às vezes não podemos mudar o destino.

Ele me abraçou e eu apoiei a cabeça em seu peito, observando os bombeiros apagarem o fogo.

— Ele morreu como herói — falei.

— Sim, ele salvou a vida do Nicolas, não vamos deixar isso morrer, Geórgia.

Ergui o meu olhar para ele.

— Pensei que você odiava. Na verdade, pensei que me odiava.

— Eu não sei mais o que sinto, essa é a verdade. Eu estou uma confusão de sentimentos, mas acredito em você.

— Porque eu te falei a verdade. Se não fosse isso você continuaria pensando que eu te traía.

— Eu errei com você, errei com nós dois, errei quando me aproximei de você por conta de um pedido do Adrian, eu errei muito e não sei como me redimir com você.

— Assumir o erro é um é uma das primeiras coisas a se fazer.

— Será que ainda temos como consertar o passado?

— Não — falei, me afastando e secando as lágrimas. — O passado

não pode ser consertado.

— E o futuro? — perguntou.

— Eu não sei, Samuel, eu não sei mais de nada.

Então me virei e saí dali.

Eu não amava o Pierre como amava o Samuel, o tempo passa e alguns sentimentos mudam, outros não. A morte do Pierre me deixava triste, porque ele era uma pessoa que eu tinha um enorme carinho, tivemos algo e ele era importante para mim.

Mas também não sabia se podia seguir em frente com o Samuel. Eu precisava pensar, mas só teria tempo de pensar quando toda essa bagunça que estava em minha vida terminasse, e ela só acabaria quando o Bóris estivesse na cadeia.

Samuel

Erros fazem parte da nossa vida.

Todos erram.

Não somos perfeitos, estamos longe de atingir esse patamar.

O dia de hoje serviu para muitas coisas e uma delas foi para ter uma

certeza que eu não queria alimentar dentro de mim: eu não saberia viver sem a Geórgia.

Eu devia ter confiado nela anos antes, devia ter questionado cada palavra que ela me disse anos atrás, mas fui cegado pelo ciúme e por aquilo que apenas eu queria enxergar.

Só queria uma chance de consertar as coisas, mas depois do que eu fiz na última em que ficamos juntos eu duvidava que conseguiria o perdão daquela mulher.

Entrei no hospital e fui procurar a Verônica, a encontrei sentada no chão, encostada na parede.

— Verônica? — chamei, fazendo com que ela me olhasse e chorasse ainda mais.

— Samuel...

Me abaixei e a puxei para um abraço. Verônica era a pessoa mais forte que eu conhecia, e vê-la tão quebrada mexia comigo.

— Vai ficar tudo bem, baixinha. Vai ficar.

Acariciei seus cabelos enquanto ela chorava ainda mais.

— Não consigo pensar nisso, eu só consigo pensar que minha vida está rolando ladeira abaixo.

— Às vezes nossa vida só precisa de um empurrãozinho para entrar nos eixos.

— Não sinto isso — murmurou.

— Vai ficar tudo bem, Verônica, você vai ver. Você é forte!

— Eu não tenho mais tanta certeza disso.

Todos tinham problemas, não adianta achar que a grama do vizinho floresce mais que a sua se você não sabe o que ele passa todos os dias.



Eu digitava uma mensagem no celular e apagava, sem coragem para mandar. Perdi a conta de quantas vezes fiz isso nos últimos minutos. Acontece que eu sabia que precisava conversar com ela pessoalmente, mas só quando tudo isso acabasse, quando tudo isso chegasse ao fim. Eu só esperava que isso acontecesse logo.

Olhei para a Verônica e a vi abrindo os olhos.

— Conseguiu dormir? — perguntei, já guardando o celular.

— Um pouco — falou, se preparando para levantar.

— Está com fome?

— Estou sim — respondeu.

— Vem, vamos aproveitar que o Nicolas dormiu e procurar algo para você comer.

Estendi a mão para ela e a puxei.

Caminhamos pelo corredor do hospital em silêncio, fizemos nossos pedidos e nos sentamos.

— Vi sua mãe quando estava chegando — comentei.

— Sim, ela viu o noticiário e veio correndo para cá. — Ela estava distraída.

— Imagino que a conversa não tenha sido agradável.

— Me pergunto como minha mãe pode ser tão insuportável e inconveniente na maioria das vezes. Não faz sentido!

— Muitas coisas não fazem sentido, Verônica. — Segurei sua mão por cima da mesa. — Mas é o jeito de ela de dizer que está preocupada com você.

— Eu sei, mas mesmo assim, eu... — Fechou os olhos. — Ela não pensa antes de falar, sai atirando o seu rancor e ódio por todo lado.

— Vai ver sua mãe está precisando de um namorado.

Ela riu e eu sorri junto, ficando feliz por tê-la feito sorrir, mesmo que fosse um pouco.

— Duvido que exista um louco para cometer tal ato — brincou.

— Vai saber... mas conversa com ela. Vai fazer bem às duas.

— Eu vou tentar.

Ficamos em silêncio enquanto terminávamos de comer.

— Como está a Geórgia? — perguntou e eu respirei fundo, sabia que ela perguntaria sobre ela em algum momento.

— Péssima — respondi, abaixando a cabeça e brincando com um pedaço de guardanapo.

— Samuel, está tudo bem? — questionou, me analisando curiosamente.

— Está sim.

— Por que eu acho que você está me escondendo algo?

— Não estou escondendo nada — respondi, na defensiva.

— Tem certeza?

Eu ia negar mais uma vez, mas do que adiantava? No momento nada.

— É mais complicado do que você imagina — me limitei a responder.

— E por que você não me conta?

— Não estou pronto para isso.

E era a verdade. Também não sabia se algum dia conseguiria falar da Geórgia tão abertamente.

— Quando estiver, sabe que pode vir conversar comigo, não sabe?

— Sim. Obrigado por isso. — Sorri para ela.

Desviei meus olhos para a televisão e franzi o cenho.

— O que está passando ali na televisão? — Me levantei e fui até mais

perto.

“Estamos acompanhando ao vivo a perseguição que começou há alguns minutos. O carro que está sendo perseguido pela viatura da Polícia Federal é um Pálio branco. Pelas informações passadas para o nosso helicóptero, foi confirmada uma morte em um estacionamento subterrâneo, a polícia já está no local. O carro da polícia está sendo dirigido pelo Agente Guilherme Brandão e no banco do carona está a Agente especial da Interpol, Geórgia Chevalier.”

Meu coração parou e voltou a bater mais forte em questão de segundos, peguei meu celular do bolso e disquei o número da delegacia.

— O que está acontecendo?

— *Perseguição. O Bóris está fugindo e a Geórgia e o Guilherme estão atrás deles, mas a situação não é boa.*

— Estou indo para aí agora!

Não esperei resposta sua e desliguei o celular, voltando pra frente da TV, vendo a Verônica paralisada enquanto as câmeras mostravam as imagens em tempo real.

— Verônica, Verônica.

Tentei chamar, mas seus olhos presos na imagem me diziam que ela não me escutava. Até a voz do repórter chamar minha atenção.

— *Toda a informação que temos agora é de que a viatura perdeu o*

controle e rodopiou na pista, ultrapassando a barreira de segurança da pista, caindo na ribanceira. Não temos notícias dos policiais que estavam dentro do veículo, mas o corpo de bombeiros já está se encaminhando para o local, juntamente com o SAMU.

Verônica caiu no chão e eu amparei seu corpo, não sabendo lidar com meu próprio estado.



Verônica foi levada para o soro e eu tive que ir para a delegacia, e só havia conseguido sair agora. Precisava saber como a Geórgia estava, precisava descobrir se ela estava bem.

Havia um buraco dentro do meu peito, buraco esse formado há cinco anos quando nosso relacionamento entrou em colapso. Ele foi construído na base da mentira e enganação, porque eu era jovem demais para dizer não para o homem que deveria ser o meu pai, porque eu estava obedecendo a minha mãe.

Eu só precisava de mais uma oportunidade para consertar as coisas, mesmo que não ficássemos juntos, mesmo que seguissemos caminhos diferentes. Eu só precisava consertar esse erro.

— Verônica! — chamei seu nome assim que tornei a entrar na recepção do hospital. Ela me viu e veio me abraçar. — Como você está?

— Com medo. Acho que nunca tive tanto medo em minha vida.

— Vai ficar tudo bem, vamos ter fé. — Nos afastamos e beijei sua testa. — Como a senhora está, dona Rose? — perguntei para a mãe dela.

— Agora estou um pouco mais tranquila, mas aquele monstro teria feito algo comigo.

— O Guilherme não deixaria nada acontecer com a senhora — afirmei.

— Eu sei. — Ela suspirou e se levantou. — Vou até o refeitório comer algo, querem alguma coisa?

— Não, mãe, obrigada.

— Não se preocupe, Dona Rose, pode ir comer.

Ela assentiu e se afastou, nos sentamos e ela se virou pra mim.

— O que aconteceu?

Contei a ela o que a Samara havia me falado e ela balançou a cabeça, incrédula.

— O Kelton cortou os freios? — perguntou.

— Sim, a mando do Bóris. Ele tinha ordem para matar os dois, mas a delegada chegou a tempo de impedir.

— Mas não impediu o acidente — falou com pesar e fiquei calado. —
Eles vão pagar por isso.

— Vão sim — concordei. — A Geovana já entrou em contato com a Interpol, logo o Bóris será deportado para a Rússia, onde será julgado e condenado pelos seus crimes.

— É o que ele merece.

— Alguma notícia?

— Nada. A Geórgia está em cirurgia e não sei o estado do Guilherme.

— Vocês são parentes da Geórgia Chevalier? — um médico perguntou, se aproximando de nós.

— Amigos. Somos amigos — Verônica respondeu, já se levantando.
— Como ela está?

— Acabou de sair da sala de cirurgia. Devido ao acidente que sofreu, ela teve uma lesão no baço e tivemos que fazer a retirada dele.

— Mas ela corre algum risco? — questionei.

— Não. Conseguimos conter a hemorragia interna e agora é apenas repouso. Ela está dormindo nesse momento.

— Posso ir vê-la?

Verônica me olhou surpresa, mas ficou calada.

— Ela está na UTI, precisa ficar lá até acordar para ser levada para o

quarto.

— Tudo bem.

— Sheila — o médico chamou. — Acompanhe esse homem até a UTI, paciente Geórgia Chevalier.

— Pode deixar, doutor. Por aqui.

Segui a médica e vesti as roupas adequadas, sendo levado para a UTI.

— Ela está sedada e dormindo, você tem cinco minutos.

Assenti e abri a porta, caminhei até a cama e fiquei observando seus traços por algum tempo, segurei sua mão, mas eu não sabia por onde começar, muito menos o que poderia dizer, mas disse o que o meu coração mandava.

— Eu quero que você fique bem, para conversamos, para podermos resolver as coisas. Para decidirmos se vamos ou não seguir em frente juntos. Eu sei que errei, sei que fui imaturo. Talvez você tenha razão ao me chamar de criança, às vezes me comporto feito uma. Mas quero que você saiba que mesmo sendo tão jovem eu tenho uma certeza que levarei para a vida inteira. Eu amo você, mesmo não merecendo, mesmo tendo cometido erros que ao meu ver são imperdoáveis, mas eu ainda te amo. Cinco anos não foram suficientes para apagar o amor que sinto por você, e acredito que se ficarmos separados por décadas, meu coração sempre vai te reconhecer como a verdadeira dona dele.

Beijei sua mão e me afastei.

Eu precisava fazer as coisas darem certo dessa vez.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Ariane

*E eu
Estou me sentindo tão pequeno
Foi demais para minha cabeça
Eu sei absolutamente nada*

*E eu
Tropeçarei e cairei
Eu continuo aprendendo a amar
Estou apenas começando a engatinhar
Say Something – Christina Aguilera*

Devastada era a palavra certa para me definir naquele instante. Meu coração parecia estar esmagado dentro do peito, parecia que tudo estava quebrado dentro de mim. Minha vida não tinha mais nenhum sentido, muito menos um propósito.

Não era justo comigo, não era justo com a gente. Estávamos prestes a iniciar uma vida juntos, mudar nossas vidas e de repente ele foi tirado de mim, tirado de mim de uma maneira tão bruta e irreversível, que parecia ter aberto um buraco em meu peito.

Terminei de fechar as malas e mais lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Deus, como dói!

Eu pensei que já tivesse sentido essa dor quando a minha mãe morreu, mas essa era cem vezes pior, ela dilacerava minha alma de dentro para fora, me consumindo pouco a pouco.

Peguei as passagens em cima do criado-mudo e ir embora parecia tão inútil, porque para onde eu fosse a dor estaria comigo, ela não iria acabar de uma forma fácil e simples, muito menos em um estalar de dedos. Guardei as passagens dentro da bolsa e meu celular tocou, mas eu não queria falar com ninguém, eu só queria ficar sozinha com a minha dor, queria ter o meu momento, mesmo que ele fosse perdurar por anos. Mas esse número já havia me ligado três vezes antes e eu havia apenas ignorado. Peguei o celular e atendi, encerrando a chamada. Joguei o aparelho dentro da bolsa e peguei minhas coisas para sair do quarto.

Chamei o táxi e pedi que ele me levasse ao local que o Pierre havia morrido, não havia mais nada ali.

Fitas cercavam o local, mas não havia mais ninguém ali.

— Pode esperar aqui por um momento? — pedi e desci do carro.

Caminhei até o local em que estavam os destroços da casa e mais lágrimas caíram. Eu tinha a impressão de que elas nunca mais parariam.

Eu me culpava. Não pela sua morte, porque era parte dele querer proteger outras pessoas, sempre foi assim, mas eu me culpava por não ter ido atrás dele, me culpava porque eu queria ter passado mais tempo com ele, com o homem que eu amava.

— Sabia que te encontraria aqui.

Sequei as lágrimas e me virei para o Marcus, que usava um sobretudo preto e um chapéu.

— Um visual um pouco mórbido, não? — questionei. — Se pretendia passar despercebido você falhou miseravelmente.

— Pedi que te ligassem, mas você não atendeu nenhuma das minhas ligações.

— Desculpa, mas não estou em condição nenhuma de falar com você no momento.

— Lamento sua perda, Ariane, mas preciso que venha comigo a um local.

— Não vai rolar, Marcus, eu tenho um voo daqui a pouco.

— É importante, Ariane.

Neguei.

— Nada mais é importante para mim. Não mais.

Ele assentiu e se virou, mas me perguntei o que o havia trazido a São Paulo se seus negócios eram na Colômbia.

— Marcus — chamei e ele parou, se virando para me olhar.

— O que te trouxe a São Paulo.

Ele voltou a se aproximar de mim.

— É por esse motivo que eu preciso que venha comigo, Ariane — repetiu. — Eu preciso que veja com seus próprios olhos o que me trouxe aqui, acredito que possa te dar um pouco de ânimo. Não se preocupe com sua viagem, você ainda é minha protegida, ficará por minha conta.

— Me dê o endereço e eu peço ao motorista que me leve.

— Negativo. Pegue suas coisas, meu carro está logo ali, quero te levar pessoalmente.

Eu não tinha mais nada a perder, mesmo, então assenti e caminhei até o táxi. Expliquei o ocorrido e paguei a ele a corrida, indo até o Marcus.

— Estou pronta.

— Me acompanhe, senhorita.



Nós fomos para uma área afastada da cidade, parecia uma espécie de mansão, completamente rodeada de seguranças.

— Onde estamos? — perguntei, olhando pela janela do carro, mas não obtive resposta.

Paramos na frente da porta e alguém a abriu para mim. Agradei com um aceno de cabeça e segui o Marcus.

— O que está acontecendo, você pode me explicar?

Entramos na casa e ele parou, se virando para mim.

— Algumas coisas não têm explicação, Ariane. Sei que vai ter perguntas depois e estarei aqui para responder todas.

— Do que você está...

— E nós fizemos tudo que estava ao nosso alcance, mas não é uma situação fácil, muito menos simples, afinal, não somos um hospital, mas temos os melhores trabalhando para nós.

— Marcus...

Meu coração havia acelerado as batidas de repente.

— Me acompanhe.

Ele voltou a andar e eu o segui, passamos pela escadaria principal e seguimos para um corredor, havia mais segurança e um médico saiu de um quarto que havia mais a frente.

— Marcus, ele está estável agora, precisará de acompanhamento a todo momento.

— Obrigado, doutor.

— Deixei uma enfermeira com ele, qualquer coisa é só me ligar. —
Se virou par mim. — Senhorita — cumprimentou e foi embora.

— Marcus, por favor, não diga que é o que eu estou pensando.

— Venha, por favor.

Ele me guiou até o quarto que o médico estava e colocou a mão na maçaneta.

— Está pronta?

Eu não sabia o que estava ali, mas meu coração pulava de alegria por conta de pensamentos completamente sem noção. Porém, assenti.

A porta foi aberta e eu entrei no quarto.

O local era idêntico a um quarto de hospital, mais a frente havia uma cama, nela tinha um homem deitado, um homem completamente enfaixado e com várias máquinas ligadas ao seu corpo.

Pé ante pé eu me aproximei da cama, parando bem ao lado dela. A região dos olhos estava sem faixas, olhei para ele, completamente debilitado, e fixei os olhos em suas mãos, uma delas não estava enfaixada e eu imediatamente coloquei as mãos na boca, evitando o grito que queria sair.

Eu reconheceria essas tatuagens que apontavam em seu pulso,

subindo pelo dorso da mão em qualquer lugar.

— Não pode ser, isso é impossível, eu falei com ele... eu falei com ele antes de ele...

Eu não consegui completar a frase, voltei a chorar e me ajoelhei no chão, segurando sua mão.

— Ah, meu Deus, você está vivo. Eu não acredito, meu amor!

Beijei sua mão e fiquei ali com ele por alguns segundos, apenas chorando, ainda sem acreditar que estava ali.

Me levantei e enxuguei o rosto, me virando para a porta.

— Ele precisa descansar e eu sei que você precisa de respostas, venha comigo.

Beijei a testa dele e saí do quarto, completamente atônita.

Marcus me levou até uma sala de jantar, onde uma senhora colocava a mesa.

— Eu já trabalhei com o Pierre alguns anos antes, nos tornamos amigos e sempre mantivemos contato.

— Por isso se ofereceu para me proteger. Ele pediu.

— Sim, Pierre entrou em contato comigo logo após marcamos o jantar para tratarmos de negócios. Eu não imaginava que você fosse a mulher que ele procurava desesperadamente.

— E por esse motivo você me liberou tão fácil do acordo, porque eu

estava com ele — afirmei, tudo fazendo sentido na minha cabeça.

— Sim, eu sabia que você estaria tão protegida com ele quanto comigo.

— Mas eu ainda não entendi como ele está vivo.

— Eu tenho homens por todos os lados, Ariane, alguns deles querem levar uma vida normal, mas basta um chamado meu para que eles me atendam. Três desses homens são bombeiros aqui, dois deles encontraram o Pierre com vida e me contactaram imediatamente. Dei ordens expressas para que a imprensa continuasse a pensar que ele estava morto e a caminho do IML fizemos uma troca de corpos.

— Meu Deus!

— Não se preocupe quanto a isso também. Tenho uma pessoa de confiança que trabalhou para mim na confirmação de que o Pierre estava morto. Ele chegou aqui quase sem vida, tive que contactar médicos da minha confiança para que viesse cuidar dele. Infelizmente ele teve que amputar a perna esquerda.

Arregalei os olhos.

— Meu Deus!

— Ele não sofreu queimaduras graves, mas quebrou um braço, algumas costelas. Ele precisa de repouso e cuidados agora.

Assenti, minha cabeça tentando absorver todas as informações, mas

eu só conseguia pensar que ele estava vivo e voltaria para mim.

— De quem é essa casa? — perguntei.

— Do próprio Pierre. É como se fosse um hospital disfarçado, aqui ele tem tudo que precisa até estar completamente recuperado.

— Eu não sei o que dizer — falei, completamente incrédula.

— Apenas cuide dele. Todos aqui na casa sabem que você é, você tem passe livre para dar ordens aqui dentro.

— Entendi.

— Ariane?

— Sim?

— Talvez seja a hora de pensar em uma nova vida longe daqui. O Pierre está morto para o mundo, você sabe o que precisa fazer.

— Sim, eu sei. Obrigada por tudo, Marcus. Nunca vou cansar de agradecer.

— Não precisa, querida. Apenas cuide daquele cabeça dura.

Então se levantou e me deixou sozinha.

Voltei a chorar, mas agora era porque eu sabia que as coisas iriam mudar, e que milagres aconteciam.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Georgia

*Segure firme, eu ainda quero você
Volte ainda preciso de você
Deixe-me pegar sua mão, vou fazer tudo certo
Eu juro te amar toda a minha vida
Hold on – Chord Overstreet*

PARIS – FRANÇA

Duas semanas depois

As coisas mudam em uma fração de segundos, o curso da vida é do mesmo jeito. Em uma hora eu estava perseguindo o homem que havia destruído minha família quando eu era apenas uma criança indefesa, em outra

eu estava deitada em uma cama de hospital, com todo meu corpo doendo porque havia sofrido um grave acidente, acidente esse que quase tirou a vida do meu irmão, que agora se encontra em coma e não sabemos se ele vai acordar ou não.

A única coisa que me consolava era o fato de saber que o responsável por todas essas atrocidades estava preso e pagaria muito caro por cada crime que cometeu.

Eu estava recebendo visitas constantes, seja da Verônica, que estava arrasada com todo o ocorrido, até da minha tia, que mesmo com tudo que estava acontecendo, veio me ver. E principalmente do Samuel, que insistia que precisávamos conversar, mas eu não queria fazer isso agora, não podia. Eu queria colocar minha vida em ordem, mas qual era o sentido disso tudo, se no final, ele era a ordem que minha vida precisava?

Às vezes o amor é o sentimento mais confuso que o ser humano pode sentir, ao mesmo tempo que te faz querer estar perto, você quer se manter afastado para não se machucar. Mas amar é estar em queda livre e saber que outra pessoa estaria ali por você, eu só não sabia se estava pronta para dar esse salto.

Logo após receber alta no hospital a Interpol me convocou na sede, eu sabia que era sobre a missão, mas a minha vontade de vir era mínima, só que eu não podia desobedecer a ordem direta do diretor, por esse motivo ali

estava eu novamente.

Entrei na sede e fui direto para a sala do Adrian, ao chegar lá encontrei a Natalie e o Adrian conversando.

— Geórgia, bem-vinda — Natalie cumprimentou e eu assenti, entrando na sala.

— Então, eu vim, o que queriam comigo?

— Fazer um convite — Adrian falou.

— Que tipo de convite? — perguntei.

— Queremos que você volte a trabalhar inteiramente conosco — respondeu, se colocando de pé. — Você se saiu muito bem no caso dos mafiosos russos, apesar de tudo. É nossa melhor agente, Geórgia, queremos que volte.

— Vocês acham que é apenas estalar os dedos e eu volto? Eu tinha um objetivo, meu objetivo foi cumprido, o Bóris está na cadeia, vai pagar por todos os crimes que já cometeu na vida. Nada mais me prende à Interpol.

— Pense bem, Geórgia, essa é uma oportunidade que...

— Minha resposta é não, Adrian, por que continuar insistindo?

Ele assentiu e se virou para a Natalie, que sorria para ele.

— Isso não vai ficar assim, Natalie.

— Se você está dizendo... — respondeu ela e ele saiu da sala, então ela me olhou, respirando fundo. — Eu disse que você não aceitaria.

— Ele deveria ter te escutado. Enfim, eu já vou.

— Geórgia, espera — pediu, se levantando e vindo até mim. —
Queria te pedir desculpas.

— Por quê?

— Por causa de cinco anos atrás.

— Natalie, não...

— Sim, Geórgia. Eu julguei ser o melhor pra você naquela época, só
que eu não imaginava que você fosse realmente se apaixonar pelo Samuel.

— Já passou.

— Acho que não — falou, segurando minhas mãos. — Você ainda
guarda mágoa pelo que ele fez, e você ainda o ama, vejo isso.

Pisquei para não chorar.

— Como uma pessoa que vive para o trabalho e não tem tempo para
relacionamentos sabe tanto sobre o amor?

— Já parou pra pensar que eu posso já ter me apaixonado
perdidamente e simplesmente não deu certo?

— Por que nunca me contou?

— Porque eu só queria esquecer, não faz bem lembrar do que te
machucou e não é pra você.

— Vai ver o Samuel não é para mim também. — Dei de ombros e ela
negou.

— Ele contrariou o pai por sua causa.

— O quê?

— O Adrian é o pai do Samuel, Geórgia.

Fiquei chocada diante dessa informação e ela me puxou para sentarmos no sofá.

— Pai?

— Sim, só que o Samuel não o considera e nunca vai considerar.

Acredito que essa história ele mesmo tenha que te contar.

— Eu não imaginava.

— Não é algo que eles saiam espalhando. Enfim, tem que conversar com ele e dizer que ainda é apaixonada.

Neguei e sorri para ela.

— E você trata de sair desse escritório, precisa se apaixonar novamente.

— Essa burrice eu só cometi uma vez, não pretendo fazer novamente.

Sorri para ela e me levantei.

— Obrigada — falei e ela me abraçou.

— Sempre que precisar de mim, sabe onde me encontrar.

Me afastei e sorri, me virando, mas voltei a olhar para ela.

— Natalie?

— Sim?

— É o Adrian, não é? O homem que você ainda ama?

Ela me deu um sorriso fraco e caminhou até sua mesa.

— Tenho uns relatórios para terminar de redigir — disse, se sentando.

Sorri e assenti.

O silêncio dela valia mais que mil palavras.

Samuel

Eu estava organizando os arquivos no notebook, já se passavam das oito da noite, mas eu queria terminar logo isso e ficar sem preocupação, algo difícil já que era o que eu mais tinha nos últimos dias.

Havia quase três semanas que a Geórgia tinha recebido alta e até hoje não havíamos tido uma conversa, ela me evitava igual o diabo evitava a cruz, há alguns dias ela voltou da França, mas não disse nada a respeito com ninguém, apenas ficava na sala dela, em frente ao computador.

Eu não sabia se devia me aproximar, ou se deveria esperar que ela desse o primeiro passo, era a droga de uma sinuca de bico.

Passei as mãos pela cabeça e encostei as costas na cadeira.

— Trabalhar até tarde não deveria ser um hábito.

Me sentei ereto ao som de sua voz. Meus olhos pousaram nela e fiquei admirando por alguns segundos sua beleza.

— Não sabia que ainda estava na delegacia — falei, por fim.

— Não vi a hora passar — disse e ficamos nos olhando por um tempo.

Sabe aquela ideia de que um olhar fala mais que mil palavras? Os nossos transmitiam toda a mágoa, arrependimento, saudade e amor guardados durante todos aqueles anos.

— Será que a gente pode conversar? — perguntou.

— Sim, só vou desligar o computador — falei, já organizando tudo.

Caminhamos lado a lado para fora da delegacia.

— Vamos andar? — perguntou.

— Claro. — Depois eu voltaria para pegar o carro.

— Eu não sabia que o Adrian era seu pai — declarou após nos afastarmos da delegacia.

— Não o considero como pai, ele é apenas um nome que consta na minha certidão.

— Por isso nunca me contou?

— Sabe, Geórgia, quando eu fui para Paris anos atrás para fazer treinamento intenso na Interpol, cheguei a pensar que ele pudesse me tratar como filho, que pudéssemos conviver. Eu não dizia isso diretamente e nem

me enganava, mas lá no fundo, sabe, eu tinha esse desejo.

— Eu não entendo...

— Minha mãe teve um caso com o Adrian quando ele veio para o Brasil anos atrás, ela era camareira em um hotel de luxo e ele estava hospedado nesse hotel. Se envolveram, ele foi embora e ela passou uma gravidez sozinha. Então ele voltou, ela contou que o filho era dele e ele assumiu a paternidade, mas nunca foi pai de verdade.

— E você entrou na Interpol porque...

— Sempre quis ser policial, minha mãe contou isso ao Adrian e ele disse que eu tinha vaga ali dentro, se eu quisesse. Eu fui mais porque minha mãe insistiu. Ao chegar lá ele me deu uma missão, logo após o episódio em que torci...

— Quase quebrou, na verdade — disse, me interrompendo, e eu sorri.

— Enfim, depois daquele episódio ele me procurou e disse exatamente o que eu precisava fazer ali dentro, disse que todos os alunos passavam por um teste desses.

— Isso foi cruel.

— Eu pensei que a gente fosse iniciar um relacionamento de pai e filho, mas tudo que ele me falava era que eu precisava arrancar uma informação de você.

Parei porque ela tinha parado também.

— Nunca pensou em me contar?

— Várias vezes. Mas eu já estava envolvido com você em um nível que eu não imaginava ser possível.

Ela balançou a cabeça e voltou a andar, a segui.

— Então você se envolveu comigo porque precisava descobrir o paradeiro do Pierre, e eu era a única que poderia dar essa informação.

— Geórgia. — Segurei sua mão, fazendo com que ela parasse. — O Adrian nunca disse que eu precisava me envolver emocionalmente com você, ele disse que eu precisava ser seu amigo e conseguir uma pista sobre o Pierre, mas nunca disse nada sobre relacionamento.

— Então por que você...

— Porque eu me apaixonei completamente por você. Eu não conseguia mais controlar a atração que eu sentia, aquele dia em que eu beijei você pela primeira vez foi quando me dei conta de que não tinha mais volta para esse sentimento.

Ela piscou e voltou a me olhar.

— Você nunca me perguntou sobre o Pierre.

— Porque eu não queria que ele estivesse no meio da gente. Eu sempre soube que vocês tinham se envolvido, mas não ia perguntar nada a não ser que você quisesse me contar.

— No dia que vocês dois brigaram, você me acusou de nunca ter

falado sobre ele.

— Eu fiquei puto naquele dia por ter visto vocês dois juntos, o ciúme me corroeu e eu não raciocinei, deveria ter pensado.

— O que dizia ao Adrian todas as vezes que ele perguntava sobre o Pierre?

— Eu sempre dizia que você não sabia de nada, até o dia que você ouviu a conversa.

— Eu fiquei com muita raiva. Eu te amava tanto...

— Eu ainda amo você. — Segurei seu rosto e acariciei suas bochechas. — Eu pensei que seria capaz de amar outra mulher, Geórgia. Pensei que conseguiria te tirar da minha cabeça, mas cinco anos se passaram e você ainda está enraizada em mim de uma forma irreversível. Eu errei e me arrependo, te peço perdão por isso, mas não consigo viver mais sem você, *mon angel*. Eu te amo tanto, tanto, que me dói todos os dias saber que você me odeia.

— Samuel...

— Deixa eu terminar — pedi, colocando um dedo sobre seus lábios. — Eu agi feito uma criança naquela época, inconsequentemente e de forma irresponsável. Eu tinha apenas 19 anos, você foi a primeira e única mulher que eu amei, eu não tinha a quem pedir conselhos sobre relacionamentos, não tinha uma base para me espelhar. Aprendi com meu erro, ele me custou o

amor da minha vida, mas se existir uma chance, mínima que for, de você me perdoar e de a gente tentar novamente, eu não vou te decepcionar. A pergunta é: você ainda me ama?

Georgia

Amava.

Amava com cada célula do meu corpo e com parte dentro de mim a mágoa nunca seria maior que o amor, ele sempre prevaleceria no final.

Coloquei minhas mãos por cima das suas, que estavam em meu rosto.

— Eu amo você, Samuel. Com todos os erros e defeitos, eu amo você de uma forma que eu jamais pensei ser possível amar alguém, amo tanto que durante esses anos que ficamos longe eu pensei que fosse sufocar sem você. Pensei que nunca mais fosse te ver, mas o destino quis que a gente se reencontrasse e lidássemos com tudo isso. Eu errei com você também, e peço perdão por isso.

— Isso quer dizer que...

— Que não importa o passado, ou o que fez com que nos separássemos. Nosso futuro depende da gente, não podemos realmente voltar

no passado e consertar os erros, mas podemos mudar o futuro e eu só tenho certeza de uma coisa.

— De quê?

— Eu quero você no meu futuro, na minha vida, ao meu lado. Você aceita?

Ficamos nos olhando por um tempo, então ele se aproximou ainda mais de mim, a boca a centímetros da minha.

— Eu aceito.

Então ele me beijou e, finalmente eu soube que as coisas entrariam no ritmo correto.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ariane

*Então, querida, agora, me abrace amorosamente
Beije-me sob a luz de mil estrelas
Coloque sua cabeça sobre meu coração acelerado
Estou pensando alto
Talvez nós tenhamos encontrado o amor bem onde nós estamos
Thinking out loud – Ed Sheeran*

Dois meses depois

Eu observava o médico colocar a prótese da perna mecânica no Pierre e o ajudar a ficar de pé.

— Como se sente? — perguntou.

— Um pouco estranho — respondeu, tentando andar. — Eu vou me

acostumar, certo?

— Claro. Vai ser uma questão de adaptação.

Ele se virou para mim e sorriu, caminhando devagar até o local em que eu estava, até que chegou perto o suficiente para se apoiar em meus braços.

— Estava com saudades de caminhar até você.

Sorri, emocionada.

Os últimos meses não foram os mais fáceis. Muitas lágrimas derramadas, discussões e adaptações, mas isso nos tornou mais fortes para enfrentarmos qualquer desafio que pudesse surgir a partir de agora.

— Doutor, eu já estou livre? — perguntou, olhando para mim.

— Sim, mas sua namorada ficará responsável pela ajuda nos exercícios e todo o procedimento que precisar de ajuda.

— Entendido.

— Irei deixar os dois sozinhos.

O médico deixou o quarto e o Pierre sorriu.

— E agora? — perguntou e eu sorri ainda mais, o ajudei a caminhar até o sofá e nos sentamos.

Peguei minha bolsa e dei a ele o envelope.

— Documentos novos. Pierre Dubois está morto, tivemos que tentar outros métodos.

Ele abriu o envelope e sorriu.

— Pablo Laurent — disse, analisando a identidade.

— Precisávamos de um nome, espero que goste.

— Eu gostei.

Ele colocou o envelope no sofá e segurou minha mão.

— Como faremos agora?

— Bom, eu acho que antes de toda essa bagunça acontecer, nós íamos para Moscou. Nosso voo sai amanhã à noite.

— Acha seguro eu andar em aeroportos internacionais? — perguntei.

— Meu amor, você namora a mestre dos disfarces.

Ele sorriu.

— Mil perdões — desculpou-se e segurou minha mão, beijando o dorso. — Queria pedir uma coisa.

Sorri, porque eu sabia o que ele iria pedir. Por isso conversei com o Marcus a respeito.

— Diga.

— Preciso ver a Geórgia.

— Eu sei, por isso já resolvi tudo. Marquei um encontro com ela durante o pôr do sol em uma praça da cidade.

— Obrigado.

— Só quero saber se tem certeza de que quer fazer isso.

— Tenho. Ela precisa saber.

Assenti e me levantei.

— Hoje à noite. Não se esqueça.

Pierre

Eu pensei que morreria naquele dia. Pensei que nunca mais veria a mulher da minha vida, pensei que jamais poderia dizer a ela que a amava mais. Mas eu ganhei uma segunda chance e não iria desperdiçá-la. Ainda estava me acostumando com a perna mecânica, era uma sensação estranha estar sem um membro que sempre fez parte do meu corpo, mas antes uma perna do que a vida.

— Eles estão demorando, não?! — perguntei para a Ariane, que mexia no celular.

— Calma, eles devem estar chegando.

— Estão — falei ao avistar um casal caminhar de mãos dadas e sorrindo um para o outro.

Eu ficava imensamente feliz que eles tivessem se resolvido.

Me levantei ao lado da Ari e esperei que se aproximassem mais, então

abaixei a cabeça para que não me reconhecessem.

— Ariane Laurent. — Ouvi a voz da Geórgia. — Pensei que não estava mais no Brasil.

— Algumas coisas me fizeram estender a estadia.

— Fiquei curiosa para saber o que queria comigo.

— Tecnicamente não sou eu que quero — ela disse e eu levantei o rosto, fazendo a Geórgia ficar em choque.

— Impossível... — sussurrou e se aproximou de mim, tocando meu rosto e se afastando.

— Eu vi o prédio caindo e...

— Um milagre eu não ter morrido — falei.

— Eu não consigo entender como...

— É melhor não querer saber dos detalhes, Geórgia — Ariane sugeriu.

Ela assentiu e se virou para o namorado, que me encarava sem dizer nada.

— Você salvou aquele menino — disse por fim.

— Fiz o que eu achava certo — rebati.

— Salvou a vida do meu sobrinho, Pierre — Geórgia disse. — Nunca agradecerei o suficiente.

— Não precisa, já disse. — Segurei suas mãos. — Eu precisava que

você soubesse que eu estava vivo.

— Obrigada por me contar — agradeceu, me abraçando.

— Fique bem, morena. Quero que seja feliz.

— Você também. Aproveite muito essa segunda chance.

Se afastou de mim e foi para o lado do namorado, em seguida estendi a mão para a Arianne, que entrelaçou a dela na minha.

— Irei aproveitar.

— Para onde vão agora? — Samuel perguntou.

— Algum lugar de Moscou — Arianne respondeu.

— Mandem notícias — Geórgia pediu.

— Tentaremos — falei. — Até um dia.

— Até um dia.

Eles responderam e Arianne e eu demos as costas para eles, andando na direção contrária.

Abracei seu corpo e beijei o topo de sua cabeça.

— Está pronta para viver ao meu lado?

Ela me olhou e sorriu.

— Sempre.

Georgia

Observei os dois se afastando e me virei para o Samuel.

— Algumas coisas não se explicam — disse, beijando minha testa.

— Sabe, amor... — falei, abraçando-o e sorrindo.

— O quê?

— Algumas pessoas merecem um final feliz, mais do que os outros.

Olhei para o casal que se afastava, se misturando a multidão.

— Sim, eles merecem.

— Eu sempre pensei que conhecia o Pierre, mas o que eu conhecia era a mínima porção do que ele poderia ser. A Ariane o conhecia, de todas as maneiras possíveis.

Ele beijou meu rosto e me abraçou mais forte ainda.

— Temos as pessoas certas para nos completar.

— E você me completa — disse, sorrindo para ele.

— Disso eu já sabia. — Piscou para mim e eu gargalhei.

— Convencido.

Voltamos a andar, abraçados e sorrindo.

Minha vida sempre foi uma confusão, uma bagunça. Agora as coisas

estavam indo no curso certo, e eu não poderia estar mais feliz com isso.

Como falei, algumas pessoas merecem o seu final feliz.

Eu estava merecendo o meu.

EPÍLOGO

Ariane

*E tudo acontece por um motivo
É tudo uma bênção disfarçada
Eu costumava questionar quem eu era
Mas agora eu vejo
A resposta está nos seus olhos*

*Porque, querido, tudo que você é
É tudo que eu preciso
Você é tudo para mim
Querido, cada parte
É quem você deveria ser
Porque você foi feito pra mim
E você é tudo que eu preciso
Everything i need – Skylar Grey*

MOSCOU

3 meses depois

Coloquei a Lauren para dormir e beijei sua testa.

Nunca pensei que uma festa de batizado pudesse me consumir tanto.

— Estou morta — falei, me jogando em cima do sofá.

— Eu também — Pierre respondeu, se juntando a mim e me abraçando.

— Mais foi uma festa linda — declarei sorrindo. — Pena que a Geórgia e o Samuel não puderam vir.

— Nós os convidamos, mas eu entendo o motivo, eles não querem arriscar.

— Eles já nos ajudaram tanto.

— Sim — concordou e beijou o topo da minha cabeça.

Durante os últimos anos nos estabilizamos em Moscou, arrumamos emprego e compramos uma casa, estávamos em uma verdadeira lua de mel e até arriscamos mostrar Moscou para a Geórgia e o Samuel quando eles vieram para cá, em lua de Mel, uns dois anos antes.

Mas foi muito arriscado. Eu fui reconhecida e tivemos que dar uma sumida, adotei mais um disfarce e hoje mantemos contato apenas por e-mail e algumas mensagens.

— Acha que um dia a gente vai parar de fugir? — perguntou.

— Não sei... quem sabe? Não podemos prever o futuro, mas acho que temos que ter a consciência de que um dia poderemos ser descobertos — falei.

— Só me preocupo com a Lauren.

— Nossa filha vai ficar bem, estamos protegendo-a.

— É por isso que eu te amo, sabia?!

— Por quê?

— Sempre pensa em tudo.

Sorri e me levantei.

— Meu amor, somos uma dupla imbatível, você o maior falsário de todos os tempos e eu sou uma mestre nos disfarces, sempre temos que pensar em tudo.

Ele se levantou e me pegou no colo.

— Amo você, Ariane.

— Eu também amo você.

Então nos beijamos.

O futuro não pertencia a nós dois, se um dia a justiça nos pegasse, estaríamos prontos para enfrentá-la, mas por ora queríamos apenas curtir o presente, porque esse era o que importava no momento.

Georgia

Sorri ao ler a mensagem da Arianne e ver a foto da Lauren. Ela estava linda e o batizado foi um charme.

“Ficamos tristes que não pudemos vir, mas entendemos. Obrigada pelo presente maravilhoso que mandaram para a Lauren. Esperamos nos encontrar um dia. Beijos.

A&P”

Pablo Laurent e Arianne Laurent.

Sorri e me levantei, indo para a cozinha onde o Samuel preparava o café.

— Viu o e-mail da Arianne? — perguntei, abrindo a geladeira e pegando o leite.

— Vi sim. Ainda fiquei pensando se não tínhamos mesmo como ir.

— Era arriscado.

— Sim — disse, se aproximando e me dando um beijo. — Bom dia, amor.

— Bom dia, querido.

— O que temos para hoje? — perguntou, fechando a garrafa e me

entregando uma xícara de café.

— Plantão na delegacia — respondi.

— Quer que eu vá? — indagou.

— Não precisa, fica com a Nanda.

Tomei meu café e o beijei.

— Mamãe, mamãe!

Olhei para a porta da cozinha e sorri ao ver minha princesa caminhando até nós dois com os olhinhos inchados.

— Bom dia, meu amor — falei, beijando seu rosto e a pegando no colo.

— Fome! — ela disse.

— Papai vai preparar seu café. A mamãe vai trabalhar e depois que eu chegar a gente vai brincar.

— Promete?

— Com toda certeza — confirmei, colocando-a na cadeirinha e beijando sua testa.

Voltei para o Samuel e o beijei.

— Cuidado.

— Pode deixar. Vamos nos divertir bastante. Te amo, querida.

— Também te amo.

Dei mais um selinho nele e beijei a Nanda mais uma vez.

Peguei minha bolsa e a chave do carro no caminho para a saída.

Entrei no carro e ajustei o retrovisor, colocando os óculos escuros no rosto.

Dizem que depois da tempestade sempre vem a calmaria, quem criou essa expressão não poderia estar mais certo.

Nossa história estava longe de acabar, mas o futuro era incerto e no final o que importava era o presente, e isso... isso era a melhor coisa que eu tinha no momento.





AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de escrever e mostrar a vocês o meu trabalho.

Aos meus pais e minhas irmãs por todo o apoio, carinho e compreensão, sem vocês eu não teria terminado este livro.

Josilene, minha melhor amiga, obrigada por aguentar meus surtos de vez em quando, te amo!

Amberly, minha amiga querida, nem sei por onde começar a te agradecer, além de ter betado esse livro, me ajudou várias vezes quando eu travava em algumas cenas, obrigada por toda sua ajuda!

Hellen Caroline, um anjo em forma de revisora na minha vida, obrigada por ter dado o toque final que esse livro precisava!

Minhas leitoras do wattpad, do grupo do face, do whats, obrigada por não terem desistido de mim, espero que tenham valido a pena no final.

E a você leitor, que esperou ansiosamente por esse livro, muito obrigada!



SOBRE A AUTORA

Juju figueiredo, pseudônimo de Alice Lima, tem 21 anos, ex estudante de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Apaixonada por romances e pela escrita. Escreve desde os 14 anos de idade, porém só se aventurou a publicá-los quando tinha 17 anos. Publicou seu primeiro livro na Amazon, Apenas mais um CEO, em março de 2019. Possui mais obras completas e sendo escritas na plataforma wattpad.

[Página da Autora](#)

[Instagram](#)

[perfil wattad](#)

E-mail: autorajujufigueredo@gmail.com

[Grupo facebook](#)

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

Duologia CEO

Um CEO em busca do amor - <https://amzn.to/2ZU4e0w>

Um CEO em busca do amor - <https://amzn.to/2ZU4e0w>

Trilogia Recomeços

Simplemente amor - <https://amzn.to/2tzDgQ4>

Entre Girassóis - <https://amzn.to/2ZSjMBY>

Sobre cacos de Vidro: <https://amzn.to/2Flw5O3>

Serie Envolvente

Meu Professor Envolvente - <https://amzn.to/2Qr6rxw>

Meu Juiz Envolvente - <https://amzn.to/2ZR9G4s>

Meu Médico Envolvente - <https://amzn.to/35vGNMB>

Meu Policial Envolvente - <https://amzn.to/35jBJL2>

Livro único

Meu Conto de Fadas - <https://amzn.to/2sQ8p1l>

O concerto:



- [\[1\]](#) Senhorita
- [\[2\]](#) Obrigada
- [\[3\]](#) Meu anjo em francês